

H. G.
20903



CRÓNICAS E MEMÓRIAS

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

VOLUME II

PORTUCALENSE EDITORA
P. Liberdade, 24 - PÓRTO

2180 1/2 2 1/2

XXXXXXXXXX

—

11 3/4 1/2

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFINAS GRAFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINEIRO
BARCELLOS

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS —————

DEP. LEG.

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPILADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO

150634

NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direcção de

DAMIÃO PERES

Professor da Universidade de Coimbra



VOLUME II

PÓRTO

1 9 4 2

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPLADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO

130834



NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direção de
DAMIÃO PERES
Professor de Universidade de Coimbra

VOLUME II

BRITO
1942

RELACÃO

NAUFRÁGIO DA NAU CONCEIÇÃO

III

Naufrágio da
nau CONCEIÇÃO em 1555

DAVID KANGEL

1955

III

Registro da
na CONCEIÇÃO em 1855

RELAÇÃO
DO
NAUFRÁGIO DA NAU CONCEIÇÃO
DE QUE ERA CAPITÃO
FRANCISCO NOBRE

*A qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos
aos 22 dias do mês de Agosto de 1555*

ESCRITA

POR

MANOEL RANGEL

*O qual se achou no dito naufrágio e foi depois
ter a Cochim em Janeiro de 1557*

H. G. / 30903

RELAÇÃO

DO

NAUTRABO DA NAU CONCEIÇÃO

DE QUE ERA CAPITÃO

FRANCISCO NOBRE

A qual se pertence aos paizes de Porto das Boas
nos 25 dias do mês de Agosto de 1755

ESCRITA

POR

MANOEL RANGEL

O qual se achou no dito Nautrabo e foi designado
pelo Conselho em Junho de 1757

Naufração da nau Conceição nos baixos de Pero dos Banhos no ano de 1555

No ano de 1555, ao primeiro dia do mês de Abril, se fez o alardo em aquella praia de Belém (ou de lágrimas). Acabando nós todos de ouvir missa, deram tôdas as naus que iam para esta comprida viagem da Índia à vela, as quais eram cinco, e de tôdas ia por capitão-mór D. Leonardo de Sousa, na nau *Galega*, e em sua companhia as naus *S. Pedro*, *Assunção*, *S. Felipe* e esta nossa mal afortunada por nome *Conceição*, em que ia por capitão Francisco Nobre e por piloto Afonso Pires, todos moradores de Lisboa. Dando tôdas as naus à vela aquêl dia com muito contentamento pelo bom tempo que tínhamos (que êle nos fazia esquecer parte de nossas saudades), assim com êle viemos até às Canárias, que a oito dias de nossa partida havemos vista da Palma, e D. Leonardo se apartou então de nós e se lançou pela outra banda da Palma, donde o perdemos de vista, de maneira que nunca o pudemos mais ver em tôda a viagem; e passando por diante saímos na costa de S. Tomé, e aí encon-

trámos tantos ventos contrários, que em quarenta e três dias não andámos cousa alguma, e sempre nos achávamos em três graus em todos estes quarenta e três dias, da linha de Portugal da parte do Norte, donde quis Nosso Senhor que passássemos.

Aos dezoito de Julho houve vista do Cabo da Boa Esperança, onde nos houveramos de perder, porque estávamos entre o Cabo Falso e o Cabo das Agulhas, e o piloto e o mestre, não conhecendo a terra, foram-se assim metendo com a nau na enseada; e quis Nosso Senhor que donde o vento ventava Sul se mudasse ao Noroeste com o qual saímos dali, e logo caminhámos nosso caminho direito sem nunca termos (louvado seja Deus) senão bonança, e fomos assim dois ou três dias na volta do mar, onde houveram conselho se iríamos por fora ou por dentro. Determinaram de ir por fora da ilha de S. Lourenço, por onde trouxemos tão bons tempos, que a vinte e um de Agosto nos achámos tanto avante como em seis graus da linha da Índia, onde a nau *Conceição* acabou suas viagens (como adiante direi), a qual era uma das melhores naus que havia no reino, segundo o parecer dos que continuavam a carreira da Índia, que bem o entendiam.

Estando nós assim tão perto da linha da Índia com todo prazer e contentamento de todos, que são bem alheios aos muitos enfadamentos que consigo traz tão comprida viagem, o sol e terra ali mostraram ser mui demasiadamente quentes, de maneira que a gente tôdas as tardes se assentava por cima das antenas, onde, vindo nós uma quarta-feira à tarde com vento à popa e bonança, olharam umas pessoas para a água e viram que era muito verde e amassada, e logo disseram que estávamos perto de alguns baixos; mas como quer que estas cousas e outras semelhantes carregavam sobre o piloto, e víamos que elle as via e que se calava, cuidávamos que não seria nada, e à noite viraríamos. Vinha nesta nau

um Cristóvão Lopes por estrinheiro, que era corrente nesta carreira da Índia; tanto que lhe disseram que ali havia água verde (a qual não podia ver por vir doente), começou logo de se agastar, e disse: «Água verde não é bom sinal, porque em tal paragem como esta não há água verde». Passou assim aquela tarde até à noite, onde nos acudiram tantos pássaros, que cobriam o céu; mas nós todos vimos que o piloto estava tão descansado como homem que governava seguro. Foi-se cada um recolher a seu gasalhado; a noite era muito serena e fazia luar claro com pouco vento à popa, que em irem assim as velas passou o quarto de prima, e mandou o piloto então tomar o traquete da gávea e o da proa. Ficou a nau com a vela grande, traquete e cevadeira dadas, sem querer amainar nem virar em outro bordo. Vendo que era noite, e os pássaros que nos seguiam cada vez mais, e o ponto que levava o dito piloto ia dar connosco em os baixos, e segundo diziam que se não fiava no seu ponto nem no seu sol, e trazia dois pontos, pelo seu sol e outro na fantasia, Afonso Pires, guardião, que carteava sempre o sol, quando viu tantos pássaros por cima de nós e que o piloto não virava em outro bordo ou amainava, foi-se ao seu camarote com uma candeia acesa e cartou; e tanto que viu que pelo seu ponto íamos dar nos baixos, lançou o compasso das mãos e a carta, e logo subiu ao convés da nau e disse: «Valha-nos Nossa Senhora, que esta noite corremos grande risco, porque vamos dar por cima de uns baixos». E todavia aguardou mais até ver se o piloto queria virar em outro bordo, e tanto que viu que não mandava virar, lhe disse: «Piloto, olhai o que fazeis, que esta noite me faço com uns baixos». E a isto lhe respondeu o piloto: «Ide mandar os grumetes ao convés, que eu sei o que nisto faço».

Tornou-se então o guardião para baixo à estrinca, a cartear, e achou o mesmo ponto, e foi-se onde estava o

capitão, e disseram-lhe que estava dormindo. Disse êle então que o acordassem, e não o quiseram acordar; e quando êle viu isto pôs-se em cima de um camarote do feitor a vigiar, e o piloto daí a meia hora mandou pôr a mão à estrinca e lançou o prumo ao mar; e eram as correntes tão grandes, que assim como iam largando o cordel, assim levava a água a nau de mar em través, de maneira que êle sentiu correr o prumo, e não quis olhar o chumbo por lhe parecer que não havia ali fundo, e deixou-se assim ir, como se fôsse pelo mar de Espanha, sem temer baixos; e os pássaros eram de cada vez mais e nos seguiam.

Chamavam a êstes pássaros garajaus, e tinhosas a outros, que certo nos não ouvíamos na nau com os brados deles; e quando o guardião viu cada vez mais a multidão deles, mandou dizer por um moço outra vez ao piloto que visse o que fazia, que à meia noite se fazia com os baixos, e o piloto não quis dar ouvidos a isso. E certo — quando cuidou que aquella tarde, estando o piloto com o mestre, lhe disse o mestre, ao tomar do sol, «Hoje me achei vinte e quatro léguas dêstes baixos», e pela estimativa do que a nau podia andar achava que ao quarto da prima rendido estaríamos quatro léguas dêstes baixos, — estar êle tão descuidado e fora do que lhe convinha, e à salvação de todos, não há que dizer senão que Nosso Senhor permitia tal cegueira por nossos muitos pecados.

Estando, no meio do quarto de prima rendido, vigiando, um bombardeiro a que chamavam Jorge Gonçalves, tanto que viu que os pássaros eram muitos, e o que dizia o guardião ao piloto, veio-se ao cabrestante da nau, chorando, e disse aos que achou acordados, desta maneira: «Homens, somos perdidos, valha-nos Nossa Senhora»; e nisto lhe responderam algumas pessoas que se calasse, e não falasse nisso; e porque êle não era certo na carreira, não lhe deram orelhas ao que dizia; e assim,

com tôdas estas cousas que viram, não aproveitou nada, que em tudo os cegou seu pecado, e a todos nos parecia que o pilôto ouvia estes clamores, e que êle sabia nisso o que fazia. E desta maneira, indo a nau *Conceição* com vento à popa e mar bonança, com as velas tôdas dadas, ao quarto da madorna, dois relógios rendidos, deu uma muito grande pancada, que pareceu de todo se espedaçava.

Tanto que a nau deu esta pancada, logo da gente que dormia em catres caíram alguns deles, com a grande pancada que a nau deu, e nos pareceu que virava de todo, e muitas pessoas se não puderam sustentar em pé, que caíam para uma parte e para a outra, e pegavam-se às latas; e tanto que vimos que a nau daquela maneira tocava, todos, grandes e pequenos, chamaram por Nossa Senhora, com uma grita que nos não ouvíamos uns aos outros, chorando e pedindo misericórdia a Nosso Senhor de nossos pecados, com vozes tão altas, que parecia que se fundia o céu, e todos tínhamos aquela pela derradeira hora da nossa vida.

O pranto que assim todos fazíamos era de maneira, que não havia homem que soubesse dar conta de si, senão tão pasmados que nos pareceu que assim como a nau deu aquela pancada, assim nos havíamos de ir ao fundo; e foi tão grande que quási esmorecemos, e logo após esta pancada deu outra muito grande, que certo era pasmo ouvi-las. E nisto mandou o pilôto arribar com a nau, e o marinheiro que ia ao leme lhe respondeu: «Já não há aí leme». E tanto que lhe disse do leme, mandou amainar; e aí não havia marinheiro, nem quem fôsse amainar, nem entendimento para isso e assim andavam todos fora dos seus juízos, e muito mal amainaram a vela grande, e não puderam amainar o traquete e cevadeira; e nisto mandou o pilôto lançar âncora, e não estava abocada, e tanto que a largaram roçou logo o cabo pela mão, e a nau com

o traquete e cevadeira dada passou por cima da frágua, pelo vento ser fresco, e seria de quatro ou cinco braças por onde a nau passou; e assim veio a nau dando pancadas, caindo a uma e outra parte, de maneira que para nenhuma se podiam ter em pé e pegavam-se uns aos outros; e neste comenos lançaram outra âncora ao mar e surgimos em alto, e tanto que o contra-mestre viu que a nau se ia ao fundo com a muita água que fazia, foi dar um pique ao cabo da âncora, e fomos assim com a nau por cima dos baixos, tocando, bem duas léguas, indo assim todos gritando por Nossa Senhora que nos valesse.

O pranto e grita que a gente fazia punha tanto medo, que nos parecia acabarmos logo, e todos pegados com os cruxifixos e retábulos que levávamos, abraçando-nos com êles, pedindo a Nosso Senhor perdão de nossas culpas e pecados, confessando-nos aos Apóstolos que iam em nossa companhia; e era a pressa de maneira, que não dávamos lugar uns aos outros, e abraçavam-se com grande irmandade e choros; e vendo já que não tínhamos nenhuma salvação, se foi Afonso Pires, o guardião, abaixo da coberta com alguns marinheiros, que foram ajudar a arrombar pipas para ficar a nau mais leve; mas pouco aproveitava, que a nau era de todo arrombada, porque a não podiam já esgotar com tôdas as bombas, por ter já dadas quatro ou cinco pancadas.

Tanto que vimos que já não tínhamos remédio nenhum de salvação, senão aquêles que Nosso Senhor milagrosamente nos quisesse dar, o mestre, piloto e contra-mestre de todo perderam o acôrdo, e o guardião se foi abaixo com alguns marinheiros a lançar as escotilhas fora para tirar o batel, porque vinha debaixo da coberta, e quando acabaram de tirar fora foi a tempo que já a nau era de todo arrombada, que se mais tardaram um quarto de relógio o não puderam tirar; e podemos dizer, com muita verdade, que Nosso Senhor o tirou arriba, que as fôrças

da gente não bastavam a cada um as suas para se ter em pé, que tamanho desmaio tínhamos vendo-nos assim de noite no meio do mar, com a nau de todo arrombada e cheia de água, com grande escuro, sem vermos terra nenhuma, somente as grandes pancadas que a nau dava; assim que tôda aquella noite passámos com êstes tragos da morte, desde o quarto da madorna até pela manhã, que nos deu vista da estrêla da alva.

E tanto que safu a estrêla da alva, que deu alguma claridade, vimos junto de nós o rolão e escuma dos mares que quebravam nas pedras; logo tivemos algum repouso, inda que pouco, porque até então era o escuro tão grande, que a claridade da estrêla não era tanta que pudessemos enxergar nada, mas cuidávamos que eram algumas pedras brancas. Logo procurámos por algum mantimento, especialmente água e biscouto, que, despois do batel fora, a alguns nos pareceu que nos podíamos salvar, e logo nos fomos a um paiol a encher sacos de biscouto, e pelas câmeras a tirar barris de água para cima para a tolda da nau, que por baixo era tôda quebrada e arrombada, e salvámos o mais mantimento que pudemos entretanto que o tempo nos deu lugar, e púnhamos tudo em cima da coberta do chapitéu.

Tanto que amanheceu vimos junto de nós um pedaço de terra, que estava tão baixo, que quasi o não enxergávamos, e vimos neste pedaço de terra muitos pássaros brancos com as pontas das asas pretas, a que chamam alcatrazes; e tanto que assim vimos aquêlê pedaço de terra demos muitas graças a Nosso Senhor, por vermos em tempo de tanto trabalho aquêlê pedaço de terra, ainda que a tínhamos por alagadiça, mas contudo nos achávamos por muito ditosos, porque ali nos parecia que com duas horas que podíamos ter de vida pediríamos perdão a Deus de nossos pecados até à enchente da maré. E tanto que vimos tempo para lançar gente da nau fora,

começámos a levar no batel e esquife a mais que pudemos; e neste comenos se deixou vir vento e corrente com a água, que não podia o batel chegar à nau; e vendo a gente, que em a nau estava, como o batel não podia tornar com as correntes da água, se lançavam a nado e iam por cima das pedras, de que ficavam maltratados por os mares serem grandes e quebrarem nas pedras; e os que não podiam aferrar a terra os tomava o batel que estava sobre ponta, por não poder ir à nau; e tanto que o tempo deu lugar e a água, foram os bateis à nau buscar mantimento e algumas pessoas que não sabiam nadar, e nisto se cerrou a noite e varámos o esquife em terra, e o batel grande ficou no mar com os cofres del-Rei, onde ficou o contra-mestre com alguns marinheiros; e neste tempo ajuntámos todos os mantimentos e fizemos uma choupana com uma vela, e por aquella noite nos agasalhámos com assaz contentamento, por nos vermos em tal trabalho.

Tanto que ao outro dia amanheceu, logo lançaram o esquife ao mar, dizendo que queriam ir à nau buscar mais mantimento, e madeira para acrescentaram o batel grande e esquife, onde se meteu o capitão Francisco Nobre e o pilôto, mestre e guardião e alguns marinheiros, e Afonso da Gama; onde levou o mestre consigo um sobrinho e dois cunhados seus, porque já de terra levavam determinado fugirem no batel; e logo levaram consigo os carpinteiros e calafates, dizendo que eram lá necessários, e com esta manha se embarcaram e foram à nau. E depois que lá foram meteram o mantimento que estava no chapitêu da nau, e começaram a fazer arrombadas ao batel grande para se acolherem. Enquanto nisto andavam se meteu Afonso da Gama no esquife com o guardião e alguns marinheiros, e vieram para terra, e, segundo nos pareceu, vinha tomar algumas pessoas com quem tinha razão; porém não se atreveram a sair fora com temor de lhes tomarmos o esquife, e tornaram-se outra vez para

onde estava o batel grande, onde vimos claramente como faziam arrombadas ao dito batel para fugirem e nos deixarem. E tanto que vimos que se queriam ir, começámos de nos agastar, parecendo-nos que levando-nos os batéis nos acabavam de matar de todo; porque até os não vermos partir parecia-nos que ainda viriam à terra tomar algumas pessoas; mas tanto que vimos que estavam todo o dia nos batéis sem vir à terra, nos ajuntámos todos à vista da nau e tomámos uma bandeira, para de todo acabarmos de saber se iam ou não; mas algumas pessoas a quem elles tinham prometido de levar consigo não o quiseram consentir, e logo se despediram quatro ou cinco homens, e entre estes um sobrinho do mestre, e se lançaram a nado e foram à nau. E tanto que os do batel viram que se lançavam a nado, logo se desamarraram da nau e foram-se afastando pouco a pouco, por se não botar tôda a gente ao mar; e estando assim afastados lançaram fanteixa, para ali acabarem de fazer as arrombadas, e os homens que se botaram a nado estiveram esperando que os viessem tomar. E tanto que viram que se vinha a noite chegando tornaram com o esquife à nau a buscar um mastro e os homens que estavam nela; e isto era já tanto de noite, que já os não enxergávamos de terra, e assim pusemos vigias ao redor da ilha, por que se saíssem à terra lhes tomássemos o esquife, e além disto pusemos também guarda em D. Álvaro, sobrinho do conde da Castanheira, que o não viessem tomar de noite; de maneira que aquella noite nos agasalhámos com assaz descontentamento por nos vermos em tamanho desamparo em um pedaço de areia, no meio do mar, com pouca esperança de socorro humano, tendo-a só em Deus.

Tanto que amanheceu olhámos para o mar se víamos o batel grande ou o esquife, e nenhum vimos; assim que na noite passada se foram sem nos deixarem nenhum remédio, de maneira que foi outro segundo pranto então,

pelos barcos que nos levavam; porém ainda cuidávamos que não poderiam levar ambos, e que o esquite ficaria em algures; e assim estávamos com alguma esperança de remédio para nêle se poder ir à nau tirar algum mantimento e madeira, para fazermos alguma cousa em que alguns se pudessem salvar; mas como quer que já era escusado o remédio que esperávamos, senão somente o de Deus, ordenámos pôr regra sôbre nossas vidas em o mantimento, e ordem a tudo, para que dela pudéssemos receber o que Deus quisesse determinar. Pelo que, demos ordem em fazer logo capitão a quem déssemos obediência, e foi eleito D. Álvaro de Ataíde, sobrinho do conde da Castanheira, homem mancebo, de idade de vinte anos, de boa condição e amigo de todos, mas não era para o cargo que lhe demos, por não ser temido e ser juntamente mancebo.

Tanto que foi feito capitão mandou logo arrecadar os mantimentos que aí havia todos juntos, e fomos logo ao longo do mar, onde foram algumas pessoas a nado a tomar algumas pipas de vinho, que acertavam de vir por cima das pedras à terra (que foi aquêlê dia que desapareceram os batéis), e tomámos oito pipas de vinho e alguns quatrocentos queijos de Alentejo e perto de uma pipa de azeitonas, e tomámos muitos panos, mas vinham muito rotos das pedras, e assim algumas antenas que o mar lançou fora, e muitas aduelas e alguns paus da nau; e nisto gastámos todo o dia. E quando foi ao outro nos lançou o mar fora um pedaço de chapitêu da nau.

Assim desta maneira nos lançava Nosso Senhor o que nos fazia mister, sem ter nenhum batel para com êle tomarmos mantimento e madeira; e tanto que Deus nos mandou madeira e mantimento, determinámos, com alguns marinheiros que ali ficaram, de fazer alguma embarcação em que coubéssemos sessenta ou setenta pessoas; e logo determinaram de ir à nau em uma jangada, que fizeram

de uma antena, a tirar madeira; e logo elegeram por mestre a um marinheiro para fazer o barco, a quem chamavam Braz Gonçalves, natural de Vila do Conde; e enquanto se fêz a jangada se desfez a nau, pelo que nunca mais apareceu tábua, nem pau; e logo se fêz a quilha de uma antena, que tinha vinte e três palmos, e por não termos liames para fazer o navio, o fizemos de liames direitos. Não havia tabuado que servisse mais que para o fundo, que para o mais não achávamos madeira, e foi necessário que fizéssemos uma serra, porque de outra maneira não se podia fazer, e quis Nosso Senhor que ferreiro e sapateiro viessem em nossa companhia, que de uma espada a fizemos, e aí achamos uma cana da Índia da qual fizemos uns canos de foles, e estes se fizeram de umas peles que o mar lançou fora, e o sapateiro os coseu, e com a serra se serrou alguma madeira para fazer o barco; e aí não havia quem soubesse bem serrar, mas alguns de nós nos pusemos ao trabalho, e, não como de bons mestres, serrámos algumas tábuas e paus, com que foi feita a embarcação, e ainda que o marinheiro que a ordenava nunca tomara machado na mão, parecia que Deus visivelmente andava entre nós ajudando-nos e dando-nos entendimento para o sabermos fazer; e não pusemos mais em a fazer que dezasseis dias, com todos os mastros e vêrgas; e tudo o que lhe era necessário e até o breu nos lançou Deus fora. O mantimento que se recolheu em terra entregaram-no aos padres apóstolos, para que tivessem cuidado dele, o qual não esteve em poder dos ditos padres mais que quatro ou cinco dias, por êles sentirem nisso grande pêso, e largaram mão dêle, e se entregou ao capitão D. Álvaro e a algumas outras pessoas até sua partida para a Índia.

Em estes baixos de Pero dos Banhos não havia água, pouca nem muita, nem nós tirámos mais água da nau que três barris dela, que teriam seis almudes cada um, e com

isto andávamos tão perdidos com sede, que não tínhamos nossa morte de outra maneira senão desta, e isto causavam também as grandes calmas que ali havia, que parecia que assavam as pessoas, e nos faziam pelar o rosto e mãos por não termos onde nos amparássemos delas.

Da maneira que comíamos, a ordem que tínhamos era esta: pela manhã ajuntávamo-nos todos em ordem, e vinha um padre dos apóstolos a benzer a mesa, e depois tomavam aquêles que tinham cuidado da despensa uma toalha ao redor de si, e dentro nela traziam o biscouto, e davam a cada pessoa tamanho como podia ter três castanhas, e tamanho queijo como duas unhas, e meio copinho de vinho, o qual levava três partes de água, e isto duas vezes: uma pela manhã e outra à noite, tanto a um como a outro; e desta maneira se deu até D. Álvaro se partir. Neste tempo havia muitos pássaros que comíamos escondidamente, com que a gente tôda andava muito rija e valente; e seriam dez ou doze mil pássaros, e em obra de vinte e quatro ou vinte e cinco dias não ficariam mais de dois mil, e êles nos deram tanto trabalho pelo mau regimento que tinham, que de todo nos deixaram por perdidos, porque todo o mantimento destruíram primeiro que se fôssem; e foi de maneira que até levaram uma cachorra que veio da nau em um pedaço de chapitêu.

As nossas choupanas que nestes baixos tínhamos, em que nos recolhíamos, eram de paus e de aduelas de pipas, e cobertas com panos de tôdas as sortes e sêdas, que o mar lançou fora; e assim nos recolhíamos de seis em seis pessoas, assim altos como baixos; e as choupanas que tínhamos eram cincoenta e seis. Neste tempo que ali saímos em terra, logo começámos a cavar, a ver se podíamos achar alguma água, e cavámos um dia e não a pudemos achar; ao outro dia insistimos mais, e achámos a terra molhada, e quando veio aos três dias já então tínhamos esperanças quasi certas de a termos ali; e logo a primeira

que achámos e provámos tinha tão mau sabor, que parecia purga, mas a pressa era tamanha da sêde que havia, que aquella ainda não enjeitavam, e pela gente ser muita não vinha a cada um mais que um bũziozinho dela.

Depois que assim passaram alguns dias, logo Nosso Senhor parecia que a dava muito melhor, e cada vez mais; e de noite tomavam alguma para com ela se aguar o vinho, porque a que havia de dia a bebiam tôda, de maneira que, quando nos fomos, enchemos três pipas de água. Assim que Deus milagrosamente nos sustentou enquanto ali estivemos.

E porque ainda até aqui não tenho relatado o que aconteceu ao desembarcar da nau, o quero dizer.

Tanto que Simão Vaz, feitor da nau, a viu arrombada, logo se meteu na primeira batelada, em a qual safu em terra e andou nela por espaço de uma hora, tôda em redondo, tão pasmado como homem fora do seu juízo. Lembrou-se que lhe ficara um pouco de dinheiro em um cofre; tanto que lhe lembrou, tornou-se a embarcar para tornar à nau, e quando lá foi já o não achou; então se tornou com o capitão, e com Afonso da Gama, que ainda não tinha vindo a terra, e quando veio ao desembarcar não se quis sair do batel; e disse-lhe o capitão Afonso da Gama: « Não torneis à nau que não tendes lá que fazer ». Êle, dizem que lhe respondeu: « Eu quero tornar para fazer tirar algumas cousas que são necessárias »; e não se quis sair, e ficou-se em o batel com o contra-mestre e marinheiros; e tanto que o batel foi remando, e que se afastou das pedras, olhou para terra, e então disse que o tornassem a pôr em terra; e os marinheiros e contra-mestre não quiseram, porque tinham já levada a fateixa e os mares quebravam muito rijo; não ousaram a tornar. E nisto chamou por um mancebo que se chamava Pedro Álvares, sobrinho do mestre, marinheiro da nau, e dizem que êle lhe dissera desta maneira: « Dizei-me, Foão:

¿ querem-me matar os marinheiros? » E êle lhe respondeu que não dissesse tal cousa, nem cuidasse nisso. Respondeu então o feitor : « Se sois meu amigo ponde-me em terra, se não lançar-me-ei ao mar ». E nisto lhe disse um António Gonçalves, que vinha por condestável da nau, que se lançasse se quisesse, que não havia de tornar à terra; e êle com isto se despediu e se lançou ao mar, e indo para terra vieram uns mares grandes e passaram por riba dele, e vindo junto das pedras veio um mar e o botou entre as mesmas pedras e ali se afogou, e ao outro dia o achámos morto, porque o mar o botou fora, e vinha com umas mordeduras nas pernas que pareciam de peixes, e enterrámo-lo na ilha, e com a sua morte fomos todos muito tristes, porque até então não tinha morrido nenhuma pessoa.

E, tornando atrás, tanto que passaram dois dias que havia que D. Álvaro era capitão, mandou lançar pregão que nenhuma pessoa matasse pássaros na ilha, nem fizesse fogo nenhum, mais que aquêle que êle quisesse. Mas tanto aproveitou o pregão como se nunca o deram, porque não se passava noite nenhuma que não matassem mais de duzentos pássaros, e assim se gastaram sem nenhuma necessidade a êste tempo, e isto causava não haver regimento na gente e não temerem o capitão, por ser mancebo e de pouca idade.

Temendo D. Álvaro que ao tempo que se quisesse embarcar lhe pudessem fazer algum mal, e o não deixassem embarcar, tomou quantas espadas e adagas aí havia e as meteu em uma arca, as quais seriam algumas sessenta, e de noite as mandou enterrar em a sua despensa; também tomou tôda a prata e peças de ouro e dinheiro que em o arraial achou, com algum coral lavrado e algumas sêdas que aí havia, e de tudo lançou mão. E tanto que o navio foi feito de todo, em terra lhe meteram muita soma de fato e todo o mantimento que havia de levar, e

quando foi ao lançar dele se houvera de perder; e foi desta maneira.

Tanto que o tivemos junto da água vieram uns mares grandes, e lhe davam de uma parte e da outra, que o traziam de cá para lá, e com isto dava nas pernas aos homens que lhas pisava tôdas, e não havia quem pudesse parar diante com a força grande que trazia a água; e nós quasi desesperados de poder ter remédio de embarcação, com choros e pranto nos lançávamos de bruços, pedindo misericórdia a Deus. Nisto veio um mar tão grosso e grande, que dele esperávamos o contrário do que succedeu, e o lançou no pego; e tanto que assim o vimos nos aliviámos algum tanto, pelo grande trabalho que dava aos marinheiros, contudo desesperámos de poder navegar nêle, por nos parecer que estaria arrombado das grandes pancadas que dava na areia; mas Deus parecia que andava entre nós, que de outra maneira não se podia cuidar menos, pelos grandes trabalhos que todos até então tínhamos passado.

Tanto que vimos esperanças grandes de Deus, e o navio fora dos trabalhos, determinámos de tornar a meter os mantimentos que dantes tínhamos tirado, porque se não molhassem, os quais em terra tínhamos metidos em o navio. Não tínhamos cousa que os pudesse levar, sòmente uma jangada que dantes tínhamos feito, porém não era cousa que pudesse carregar mantimentos, por serem os mares grandes, e botava os homens fora de si e virava por cima deles. Fizemos então um batel, o qual foi feito em três dias, e o lançaram ao mar a levar uma amarra ao navio com uma ponta, porque já estava desamarrado, e a gente que nêle estava andava em grande trabalho, porque as correntes eram grandes e o vento muito rijo, e não tinham mais que uma amarra; e tanto que o amarraram logo lhe meteram o fato e mantimento, o que foi desta maneira.

D. Álvaro mandou apartar oito sacos de biscoito para levar, e sessenta caixas de marmelada, das quais deixou obra de cincoenta, e levou alguns trinta barris de quarta de conserva e deixou alguns vinte e cinco. Levou duas dúzias de lençois cosidos, e deixou oito para a gente que ficava na ilha; e assim deu um barril de farinha que safu da nau; mandou fazer também empadas de pássaros, e cozeram-se em uma fornalhazinha que mandara fazer para o mar; e levou mais duas pipas e meia de vinho e deixou uma só, e assim três de água, sem deixar pouca nem muita, e uma caixa encourada cheia de prata lavrada e alguns capacetes e malhas e outras trouxas de fato, o qual levava também em barris, de que tudo carregou o navio de maneira, que por carregar fato deixou de levar a gente que tinha dito, que seriam sessenta ou setenta pessoas, das quais não levou mais que quarenta.

Eu me achei ao tempo que D. Álvaro se quis embarcar, e me embarquei a nado com levar um barril de seis almudes de vinho, por me mandar dizer o dito D. Álvaro o levasse ao navio, e depois de eu já lá estar foi D. Álvaro e D. Duarte Rodrigues, ambos a nado, dissimuladamente, por amor da gente, por não vir já o batel a terra, e os mares serem grandes. Tanto que chegaram ao navio, disse D. Álvaro que êle se achava mal disposto e enjoado, e por não estar para poder governar, e ser pouco experimentado, dava seu poder a Duarte Rodrigues, para com êle mandar o que melhor lhe parecesse; e veio então o mesmo Duarte Rodrigues com êste poder e mandou despejar o navio da gente que levava, dizendo que tinha treze pessoas de obrigação, as quais havia de levar, e que não podia ser sem despejar alguma da que aí estava; e nos lançaram então fora, tendo já metido dentro todo o nosso vestido; e as pessoas que para fora fomos foram treze, tantas quantas em nosso lugar haviam de ir; e nos meteram todos em o barquinho que dantes tinham feito,

às estocadas, sem nenhuma piedade, nem nos valia chamarmos por Deus, nem por Santa Maria, nem menos por-mos diante dêles um Crucifixo, que tão cruamente des-amarraram o batel do navio, no qual não cabiam mais de oito pessoas e fizeram caber por fôrça as treze; e entre nós não havia quem soubesse remar, mais que um só homem. E quando assim nos vimos nos pusemos em um grande pranto, e nos dávamos por perdidos por não sabermos tomar a ilha, e as correntes eram muito grandes; de maneira que Duarte Rodrigues e Álvaro de Andrade nos botaram às estocadas assim desta sorte que já disse.

Então foi vermos nossa perdição tão propínqua, e não termos outro remédio senão em altas vozes pedir misericórdia a Nosso Senhor de nossos pecados e que nos livrasse daquele trabalho. Tomámos então dois remos e começámos a remar para terra; eram os mares tão grandes, que nos parecia que nos sossobravam debaixo; não tivemos outro remédio senão lançar-nos a nado, o que fizemos doze pessoas, afora uma que ficou no batel por não saber nadar, e saímos quási afogados. O que ficou era um homem que vinha na nau por despenseiro del-Rei, ao qual chamavam Duarte da Costa, e êste saíu fora milagrosamente, por vir um mar muito grande que ergueu o batel tão alto, que quando deu a pancada na água caíu o homem fora, e o batel sossobrou e caíu por uma banda dêle, e quando tornou acima juntamente com o batel se pegou a êle da outra banda, e tomou um Crucifixo e se abraçou com êle, pedindo-lhe ajuda e favor; e nisto as correntes da água levavam o batel para fora da ilha, e com êle a Duarte da Costa. Quis Deus que a corda que levava o batel se embaraçasse no fundo e se metesse entre duas pedras de maneira que fêz estar quêdo o batel; então lhe acudiram algumas pessoas das que estavam em terra, e trouxeram o dito batel junto do arraial. Nisto veio um mar que o botou fora, de maneira que Nosso Se-

nhor milagrosamente nos sustentava ali. E os que foram no batel disseram todos, primeiro que partissem, um *Pater Noster* e uma *Avé Maria* pelas almas dos que ali ficavam. Além de outras muitas mercês, quis-no-la Nosso Senhor fazer de nos dar este batel para podermos ter mais alguma esperança de vida.

Eu me achei no navio com meu irmão, o qual viera com D. Álvaro e Duarte Rodrigues também a nado, porque sabia bem nadar, para os esforçar; e ali era temeroso o nadar, por causa dos tubarões, que ali havia muitos. A causa também porque este meu irmão se embarcava era porque ao tempo que se fez o navio não havia batel, por onde correu grande perigo de se quebrar, e pelas grandes pancadas que dava na areia não podiam saber se estaria aberto ou não; veio então meu irmão e deitou-se a nado, e o foi ver todo ao redor, e se estava por dentro quebrado ou não; trouxe então novas que estava muito são, portanto o admitiram a levarem-no consigo.

Tanto que veio ao botar da gente fora do navio, deitaram também este meu irmão; então se chegou êle a Duarte Rodrigues e lhe lembrou o trabalho que passara quando foi ver o navio, que portanto merecia que o levassem, e também lamentando duas irmãs que tinha; por onde me chamaram a mim que estava na proa do navio, enjoado, e vindo pegou em mim um Álvaro de Andrade, criado do conde da Castanheira, e me botou fora do navio, por me não querer quasi deixar falar; e contudo roguei a Duarte Rodrigues que me não mandasse botar fora; respondeu-me então que qual queria, que um de nós havia de ir fora, ou eu ou meu irmão.

Houve muitos que disseram que ficasse eu, e que meu irmão fôsse fora; e nisto se chegou Vicente Vaz, marinheiro que tinha andado no batelinho a acarretar mantimento, por não haver quem se atrevesse a querer trazer

cousa nenhuma nêle; disse então êste que lhe fizesse uma mercê pelo trabalho que tinha passado. Respondeu-lhe então que faria. Disse então Vicente Vaz: «Botai-me antes fora». E como ali não havia razões que se pudessem escutar, não tratou mais de dar resposta, mas antes disse que me botassem antes fora, que a meu irmão.

Com isto nos despedimos com grandes prantos e choros, como em tal trago convinha; mas, segundo me parece, de Deus veio lançarem-me fora, porque de outra maneira não nos podíamos ambos salvar, porque já pudera ser que indo eu, e ficando êle, morrera, como morreram as cento e cinquenta e quatro pessoas, e assim escapámos ambos. Do que succedeu depois que o navio partiu até a minha chegada depois a Cochim, e os trabalhos que passei com os meus companheiros, adiante farei menção.

The first part of the book is a history of the world from the beginning of time to the present day. It is written in a simple and easy-to-understand style, and is suitable for both children and adults. The author has done a great deal of research, and the book is full of interesting facts and stories. It is a very good introduction to the history of the world, and is one of the best books on the subject that I have ever read.

The second part of the book is a collection of stories and legends from different parts of the world. These stories are very interesting and entertaining, and they give us a glimpse into the lives of people in different cultures and times. The author has done a great deal of research, and the stories are full of detail and interest. They are a very good introduction to the history and culture of different parts of the world, and are one of the best books on the subject that I have ever read.

The third part of the book is a collection of poems and songs from different parts of the world. These poems and songs are very beautiful and moving, and they give us a glimpse into the hearts and minds of people in different cultures and times. The author has done a great deal of research, and the poems and songs are full of detail and interest. They are a very good introduction to the history and culture of different parts of the world, and are one of the best books on the subject that I have ever read.

The fourth part of the book is a collection of stories and legends from different parts of the world. These stories are very interesting and entertaining, and they give us a glimpse into the lives of people in different cultures and times. The author has done a great deal of research, and the stories are full of detail and interest. They are a very good introduction to the history and culture of different parts of the world, and are one of the best books on the subject that I have ever read.

The fifth part of the book is a collection of poems and songs from different parts of the world. These poems and songs are very beautiful and moving, and they give us a glimpse into the hearts and minds of people in different cultures and times. The author has done a great deal of research, and the poems and songs are full of detail and interest. They are a very good introduction to the history and culture of different parts of the world, and are one of the best books on the subject that I have ever read.

Lembrança que eu Manoel Rangel fiz das cousas que nos aconteceram e das misericórdias que Deus connosco usou e trabalhos em que nos vimos depois de ser partido D. Álvaro em o navio que fizeram, a 26 de Setembro, e chegaram a Cochim a treze de Novembro de 1555.

TANTO que o navio foi partido da ilha de Pero dos Banhos, com D. Álvaro e os mais que com êle iam, e que nós varámos o barquinho em terra, logo a primeira cousa que fizemos foi sabermos quantos ficámos em terra, e achámos ser cento sessenta e seis pessoas, entre as quais estavam duas mulheres que em a nau vieram. Nós assim como disse, e também sem quem nos regesse, ordenámos que o mantimento que na ilha estava se entregasse aos apóstolos, e o tivessem metido em uma despensa; e para governarem os mais ordenámos três pessoas, quais eram Diogo da Rosa, Gaspar de Barros e eu; todos três governámos a gente tóda em tudo, e no comer principalmente, que era mais necessário; e os que ajudavam a estes três eram Jorge Gomes, criado

d'El-Rei, e Domingos Lopes; os outros ditos acima no mais governavam como capitães, e castigavam os que o mereciam; e assim ordenado isto, puseram cõbro sôbre os pássaros que na ilha havia, que os não comessem todos juntos, os quais remediavam parte alguma da fome que entre nós havia.

A estes que tinham a seu cargo os pássaros deram-lhe juramento de não consentirem tomar pássaro nenhum pessoa nenhuma, sòmente aquêles que tinham cuidado de os tomar para a despensa, e daí se distribuírem como viam ser mais necessário, e mais para iscas que lançavam para pescar; e assim se guardavam de noite como de dias aos quartos, e daí por diante se gastaram os pássaros muito mais regidamente que de antes. Mais ordenámos para o barquinho um mestre com seis homens, que fòssem ao mar pescar todos os dias, para que o peixe ajudasse ao mantimento que na terra ficara, até que Nosso Senhor nos mandasse socorro, e todos os dias que o mar dava lugar púnhamos muita diligência em o barquinho trazer algum peixe, e o que nêle vinha o levavam logo à despensa e o faziam em postas, tamanhas umas como as outras, e o coziam; e mandavam assentar a gente tòda em ordem e tanto davam ao grande como ao pequeno, e ao negro como ao branco; e desta maneira se governava a gente tòda como irmãos, sem entre êles haver nunca brigas, porque os que os regiam não o consentiam, e quem havia mister castigo davam-lho.

Pusemos também grandes guardas em as fontes que já na ilha tínhamos, e a água que recolhíamos levávamos à despensa para aguar o vinho com ela; e D. Álvaro tinha levado três pipas de água que havia na ilha e não deixou pouca nem muita, por onde nos pareceu que nossas vidas fòssem breves por causa das muitas calmas que na ilha havia; mas como Nosso Senhor sempre usava de misericórdia connosco tínhamos para a

gente beber, e a que sobejava a metiam na despensa, para quando nos víssemos em pressa nos socorrermos dela; porém o vinho, que seriam três pipas, vinha misturado com água salgada, de quando as tirámos do mar, e fazia muito mal à gente, que lhe secava os bofes, e para isto foi necessário que quando o bebiam lhe deitassem três partes de água; e assim o bebiam e nos duraram três meses e quinze dias.

D. Álvaro e Duarte Rodrigues nos tinham prometido, diante de um Crucifixo, que como chegassem a Cochim nos mandariam socorro, e que, se o governador nos não quisesse mandar buscar, que elles à sua custa fariam navio que viesse a êsse efeito, e com êste prometimento tínhamos algum descanso. A êste tempo andávamos tão debilitados da fome e nossas forças eram tão poucas, que quantos éramos não podíamos botar um batel ao mar para ir pescar, e todo o dia andávamos metidos na água até o pescoço por termos mão no batel, que o não quebrassem os grandes mares que nêle davam, que algumas vezes o lançavam sôbre as pedras, e os que topava diante também iam para uma e outra banda, e a muitos feria nas pernas e passava por riba deles. E o batel ia logo pela manhã e vinha à tarde, e muitas vezes vinha sem peixe, do que recebíamos muita dor; e o que vinha do mar era mais mantimento nosso, que o que tínhamos em terra; por ser muito pouco não comíamos mais que duas vezes ao dia, e o comer era uma postinha de peixe, tamanha a um como a outro, e de biscoito como duas castanhas, e de queijo como uma unha do dedo polegar, com meio quartilho de vinho com as três partes de água; e com isto, e com a graça de Nosso Senhor, nos sustentávamos.

Os peixes que o batel trazia eram desta qualidade: vermelhos do tamanho de gorazes, aos quais nós chamávamos pargos, e tubarões como os da Costa da Guiné;

eram muito ruins de pescar, porque levavam as linhas e anzóis, e para isto tivemos grande ardil para que os pescadores não deixassem de ir todos os dias ao mar; tínhamos dois ferreiros, que outra cousa não faziam senão anzóis, por haver dia que o peixe levava dez e quinze anzóis, e desta maneira sempre andava a cousa bem ordenada. Quando o tempo era ruim tínhamos então grande trabalho, e quinze dias se faziam que o batel não podia ir pescar, e neste tempo nos socorríamos das raízes das ervas e as assávamos, dos caranguejos, os quais eram poucos; e com isto passávamos neste tempo.

Mais vivíamos com a esperança que tínhamos do socorro que nos podiam mandar da Índia, que com o que nos sustentávamos; e cada um procurava vigiar se vinha alguém que nos tirasse daquele purgatório, para que também lhe dessem alvíssaras de tão grandes novas, como era o por que esperavam, e com isto nos parecia um dia um ano.

Estando nós assim, que havia dezasseis dias que o derradeiro navio era partido, vimos pela parte do sul, ao lume da água, uns relâmpagos que pareciam fogo, e todos os que os víamos julgavam o mesmo, e por fazer escuro o não enxergavam senão quando os relâmpagos alumiavam, e pareceram-nos velas. Nós, com êste alvoroço, fizemos outro em terra com grande procissão ao redor da ilha, disciplinando-se todos e pedindo misericórdia a Nosso Senhor, com grandes gritos e choros, todos juntos de joelhos diante do altar, em que pedíamos o de que tanto tínhamos necessidade; e tôda aquela noite andámos desta maneira, e quando chegámos ao outro dia pela manhã, que não vimos velas, ficámos muito tristes, que de todo nos parecia que nossas vidas acabavam. E logo arvorámos um mastro do traquete da nau no mais alto da ilha, e nêle pusemos um farol de uns arcos de ferro, para ter fogo, o qual ardia tôda a noite,

e nos deu grande trabalho, pela muita lenha que se gastava e na ilha haver pouca. E tivemos êste fogo três meses e meio ou quatro, e estava sempre aceso em chama, e podia-se ver três ou quatro léguas, e em riba dêle um lençol, para que, se passassem de dia, que o pudessem ver; porém fomos tão mofinos, que nem navios nem galés pudemos ver.

Todos os dias que a gente podia andar em pé fazíamos procissão ao redor da ilha; cada quinze dias nos confessávamos, e nos disciplinávamos alguns por nossas devoções enquanto se rezava o *Salmo Miserere*; e o que nos dava maior dor era não termos aviamento para poder tomar o Santíssimo Sacramento, que, se o tivéramos, nossa pênna não fôra tanta, em falecer ali, como tínhamos.

Os padres apóstolos eram três, os dois de missa e o outro não.

O padre Gonçalo Vaz era prégador e o outro se chamava Pascoal; e o prégador nos prégava sempre nos domingos e festas; e era muito devoto de Nossa Senhora e nos encomendava que sempre andássemos aparelhados para quando quer nos chamasse Deus. Todos ainda éramos cento e sessenta e seis pessoas de diferentes pais, porém no mais irmãos muito conformes; todos sabíamos que não tínhamos mais mantimento que só para vinte dias, com tôda a estreiteza que se pudesse pôr, e que havíamos de esperar por socorro três meses, e acabado o mantimento seriam acabadas nossas vidas; com tudo isto terem bem sabido, não houve quem se quisesse amotinar a tomarem o comer uns aos outros, mas antes morrer que tal ofensa fazer a ninguém; e tinham tanto acatamento aos que o regiam, que era cousa pasmosa. E alguns havia que traziam maus costumes de jurar; nestes pusemos tanta diligência, que dentro em dez dias não havia ninguém que soubesse jurar, e todos os bons costumes que podíamos ter tínhamos.

Tornando, como digo, aos mantimentos, tanto que uns poucos de alcatrazes se gastaram na ilha, que dêles também os pescadores levavam ao mar, quis Nosso Senhor dar-nos outro, que foi encher-se-nos a terra deervas, que foi o melhor mantimento que houve, porque dêste se abastou a gente tôda do que lhe era necessário. E com estas misericórdias que víamos, tínhamos tão grandes esperanças que Deus nos havia de salvar, como se claramente o víamos diante de nossos olhos.

¿Quem cuidara que cento e sessenta e seis pessoas se podiam sustentar cinco meses em uma praia de areia, de trezentos passos de comprido e cento e sessenta de largo, sem outro mantimento, senão o que Deus ministrava? Tendo nós assim tanto cuidado de nos encomendarmos a Êle, tinha Êle também de nos dar remédio cada dia para nos sustentarmos. E alguns dias que o barquinho não podia ir ao mar, logo Nosso Senhor dêle nos lançava o mantimento, que era lobo ou tartaruga. Algumas tomávamos as quais vinham a desovar à terra; e cada uma tinha muita soma de ovos, uns dêles tinham a clara pròpriamente como os de galinhas e outros mais pequenos, sem claras, que pareciam gemas de ovos; e os que tinham clara tinham uma pele por casca como pròpriamente pergaminho. E traziam tanta soma de ovos, que uma vez tomámos uma e contámos-lhe os ovos e achámos mil e oitocentos e trinta e seis, e dêstes seriam duzentos de casca e os mais de gema; e algumas vezes pela manhã as achávamos cavando na terra com as mãos e fazendo covas para pôrem os ovos, e os punham em altura de uma vara de medir e calcavam-nos muito com a terra; e depois de postos se tornavam para o mar; e dêles nasciam as tartarugas pequenas, e, nascidas, logo iam em busca do mar, sua natureza, e não safam fora senão quando o mar e o tempo andavam tempestuosos.

Era tanta a água que se descobriu depois na ilha, que o comer de peixe se cozia com ela; porém a calma e a muita gente a gastou de maneira, que foi necessário pôr côbro sôbre ela; e como a ilha era baixa no meio e alta pelas bordas, quando chovia a água não corria e ficava dentro, e a tomávamos. Assim que, com estas misericórdias que Deus connosco usava, tínhamos esperanças que nos salvaríamos. E assim viveu tôda a gente até Janeiro, e não faleceu pessoa nenhuma em cinco meses, que era o tempo que se esperava por socorro da Índia. E vendo nós que passava o tempo e que ninguém vinha por nós, logo a gente começou a adoecer e morrer; e dentro em Janeiro faleceram trinta pessoas e cada dia sepultávamos seis e sete pessoas, e não havia quem já tivesse fôrças para os poder enterrar, nem menos meter nas covas; que, se acaso fôra que o socorro viera por todo o mês de Dezembro, não acharam mais mortos que seis pessoas. Se o fogo do purgatório dá tão grandes penas nas almas, verdadeiramente que aquêle o parecia, e tantos eram os que jaziam doentes como os que andavam em pé; uns pediam uma gota de água, outros pelas chagas de Cristo que lhes dessem alguma cousa para comer, e assim nos víamos com tanta piedade, que pedíamos a Nosso Senhor que houvesse por seu serviço levar-nos para si antes que ver-nos em tanta pena e tribulação, que já não sentíamos senão não ter quem nos enterrasse, e o primeiro que falecia se achava por ditoso, pois tinha quem o sepultasse. Aos doentes sempre tivemos cuidado de lhes darmos sua ração bem cozida, e assim andávamos com êste trabalho, e contudo sempre Deus usava connosco de muitas misericórdias. Até Janeiro demos à gente tôda o comer cozido; e dali por diante por não haver lenha se dava o peixe cru, e aos doentes se dava cozido, e lho levávamos pelas choupas, e os outros com trapos velhos e ervas o coziavam;

e com tudo isto nos trazia Deus a alguns em pé para remediarmos os doentes; e nisto andámos até Fevereiro.

Sendo meado de Janeiro nos deu uma tormenta tão grande de ventos Nordeste, que parecia que queria levar a ilha em que estávamos pelo ar, e durou dez ou doze dias, e neste tempo não ia o barquinho ao mar e passávamos tão mal nestes dias, que quasi morreu toda a gente neste tempo, e não nos mantínhamos senão em azeite cozido com uma pouca de água, e isto bebíamos naqueles doze dias; outros matavam pássaros que passavam pela ilha, que vinham de outras terras, e lhes atiravam com os paus e os matavam, e destes eram poucos; e nestes dias não podíamos andar senão arrimados em paus. Umas ervas havia também na ilha a que chamavam beldroegas; estas comiam cozidas. Depois disto sobrevieram-nos quinze dias de grandes calmas, que parecia que andávamos metidos em brasas e chamas; porém deu-nos Deus tanto peixe neste tempo, que mandávamos pelas choupanas perguntar a quem queria mais peixe; e nestes dias nos saíu um lobo marinho e uma tartaruga, e os pusemos a secar ao sol, e os ovos que foi grande remédio para passarmos alguns dias. Depois sobreveio outra temporada tão grande, que nos deu também grandíssimo trabalho, porém Deus primeiramente, e o peixe que tínhamos a secar, nos deu mais algum alento.

Estando já (como disse) sem esperança de termos socorro nenhum da Índia, e que a maior parte da gente era falecida, e a que mais ficava jazia doente e que se não podia levantar, tomámos todos conselho, que meio poderíamos ter para que não acabássemos ali todos. Pareceu-nos bem que, se dali se pudessem salvar algumas pessoas, que seria bom. Assentámos que dos paus que estavam pelas choupanas se ordenasse um barco, em que pudesse caber a mais gente com que o barco se atrevesse.

que de outra sorte não havia remédio nenhum; e quando isto ordenámos era naquela derradeira tormenta que tivemos, que nos não deixava ir o barquinho ao mar; mas quando o começámos fêz logo bom tempo, e foi o barquinho a pescar; e houve tanto peixe, que secámos oitenta tubarões; e às pessoas que ordenámos para fazerem o barco lhes demos alguma razão maior que aos outros, para terem fôrças para o fazerem; e o mestre dêle foi Jerónimo Vaz, bombardeiro, por ser homem de engenho e vélho. Trabalhávamos no barco pela manhã e à tarde, por causa das calmas; e uma serra vélha que ali ficara de quando fizeram o caravelão de D. Álvaro estava tão ferrugenta, que quando começámos a serrar logo quebrou, e ordenámos então outra, de uma espada, com que serrámos alguns pedaços de paus e uns seis bordos da nau que o mar lançara fora. A quilha do barco se fêz de um pau que estava em uma choupana, e safu curta, e emendaram-na com sete palmos mais, de maneira que ficou de comprimento de vinte e sete palmos. Ela assim feita, levámo-la em dia de S. Pedro todos com procissão, e o padre Gonçalo Vaz lhe rezou um responso, e lhe pusemos nome de S. Pedro, à sua honra.

Posta a quilha em seu lugar, não tínhamos um pau para as rodas do barco, e quis Nosso Senhor que fôssemos achar uma curva da nau, de que as fizemos de pôpa à proa, e a serrámos pelo meio; e permitiu o mesmo Senhor que nunca a víssemos senão em tempo que fôsse necessária, porque, se a víramos antes que determinávamos de fazer o barco, tivéramo-la queimado; e ali nos dava Nosso Senhor todo o aparelho que era necessário.

Os braços para o barco fizeram-se de quaisquer pedaços de tábuas e do cisbordo da nau, que ainda tínhamos; e assim desfizemos tôdas as choupanas, e de noite dormíamos ao sereno, e de dia andávamos à calma que nos assava; e assim se fêz o barco de um cisbordo e de

uma dúzia de tábuas, e das aduelas das pipas fizemos carvão para se fazerem pregos pequenos e anzóis. Dizer, a estas pessoas que fizeram o barco, a ajuda e engenho que Deus lhes deu, era muito para pasmar, que de quantos o fizeram nenhum sabia tomar enxó nem machado na mão para o ordenar, senão Deus os metia em esforço e os ensinava, porque era servido que alguns escapassem, para que êstes fôsem nuncios de tão grandes cousas, como ali passámos, e das misericórdias que Deus conosco tinha usado. Os que carpintejavam eram cinco pessoas; os que serravam, quando uns cansavam, outros ajudavam; outros aparavam as tábuas e outros as pregavam, e todos fazíamos como Deus nos ajudava.

Ordenado e pôsto em pé o barco, não havia quem o soubesse calafetar; quis Nosso Senhor que um Francisco Rodrigues, da casa do armador da nau, que vinha por despenseiro do mesmo, disse que se atrevia a calafetá-lo (cousa de que nós fizemos pouca conta pelo não ter costumado, sòmente dizia que êle vira calafetar a nau em que viemos e que por ali se atrevia a calafetar também o barco); e para vermos quanto Deus nos ajudava e quanto era servido, se pôs em feição e o calafetou tão bem como se usara sempre. E a estôpa se fêz de uns pedaços de cabos que o mar lançava fora, e duas mulheres que entre nós estavam os destorciam. Depois de calafetado fizemos uns paus para o lançarmos ao mar, e eram roliços, porque nos não atrevíamos a lançá-lo na água sem êles, pelas forças tornarem já a falecer. O mastro para o barco foi o que estava arvorado com o farol; e as velas se fizeram de camisas; e as cordas, das linhas com que pescávamos, quanto era bastante para a driça e escota; e fizemos duas amarras da estôpa com que calafetámos o barco, e porque outra não tínhamos, e era fraca, e as correntes eram grandes, e não poderia ter o barco, estivemos em desfazer uma peça de veludo carmesim; porém Deus de muito pouco

fêz grande, e assim também os cabos para o barco, onde eram fracos, confiámos que seriam fortes com ajuda de Deus. Pôsto, como digo, o barco em pé, com tudo aquilo que Deus nos deu para êle, o lançámos ao mar todos quantos éramos; e dentro nêle iam cinco homens com um dos apóstolos, e aquí nos acrescentou Deus as fôrças e o pusemos à borda da água com cair o batel fora dos paus. Nisto veio um mar tão grande, que parecia que o havia de fazer em pedaços, e o meteu dentro na água sem perigo nenhum, nem menos dos que iam dentro; e logo lhe deitaram uma amarra com uma pedra, e lhe meteram dentro obra de quinze tubarões tamanhos como uma pessoa, com uma pipa de água e mais dois barris de vinho de quatro almudes cada um, sem mais mantimento nenhum.

No primeiro dia de Abril nos embarcámos, os que podiam ir dentro no barco; e muitos que dentro iam desejavam de se tornar fora, por razão da muita água que fazia. Partindo nós sem quem soubesse reger-nos nem governar-nos, sòmente Deus, e o caminho não era tão curto, que não fôsem trezentas ou quatrocentas léguas, e as pessoas que dentro íamos seriam vinte e sete, não fazendo conta que poderíamos viver, mas indo por êsse mar onde a ventura nos quisesse levar. Os trabalhos que passámos, enquanto andámos pelo mar, não têm conto, porque de dia e de noite não fazíamos outra cousa senão lançar a água fora, e com quantos éramos a não podíamos vencer.

Já seríamos haveria obra de vinte dias partidos da ilha, com o mantimento que acima disse; nêle tivemos tanto regimento, que não bebíamos mais que um copinho de vidro muito pequeno de água, e dos tubarões comíamos uma só talhada da grossura de dois dedos, e assim íamos tão fracos, que nos não podíamos ter, e assim passámos muita fome e sêde pelo mar, que houve pessoas que bebiam mijo, e dêle morreram quatro pessoas, outras da água salgada. Indo nós com esta fome

e sêde sobreveio uma trovoadá em que tomámos obra de um almude de água da qual nos fartámos todos, e assim tomámos sete ou oito douradas, que nos duraram obra de quatro dias; e no cabo dos vinte dias vimos cobras pelo mar, e pareceu-nos que estávamos na costa da Índia, do que tivemos algum descanço; mas indo nós governando ao Nordeste nos deu tanto vento que nos fêz governar ao Sueste; e indo nós assim correndo sem levarmos mantimento nenhum, mais que barbatanas dos tubarões para o outro dia, e um almude de água (já então tínhamos andado pelo mar trinta e três dias), naquelle dia em que o mantimento se havia de acabar houve-mos vista de duas ilhas e aportámos em uma delas, e quis Deus levar-nos pelo meio do canal, porque ambas eram cercadas de recifes, que, acertando de não entrar por ali, corríamos risco de nos perder. E tanto que demos em terra nos lançámos fora; e íamos tão fracos, que caíamos todos de focinhos, onde estivemos obra de duas horas; e, como tornámos a cobrar alento, nos pusemos de joelhos com choros grandes em altas vozes dando ao Senhor graças, pois nos trazia a terra onde pudéssemos ser enterrados.

Procurámos então de buscar cousa que comêssemos, e tomámos caranguejos que cozemos e assámos; e estando nós assim disseram algumas pessoas que lhes dêssemos licença para irem pelo mato a ver se achavam alguma água para beber nas tocas dos páus; e tanto que foram pelo mato viram alguns negros, e o primeiro que os viu no-lo veio dizer; mas não lhe demos crédito, que cuidaria algum dos nossos que seriam negros, por virmos tais, que ao longe não enxergávamos nenhuma cousa; e daí a obra de meia hora veio um negro ao longo da praia, como homem que vinha haver fala de nós, estando também juntamente connosco um dos apóstolos, o qual estava mais ao longo do mar; e vendo êste padre ao negro

começou a fugir; o negro, que isto viu, fez o mesmo para onde estavam outros, que habitavam na outra ilha; e, tanto que os vimos ir assim, foram três pessoas dos nossos em seu alcance; os negros lançaram seus bateis ao mar e fugiram; pelo que, fomos muito tristes por não sabermos onde estávamos, e também por cuidarmos que iriam buscar gente para nos matarem. Depois fomos ver a terra e achámos muita água salobra, e peixe pelo canal acima, e com isto demos muitas graças a Nosso Senhor e pusemo-nos a comer quanto achávamos. E eles nunca mais tornaram, por onde nos pareceu ser gente para pouco.

Daf a oito ou dez dias determinámos de tomar o caminho para outra ilha para onde os negros fugiram, e não a pudemos tomar pelo vento ser contrário, e nisto andámos obra de três dias sem fazermos já conta de a tomarmos. Vendo nós que o peixe era já pouco, determinámos de pormos fôrças para a podermos vencer.

Indo assim no meio do caminho, que seriam quatro léguas pouco mais ao menos de uma a outra, se nos fez o vento escasso de maneira, que a ilha nos ficava muito a barlavento e íamos cair sôbre os baixos, que todos estavam quebrando em frol, e houvemos então conselho que nos tornássemos, pois já não podíamos tomar a ilha. Fizemo-nos então em outro bordo, e tão escasso era o vento para uma banda como para a outra, e a corrente impetuosa que nos levava aos baixos. Vendo-nos nós assim, lançámos a fateixa ao mar, e assim estivemos sôbre ela até o vento acalmar, e como desse algum lugar logo nos erguemos e tomámos os remos, e começámos a remar para tomarmos a ilha donde partimos, e não pudemos puxar tanto, que não fôssemos dar em um pedaço de areia onde tivemos as esperanças perdidas. Saímos então do batel fora, e nos metemos na água, que nos dava pelo pescoço e algumas vezes nos cobria, e tomámos o batel à sirga, e outros pegados nêle que o não levassem

as correntes da água que eram muito grandes, e levámo-lo a uma enseada e ali lhe tirámos o peixe todo, e pusemos nêle muita regra; e neste comenos se fêz em pedaços o batel, que com tanto trabalho tínhamos feito. E o peixe que tínhamos não podia durar mais que um mês, e já adoeciámos todos. Tomámos então, eu e Gaspar de Barros, com mais outros dois homens que vimos serem necessários para nos ajudarem, e fizemos um esquite pequeno para nêle podermos passar à outra ilha; fomos então ao mato a cortar cavernas e braços para o ordenarmos. A ordem que tivemos foi esta: dois íamos a cortar os braços e cavernas, e o pau era tão mole que nos não dava trabalho ao falquejar, e ao outro dia os acarretavam do mato, e logo despregámos o tabuado do outro batel que se nos quebrou, e outros a cortar as tábuas, outros a furar e a pregar, de maneira que foi feito, o melhor que pudemos, em obra de quinze dias.

O batel feito, não havia com que o calafetar, e com camisas o calafetámos; e a vela do outro batel nos serviu ainda para êsse efeito; e, acabado, o botámos ao mar; e um dos que no-lo ajudaram a fazer se fêz doente por não ajudar a deitar a água fora (que tanta fazia) e mais por não ir nêle com medo de se ir ao fundo; e nos metemos dentro nêle dez pessoas, e partimos um dia pela manhã, e chegámos à tarde, tão fracos por haver dias que andávamos doentes de febres, e estas ilhas também serem muito doentias, as quais se chamam de Mameluco e estão na altura de Melinde. E nós na ilha, saímos fora em terra e nos metemos debaixo das palmeiras; e foram dois homens, cada um por sua parte, se viam alguma gente; e quando vieram trouxeram notícia que não acharam mais que palmeiras e choupanas, e lhes preguntámos se havia cousa que pudéssemos comer. Disseram não haver mais que caranguejos do mato e da areia, e muitos côcos; pelo que, então folgámos muito, e por haver também choupa-

nas de palha, por onde nos pareceu bem mandarmos alguma gente a buscar côcos, e deles comemos dez ou quinze dias, o que nos punha mais fastio que sustentação. Neste comenos veio um homem fazer leite de côcos, e cozíamos-lo, o qual bebido, com a virtude de Deus, nos pôs muita sustância e fôrças. Como com elas nos vimos, determinámos ir com as águas vivas a mariscar àqueles baixos na derradeira maré; achamos cinco moreias e uma lagosta, de que ficámos assaz contentes por termos certeza que ali nas águas vivas teríamos que comer.

A estas ilhas viemos ter em Agosto, e já tínhamos por certo que não podia ali vir gente senão em Janeiro, que eram seis meses, e os negros não vinham a esta ilha senão a pescar e a fazer cairo, porque nela havia muitos tanques de água doce cheios do dito cairo, e com estas esperanças de virem os negros nos podíamos salvar. E dali por diante íamos no batelinho a mariscar com as águas vivas, onde claramente vimos as grandíssimas misericórdias que Deus connosco usava, porque havia dia que trazíamos oitenta ou noventa lagostas, e comia cada pessoa três ou quatro lagostas a cada comer, e muitas moreias que matávamos com paus às pancadas; e quando não havia águas vivas íamos de noite aos baixos, metidos no mar até os peitos, a buscar búzios de uns que têm miolo, os quais não saem senão de noite a buscar de comer, e então pelos rastos achávamo-los, os quais nos puseram muitas fôrças e alentos.

Postos nós em nossas fôrças, procurámos de tornar em busca da gente que ficara na outra ilha, entre a qual ficaram os três apóstolos, e um deles já quando de lá viemos era morto, e assim mais um Diogo da Rosa, que viera por bombardeiro da nau, com mais outras quatro pessoas; e tanto que o tempo deu lugar nos tornámos em busca dos mais à ilha, dos quais não achámos mais que dois, quasi mortos, e os padres apóstolos também mortos; quatro mor-

reram à fome, porque quando já de lá viemos não havia mais que cento e sessenta palmeiras, as quais êles cortaram para lhes comerem os palmitos. A estes dois que digo que achámos quasi mortos, e que se não buliam, lhes demos das moreias que levámos e tornaram a seu acôrdo, e os trouxemos connosco, muito tristes por acharmos todos mortos, principalmente os apóstolos, e além disto temerosos, por acharmos a destruição feita nas palmeiras, por amor dos negros, que vendo êste destrôço nos matariam.

Estando assim, aos cinco de Novembro em amanhecendo vimos duas velas em outra ilha, e começámos a esconder tudo aquilo que trouxemos da outra para podermos negar que não saíramos a tal ilha; e, passando bem quatro horas que os negros chegaram à outra ilha, uma parte deles veio ter onde nós estávamos e a outra ficou na outra ilha; e tanto que os vimos vir nos começámos a esconder, para que, se nos vissem, não fugissem; e querendo chegar à terra saíram dois homens dos nossos a êles, dizendo-lhes que éramos homens perdidos e que houvessem misericórdia connosco; e tanto que nos viram, com mêdo, começaram a fazer volta esquipados; e, parecendo-nos que tornavam em busca dos mais para nos matarem, então pedimos a Deus misericórdia, que nos não deixasse morrer em mãos de negros, deitados por terra chorando e pedindo perdão de nossos pecados; e nisto puseram-se ao mar afastados de terra, e tanto que isto vimos me despi e me botei a nado, para haver falas dêles, e tanto que êles viram que me lançava ao mar me acenaram que me tornasse à terra, e isto por muitas vezes, e eu assim que isto vi me quisera tornar, e advertindo que ficava a terra muito longe e que as águas corriam muito, me fui ao seu batel e me peguei nêle, e êles me meteram dentro, e disse-lhes por acenos como éramos portugueses e nos perdêramos, e me perguntavam se tínha-

mos dinheiro, e disse-lhes que sim e que fôsem à terra, que lá lho daríamos; e elles não queriam ir, com mêdo de sermos ladrões; e tanto que em elles senti haverem mêdo tomei então uma corda e comecei a amarrar as mãos dizendo que fôsem à terra, e se lá fôsse feita alguma cousa que se tornassem a mim. Tanto que viram que me amarrava e que chorava, se lhes moveu a vontade e houveram dó de mim, e então me disseram por acenos que me não agastasse, que elles queriam ir à terra, como logo foram, com me deixarem no seu batel arrecadado, que não fugisse; e tanto que saíram três negros à terra se arredaram com o seu batel, e comigo dentro, e logo vieram todos os outros e lhes beijaram as mãos e os pés, e abraçando-os a todos com grande choro e pranto por vermos o que tanto desejávamos, porque por sua parte podíamos ser postos em pôrto seguro.

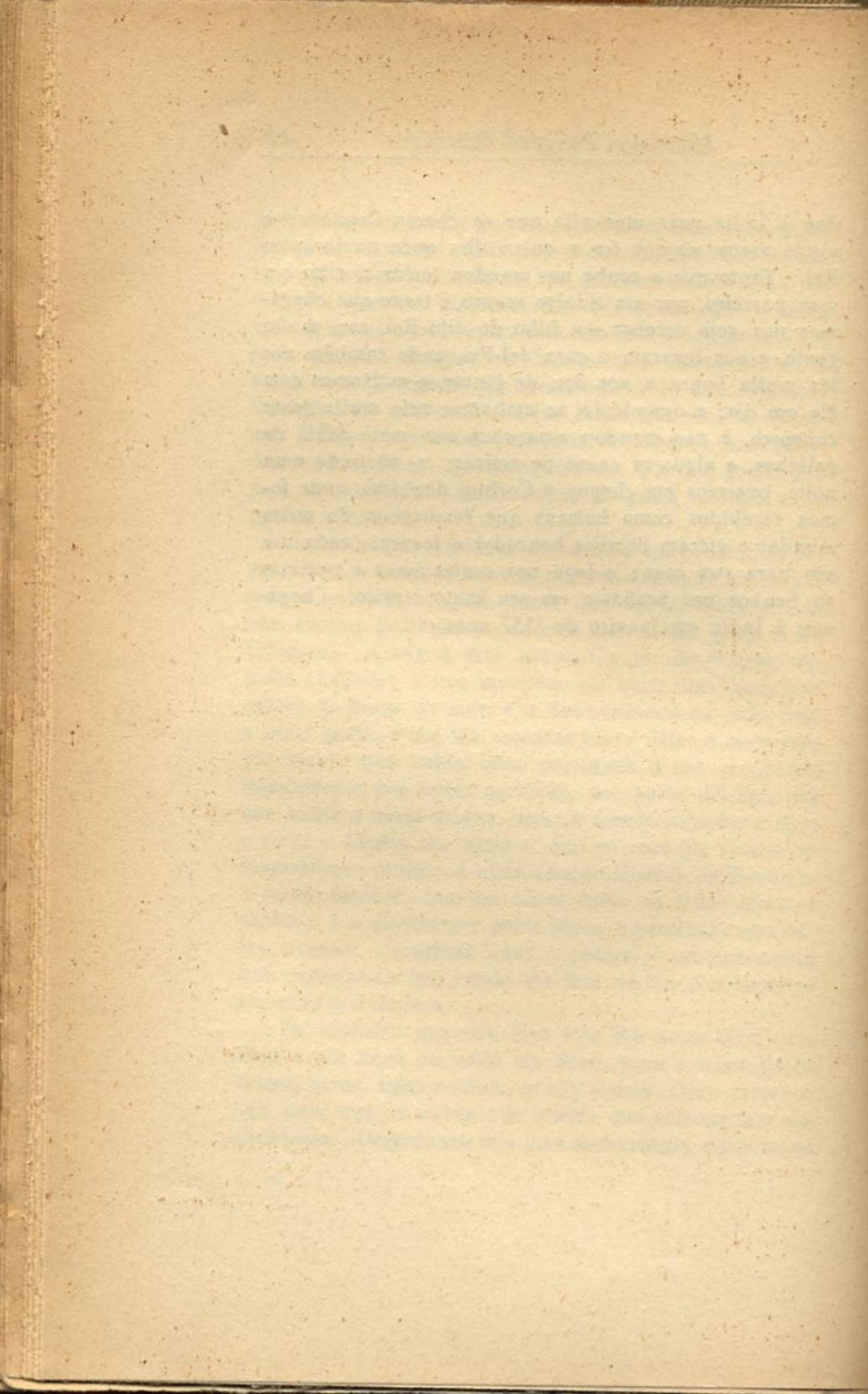
E logo lhes demos todo o dinheiro que trazíamos e três copos de prata e duas colheres e dois maços de coral por lavar e uma peça de veludo carmesim, que trazíamos para a Misericórdia, e lhes demos todo o mais fato que trazíamos sôbre nós. O dinheiro seria até sessenta cruzados, que trazíamos para gastarmos pelas almas dos que morreram na ilha dos baixos. E quando isto viram acharam sermos gente perdida, e então acenaram para o seu batel e o fizeram vir a terra, e estivemos assaz receosos de nos matarem; e tanto que veio a noite nos deitámos junto dêles na praia, sempre vigiando que nos matassem; e tanto que veio a manhã se foram todos pôr debaixo das palmeiras, com uma bacia de arame nas mãos, e se ajuntaram todos em roda e lançaram sortes se tínhamos mais dinheiro; e logo se vieram a nós a perguntar se nos ficara mais dinheiro, e nós lhes dissemos que não, e elles a porfiar connosco que trazíamos mais, com a mão na areia, dizendo que o tínhamos enterrado; e nós respondemos que bem nos

podiam matar, porém que não trazíamos mais que aquêlle que lhes déramos; e em nos pedir êste dinheiro se detiveram três dias, os quais nos pareceram três anos; de maneira que nos meteram em dois batéis, que o outro veio depois, e nos repartiram, eu com cinco homens, e meu parceiro Gaspar de Barros com outros cinco; e assim nos partimos sem sabermos onde nos levavam. Contudo não pedíamos a Deus senão que não morrêssemos à fome, que antes tomara servir mouros, com guardar a fé de Cristo, que perecer como vi muita gente, que juro em verdade que de tripas de peixe me não pude nunca fartar.

Depois que partimos desta ilha em poder dos negros, nos levaram a uma ilha povoada, onde havia um mouro por Rei, o qual, tanto que lhe foi dado recado que vinham portugueses, se veio com muita gente a receber-nos. Ainda a êste tempo Gaspar de Barros não tinha chegado; e nos meteram em uma choupana, que estava ao longo do mar, e o Rei connosco no chão com a mais gente, e me fêz assentar junto dêle; e nisto veio um mouro que sabia falar português e me perguntou miudamente por nossa perdição, por parte del-Rei, por não saber a nossa língua, nem eu menos entender a sua; e como o língua lhe dizia o que eu com êle falava, se maravilhava muito; e nisto chegou Gaspar de Barros e o foram receber, com um amor como se todos fôramos cristãos, e o mostravam pelas obras e gasalhado que dêles tivemos. Imaginai aqui o prazer e contentamento que poderíamos ter, vendo-nos fora de tão grandíssimas afrontas e trabalhos.

De maneira que nos teve êste Rei nesta ilha nove dias, e nos dava em cada um dêles, para a nossa gente comer, arroz, figos e côcos, e nós ambos íamos comer a sua casa, que os outros não queria que sáíssem fora da choupana. Depois nos deu uma embarcação, e nos man-

dou à Índia para uma vila que se chama Cananor; e vindo assim viemos ter a outra ilha onde havia outro Rei. Tanto que o soube nos mandou tomar, a mim e a meu parceiro, por um fidalgo mouro, e tanto que chegámos nos veio receber um filho do dito Rei, com muita gente, e nos levaram a casa del-Rei, onde também nos fêz muita honra e nos deu de jantar, e estivemos com êle um dia; e quando foi ao embarcar veio muita gente connosco, e nos mandou uma vaca com meia dúzia de galinhas, e algumas canas de açúcar; e, partindo uma noite, pusemos em chegar a Cochim dez dias, onde fomos recebidos como homens que ressurgiam do outro mundo; e vieram homens honrados e levaram cada um seu para sua casa; e logo nos confessámos e pedimos ao Senhor nos acabasse em seu santo serviço. Chegámos à Índia em Janeiro de 1557 anos.



IV

Sucesso das naus ÁGUIA e GARÇA
e descrição da cidade de Columbo

VI

Tratado das ruas ÁGUA e GARÇA
e descrição da cidade de Colombo

RELAÇÃO
DA
VIAGEM E SUCCESSO

QUE VIVERAM AS NAUS

ÁGUIA E GARÇA

Vindo da Índia para este reino no ano de 1559

COM UMA DESCRIÇÃO

DA

CIDADE DE COLUMBO

PELO

PADRE MANOEL BARRADAS

Da Companhia de Jesus

*Enviada a outro padre da mesma Companhia
morador em Lisboa*

RELAÇÃO

DA

VIAGEM E SUCESSO

QUE FIZERAM AS NAVES

ÁGUA E GARÇA

EM 1754

COM UMA DESCRICÃO

DE

CIDADE DE COLÍMBIO

PELO

PADRE MANOEL BARBOSA

DE 1754

EM 1754

EM 1754

*Sucesso que tiveram as naus
Águia e Garça, vindo da
Índia para este reino, no
ano de 1559.*

TOMANDO o Viso-Rei D. Constantino de Bragança posse do govêrno da Índia, ficou o governador Francisco Barreto em Goa, para dali se partir para o reino; e porque a nau Garça, em que viera o Viso-Rei D. Constantino no ano de 1558, era de mil toneladas, a maior que até então se vira no caminho da Índia, e não havia em Goa carga bastante para ela, pediu Francisco Barreto ao Viso-Rei que desse aquella a João Rodrigues de Carvalho, para ir tomar a carga a Cochim, e lhe desse a êle a de João Rodrigues, que era mais pequena, e já vélha, por causa das muitas vezes que invernara naquella viagem, antes de chegar à Índia. O que o Viso-Rei fêz com facilidade, por ser assim mais proveito da nau e dar gôsto a Francisco Barreto, que o tinha de partir de Goa. Conseruada a nau Águia (que também se chamava Patifa), começaram de a carregar e meter nela os mantimentos ne-

cessários para a viagem. Sendo vinte de Janeiro do ano de 1559 se fêz Francisco Barreto à vela, da barra de Goa, com quem foram embarcados muitos fidalgos e cavaleiros, a requerer satisfação dos serviços que tinham feito a El-Rei, aos quais Francisco Barreto foi sempre dando mesa.

Foi esta nau fazendo sua viagem com ventos prósperos e bonançosos, e as outras partiram de Cochim no mesmo tempo, em que vinha D. Luís Fernandes de Vasconcelos, na nau Galega, com as mais naus da mesma conserva, que partiram quási no fim de Janeiro. Tôdas estas naus, assim a de D. Luís Fernandes de Vasconcelos, como a em que ia Francisco Barreto, e as mais que partiram de Cochim, foram seguindo sua derrota com tempos levantes, até dobrarem a ilha de S. Lourenço e irem demandar a Terra do Natal. E chegando à primeira ponta dela, que está 31 graus da banda do Sul, duzentas e trinta léguas do Cabo de Boa Esperança, pouco mais ou menos, lhes deu uma tormenta geral e mui rija, que as abrangeu a tôdas e as tratou de maneira que foi a total causa de as mais delas se perderem, umas mais depressa, outras mais devagar, conforme ao menor ou maior ímpeto com que as alcançou, sem estarem à vista umas das outras. Ficaram desta tempestade os ventos tão rijos e contrários, e os mares tão grossos, empolados e cruzados, que as fêz andar às voltas com grande trabalho e perigo; e o que as tratou pior foram os muitos dias de paio que tiveram, que as deixou abertas e desgovernadas, com curvas quebradas, cavilhas torcidas, e entremichas arrebetadas, como aconteceu à nau de Francisco Barreto, de que logo trataremos.

Gastaram estas naus em demanda do Cabo de Boa Esperança todo o mês de Março. As naus Tigre, Castelo e Rainha, que eram da conserva de D. Constantino, parece que se souberam seus pilotos melhor governar, ou foram

tão bem afortunados que lhes deu Deus tempo com que dobraram o Cabo de Boa Esperança e vieram a Portugal; mas as outras, que eram do ano atrás, da armada de D. Luís Fernandes de Vasconcelos, que tôdas invernaram, tôdas se vieram a perder em diferentes paragens. A nau Framenga, de que era capitão António Mendes de Castro, ainda que passou o Cabo de Boa Esperança, ficou tão destroçada, que se foi perder em S. Tomé.

A nau Garça, que era da armada do Viso-Rei D. Constantino de Bragança, de que era capitão João Rodrigues de Carvalho, teve muitos dias de paio, em que se lhe passou o tempo de dobrar o Cabo, e por fazer muita água, e lhe faltar a que haviam de beber os que iam nela, foi forçada a arribar a Moçambique, como fêz.

A Patifa, em que ia o governador Francisco Barreto, teve muitos ventos contrários, com que esteve árvore sêca dezóito dias, entre umas ondas de mares cruzados, que pareciam altíssimos montes, de cujos cumes a nau se via cair muitas vezes em uns vales que parecia não poder mais aparecer; e com os grandes balanços que dava de uma parte a outra, lhe arrebentaram as 36 curvas pelas gargantas e torceram mais de 40 cavilhas tão grossas como o colo de um braço, que prendiam as curvas à nau, e quebraram 18 entremichas que cingiam as curvas, que junto tudo isto à velhice e podridão da nau a fêz abrir por tantas partes, que se fôra muito fâcilmente ao fundo se faltara o valor e diligência com que Francisco Barreto fazia acudir às bombas, e lançar fora a água que entrava nela por muitas partes que estavam abertas.

A êstes trabalhos acudiram com muita vigilância e diligência os fidalgos que nela vinham, sendo Francisco Barreto o primeiro, com cuja presença e exemplo andavam todos tão animados, que parecia que não estimavam um trabalho que só portugueses puderam aturar, para remédio do mal que sofriam, sem largarem os aldropses

das bombas das mãos, de dia nem de noite; e foi necessário acrescentar-se outro, o de baldearem a pimenta de uns paióis em outros, para se tomar a água que a nau fazia por eles, porque se receava outro, que fôra a total perdição da nau, que era ir a pimenta às bombas e ficarem com isto entupidas, de maneira que não pudessem laborar nem tirar fruto dêste tão excessivo trabalho e tudo fôsse em vão por se não poder lançar a água fora, que crescia de maneira, que com darem continuamente a elas, a não podiam acabar de vedar e secar; antes era tanta a água que entrava pelas abertas da nau, que um muito pequeno espaço que deixavam de dar à bomba achavam nela mais de três e quatro palmos de água de vantagem da costumada.

Neste trabalho passou a nau quatro dias contínuos, sem se largarem os aldropses das mãos, de dia nem de noite. E porque lhes ficava fazendo maior mal o fumo do fogão, que os cegava, por ainda naquele tempo vir debaixo do convés, houveram os fidalgos e criados del-Rei, que davam à bomba, por menos mal não comerem cousa que houvesse de ser feita ao fogo, que fazer-se de comer com tão grande contrapêso, como era o do fumo. Para o que pediram a Francisco Barreto mandasse prover aquilo doutro modo, porque se não atreviam a dar à bomba, por o fogão estar aceso; o que êle fêz com mandar serrar duas pipas pelo meio, de que se fizeram quatro celhas, que se puseram no convés da nau, cheias de vinho, água e biscouto, e algumas conservas, de que se sustentaram três dias, em que se não comeu cousa que se houvesse de fazer com fogo. Achadas as águas que a nau fazia, que foram 54, trataram os officiais dela, a saber, calafates e carpinteiros, de as tomarem por dentro da nau, que por fora não era possível; e assim as foram tomando, com se cortarem algumas curvas, liames e entremichas; que ainda que desta maneira ficou a nau fazendo menos

água, ficava todavia mais fraca por causa dos liames que lhe cortaram, e assim qualquer balanço que dava a fazia jogar tôda, tão desengonçada que cuidaram os que iam nela ser cada hora a derradeira em que se havia de abrir, e êles acabarem todos miseravelmente. Pelo que, foi necessário darem-lhe um cabo de proa e outro de pôpa, virados e apertados com o cabrestante, para que não abrisse de todo, e se dividisse em muitas partes. E como a nau com tôdas estas ajudas e remédios não deixava de fazer tanta água, que não faziam outra cousa todos os fidalgos e cavaleiros que iam nela senão dar continuamente a ambas as bombas, sem a poderem vencer e esgotar, mandou Francisco Barreto, por conselho dos officiais dela, juramentados, alijar ao mar muitas fazendas de mercadores, como eram bejoim, de que se lançaram ao mar muitos quintais, e muitos fardos de anil e algumas caixas de sêdas e muitas cousas da China, muito ricas e curiosas.

Aconteceu neste mesmo tempo, em que se lançaram ao mar estas fazendas, irem dar os trabalhadores com uns fardos de anil, de um alvitre de que El-Rei D. João fazia cada ano esmola e mercê para as obras da igreja de Nossa Senhora da Graça de Lisboa; e perguntando a Francisco Barreto se havia também aquêlê anil de ser lançado ao mar, como foram as mais fazendas a que o tinham feito, respondeu que não, que quando não houvesse outro remédio para se salvar, senão lançar-se a sua sua própria dêle, que se lançasse, porque às costas havia de salvar a fazenda de Nossa Senhora, em cujo favor confiava estar o remédio e salvação daquela nau.

Indo o trabalho da água, que a nau fazia, por diante, e não bastando dar-se a ambas as bombas para deixar de ser maior a quantidade da que entrava que a da que deitavam fora com as bombas, e receando-se o pilôto que quando menos cuidassem lhes fôsse a nau ao fundo, por

quão rôta e aberta ia, ordenou com consentimento de Francisco Barreto encaminhar a nau a demandar a primeira terra que pudessem aferrar, que era pouco mais ou menos a do Natal (onde se perdera Manuel de Sousa Sepúlveda, no galeão S. João, a 14 de Junho do ano de 1552), em 30 graus da banda do sul, havendo por melhor sorte acabarem em terra as vidas, que comerem-nos os peixes do mar.

E indo assim com a proa em terra, de que estariam 50 léguas pouco mais ou menos, chamou Francisco Barreto a conselho o piloto, e todos os mais oficiais da nau, e dando-lhes juramento sôbre um missal e um crucifixo, em que todos puseram a mão, lhes mandou que cada um dêles dissesse pelo juramento que tomara o que entendia do estado em que a nau estava e o que lhe parecia bem que se fizesse. Ao que o piloto, como pessoa principal, respondeu primeiro dizendo que êle havia cincoenta anos que andava no mar, e tinha passado aquella carreira muitas vezes, onde se vira em grandes perigos, mas que nunca se vira em algum tamanho como aquêle em que então se via, pelo estado em que a nau estava de podre, e a muita água que por estar aberta fazia; e que, se Nosso Senhor por sua misericórdia os levasse a haver vista de terra, que haviam de demandar, era a maior mercê que podiam desejar homens que andassem no mar, e se vissem em tamanhos perigos como eram os em que êles se viam. Do mesmo voto foi o mestre e todos os mais oficiais, sem discreparem uns dos outros.

Vendo Francisco Barreto o estado em que estavam, fêz a todos os da nau uma breve fala, nascida de um ânimo, a quem nem trabalhos cansavam, nem perigos atemorizavam, para perder um muito pequeno ponto dêle, dizendo-lhes: «Senhores fidalgos e cavaleiros, amigos e companheiros, não deveis de vos entristecer e melancolizar com irmos demandar a terra onde levamos posta a

proa, porque pode ser que nos leve Deus a terra onde possamos conquistar outro novo mundo, e descobrir outra Índia maior que a que está descoberta, pois, levo aqui fidalgos e cavaleiros, por companheiros, com quem me atrevo acometer tôdas as conquistas e emprêsas do mundo, por árduas e dificultosas que sejam, porque o que a experiência de muitos que aqui vão nesta companhia me tem mostrado me assegura e dá confiança, para não haver cousa no mundo que possa temer nem recear ».

Estas palavras disse Francisco Barreto com o rosto tão alegre e desassombrado, como se estivesse recreando-se nas hortas do Vale de Enxobregas e não pôsto a varar na terra da mais bárbara gente que o mundo tem. E todavia acrescentou com elas a todos os daquela companhia novas fôrças, e deu-lhes novos espíritos para poderem continuar a levar avante o pêso do trabalho com que iam, que era assaz grande.

Indo assim determinados a varar na Terra do Natal, como as mercês que Deus costuma fazer aos necessitados de remédio são mostrar-lhes que na maior fôrça da desesperação dêle aí lho concede, assim usou com êstes trabalhadores e afligidos navegantes, fazendo-lhes mercê de lhes abrandar os ventos e abonança os mares (que até então eram muito grossos e empolados); que foi cauza da nau ficar com menos trabalho, dando menos balanços, e de fazer menos água.

Vendo o pilôto e mais officiais da nau ser menor o perigo, foram de parecer que mudassem o rumo e fizessem seu caminho para Moçambique, onde esperavam em Deus os havia de levar a salvamento; e assim foi, que com os tempos galernos e brandos, que dali por diante sempre tiveram, foi a nau fazendo sua viagem. Mas os fidalgos e passageiros foram sempre com os aldropses das bombas nas mãos, sem os tirarem delas um só momento, porque por breve que fôsse o intervalo que houvesse de

se deixar de dar a ambas as bombas, logo a água crescia muitos palmos e os venciam; e porque não fôsem vencidos dela, iam dando a ambas as bombas continuamente.

E querendo Francisco Barreto aliviar êste tão grande e contínuo trabalho aos fidalgos, chamou um capitão dos cafres, que vinha na nau, que os fazia trabalhar e era seu presidente, e lhe prometeu cem cruzados, se êle com seus companheiros esgotassem as bombas, o que êles aceitarem; e pondo os peitos ao trabalho, e o ôlho no que se lhe tinha prometido, em um dia que trabalharam esgotaram as bombas. Foi tamanho o contentamento de todos, que se deu boa viagem pela nau, como se passaram pelo Cabo da Boa Esperança ou entraram pela barra de Lisboa. E assim foram até Moçambique, onde chegaram na entrada de Abril do ano de 1559. E acharam a nau Garça, de João Rodrigues de Carvalho, que chegara o dia de antes destroçada para invernar ali.

Tanto que Francisco Barreto chegou a Moçambique, tratou do consêrto da sua nau, e da de João Rodrigues de Carvalho, o que fêz com muito cuidado e diligência, e com muito grande despesa de sua fazenda (cousa que já nem os capitães nem os governadores e Viso-Reis querem fazer nos tempos presentes). O cuidado do consêrto das naus não foi causa de o deixar de ter mui particular dos fidalgos que iam em sua companhia, e dos mais passageiros e gente do mar de ambas as naus; porque todo o tempo que esteve em Moçambique (que foram mais de sete meses e meio), proveu e acudiu a todos mui liberalmente com o dinheiro necessário, conforme a qualidade e gastos de cada um, por lho pedir assim sua condição e ser um dos mais liberais fidalgos daquêle tempo, e por ver que, se o não fizesse assim, haviam todos aquêles homens de passar muitos trabalhos e necessidades, por estarem em parte onde não tinham quem lhas remediasse, nem de quem se pudessem valer, senão desbaratando a

pobreza que traziam, que fôra para êles outro segundo naufrágio, pela qual tantas vezes os navegantes arriscam as vidas. E com esta liberalidade e largueza, de que usou com esta gente, fêz dois bens: remediá-la a ela, e a si próprio; porque de tal maneira lhes granjeou a vontades com os remediar, que sempre os achou consigo nos maiores trabalhos em que se viu, que foram muitos e mui grandes, com cuja ajuda o livrou Nosso Senhor de todos os perigos que teve em tôda esta viagem. E assim gastou nela, no consêrto das naus e nas invernadas, mais de dezóito mil cruzados, como disseram pessoas muito verdadeiras e dignas de muita fé, que se acharam presentes em tôdas estas cousas, e nos deram tôdas estas informações. De maneira que, querendo Francisco Barreto consertar as naus em que havia de vir para o reino, começou a dar ordem e dinheiro para isso, com a ajuda de Bastião de Sá (que então era capitão de Sofala, e estava em Moçambique) que mandou logo muitos oficiais carpinteiros e marinheiros à terra firme, a cortar a madeira necessária para o consêrto delas, donde a trouxeram muito boa; e no rio lhes deram pendor muito grande e foram mui bem consertadas, quanto podia ser, sem virem a monte, o que também se lhes fizera se o lugar fôra capaz disso.

Depois das naus estarem muito bem consertadas e aparelhadas, foram fazendo sua aguada e metendo os mantimentos necessários para a jornada que haviam de fazer; e chegando-se o tempo de partir, se fizeram ambas à vela com a monção dos levantes, uma segunda-feira aos 17 de Novembro de 1559, ficando os capitães ambos concertados de irem sempre um à vista do outro e nunca se apartarem, para se ajudarem em qualquer trabalho e perigo que lhes acontecesse.

Ao terceiro dia depois de partidos da barra, donde poderiam estar obra de 50 léguas pouco mais ou menos, começou a nau de Francisco Barreto a fazer muita água,

e por causa dela deram aquêlle dia cinco vezes a ambas as bombas, e de noite outras tantas, e ao outro dia fazia já a nau tanta, que a não podiam esgotar, com darem continuamente a elas. Pelo que, mandou Francisco Barreto pôr fogo a um falcão e fazer sinal à outra nau para que arribasse sôbre êle; e chegados à fala mandou dizer por um marinheiro ao capitão da outra nau que êle ia com muito trabalho, por razão da sua nau fazer muita água, que lhe pedia muito por mercê o não desamparasse, porque ia arribando na volta das ilhas do Bazaruto que estão junto à Costa de Sofala; e com ventos escassos iam forçando a nau, por não poderem tornar a tomar Moçambique, por ser já entrada a monção dos levantes com que de lá partiram.

Indo assim a nau nesta volta, fêz-lhe Deus mercê de vencerem a água da bomba, com o que pareceu bem a todos tornarem a voltar e fazerem sua viagem para o Cabo da Boa Esperança. Continuaram com êste trabalho dois ou três dias, em que chegaram tanto ávante como o Cabo das Correntes, defronte da derradeira ponta da ilha de S. Lourenço, que está em 25 graus da banda do Sul, quási duzentas léguas de Moçambique. Foi a nau fazendo tanta água, que havia já nela três ou quatro palmos dela sem se poder vencer. Pelo que, forçado Francisco Barreto da necessidade presente e receoso do perigo futuro, mandou pôr fogo a um falcão, e fazer sinal à outra nau, de João Rodrigues de Carvalho, para que arribasse sôbre êle, que ia já outra vez na volta das Ilhas de Bazaruto; o que ouvido pelo capitão dela, mandou ao piloto e mestre que seguissem aquela bandeira del-Rei nosso Senhor, pois aquela nau era sua e ia em tão grande trabalho e perigo tão evidente, pois não havia mais que oito dias que eram partidos e já arribara duas vezes.

A êste mandado do capitão João Rodrigues de Carvalho não quiseram o piloto nem o mestre e mais officiais

obedecer; antes lhe fizeram grandes protestos e requerimentos, que fizesse sua viagem para Portugal, porque aquela outra nau se ia a perder e que já não tinha remédio, e que não era razão que também elles se perdessem com ela; que menor mal era perder-se uma nau que ambas. E como o capitão era só e os outros muitos, venceu a fôrça à razão; e seguindo elles a sua, sem darem pelo que lhes o capitão mandava, se foram caminho do reino, deixando a outra nau em que ia Francisco Barreto, com tenção de se não tornarem mais a ver.

Ao outro dia seguinte tornaram os da nau de Francisco Barreto a vencer a água; e com esta melhoria que sentiram na nau voltaram e tornaram a cometer a jornada do Cabo da Boa Esperança, tendo-a posta só em Deus com confiança que lhes faria mercê de continuar com aquela que lhes começara a fazer. E sabendo que naquella monção são os ventos brandos no Cabo, e os tempos menos tempestuosos, iriam (ainda que com trabalho) dando sempre à bomba, até os Deus levar à Ilha de Santa Elena, onde esperariam as naus da viagem, e aí tomariam uma ou duas, em que se metessem com a fazenda que pudessem salvar nelas e a artelharia da nau, e ela faria ali a ossada. Indo esta nau de Francisco Barreto com estes intentos, seguindo o rumo da nau Garça que a tinha deixado com tanta deshumanidade, sem culpa do capitão, como a nau Patifa era muito veleira foi alcançando a outra, que com também o ser muito, ordenou Deus que a alcançasse a nau de Francisco Barreto, pois havia de ser o meio e o instrumento de salvação dos que iam na Garça, que se havia de perder.

Tanto que a nau Garça teve vista da outra nau, amainou os traquetes e foi esperando por ela até chegarem à fala, que seria ali às três horas depois do meio dia. E chegando à nau, mandou Francisco Barreto fazer um requerimento ao capitão e aos officiaes, em que lhes

requeria da parte del-Rei nosso Senhor que seguissem aquela nau, e a não desamparassem, sob pena de os haver por traidores e alevantados contra El-Rei, e lhes encampava tôda a fazenda que ia nela, para El-Rei haver a sua pela dêle capitão e de todos os mais officiaes, de que logo mandou fazer um auto. A isto responderam os da nau Garça que êles seguiriam a nau e não fariam outra cousa.

Indo assim as naus ambas à vista uma da outra, logo ao outro dia depois de feito o protesto, quási a horas de vésperas, atirou a nau Garça um tiro, fazendo sinal que lhe acudissem; o que Francisco Barreto logo fêz, mandando lançar uma manchua ao mar; e por êle não estar para poder acudir em pessoa (por estar sangrado daquela manhã) mandou Jerónimo Barreto Rolim em seu lugar, a quem deu poderes para que, se houvesse algumas controvérsias ou dissenções entre o pilôto ou mestre com o capitão, êle com sua prudência os compusesse; e sendo outra cousa, a remediasse conforme o negócio o pedisse e requeresse.

Chegado Jerónimo Barreto à nau, viu a todos mui atribulados e trabalhados, e assaz desgostosos, revolvendo os paíóis da pimenta em busca de uma água que a nau fazia, de que estavam todos mui inquietos, por temerem que fôsse má de tomar e que lhes desse ao diante muito trabalho, como deu, pois ela foi a total causa de se a nau perder. Com esta nova se tornou Jerónimo Barreto para a nau de Francisco Barreto, a quem deu conta do que passava na Garça, que tôda a noite passou com grande vigia, sem nunca deixarem de dar a ambas as bombas. Tanto que foi manhã lançou a nau Garça uma manchua ao mar com quatro marinheiros e o escrivão da nau, que se chamava João Rodrigues Pais e veio à nau de Francisco Barreto com um escrito do capitão para êle, que dizia assim: *Senhor, cumpre muito ao serviço de Deus e*

del-Rei Nosso Senhor chegar V. Senhoria cá, e pela brevidade dêste veja o que cá vai. Beijo as mãos a V. Senhoria.

Visto o escrito por Francisco Barreto, meteu-se logo na sua manchua com alguns fidalgos da sua nau e foi à outra, que já estava muito trabalhada, por causa da muita água que fazia, andando os oficiais e marinheiros baldeando a pimenta dos paióis de uma parte para a outra, em busca da água, no que se gastou todo aquêlê dia; e Francisco Barreto se tornou para a sua nau com os fidalgos que com êle foram, todos muito tristes por verem o miserável estado em que a outra ficava. E entrando Francisco Barreto na sua, disse a todos os fidalgos e cavaleiros que nela estavam: «Senhores, aquela nau está em muito trabalho e corre muito perigo de se perder; encomendemo-la a Nosso Senhor, que por sua misericórdia a queira salvar». E assim passaram todos aquella noite sem dormirem, pelo estado e perigo em que ambas as naus estavam, pela muita água que também a de Francisco Barreto fazia, que não bastava para lha diminuir lançarem dela ao mar muita fazenda de partes, pimenta del-Rei, e dois mil quintais de pau preto, com que vinha assaz carregada de Moçambique (que é a total destruição das naus que ali invernam, o que se houvera de atalhar com grandes defesas). Ao outro dia pela manhã fizeram sinal na nau Garça, com um tiro, que lhe acudissem, o que Francisco Barreto não esperou, porque quando atiraram já êle ia bem afastado da sua nau, acudir à outra com alguns soldados, que pudessem ajudar aos da nau, que já os de lá estavam sem esperança de salvação, por fazer muita água por parte que se lhe não podia tomar, nem vedar, porque era pelo delgado da pôpa, a que chamam picas, lugar irremediável.

Vendo Francisco Barreto, com o capitão da nau e todos os mais oficiais, o estado em que ela estava, e que

nenhum remédio tinha senão deixá-la, assentaram que se recolhessem à outra as mulheres, meninos e tôda a mais gente que não fôsse para poder trabalhar, primeiro que tudo; e após isso os mantimentos que na nau havia, para remédio dos perdidos, porque os que vinham na nau de Francisco Barreto não podiam abastar para tanta gente. Para isso lançaram logo o batel grande fora, para com as duas manchuas, que já andavam no mar, se despejasse a nau mais depressa, assim da gente como dos mantimentos, que logo começaram de levar, a saber: biscoito, arroz, carnes, e alguns barris de vinho; o que se fêz em três dias, que sempre Francisco Barreto esteve na nau Garça, por atalhar a confusão que sempre há em casos semelhantes, e dar ordem a se trabalhar nela por que se não fôsse ao fundo, até que se tirasse dela o que fôsse necessário para a viagem que haviam de fazer. E enquanto se despejava, esteve sempre Francisco Barreto no convés dela, com uma espada nua na mão, sem consentir passageiro algum levar para a outra mais que o que cada um pudesse meter na manga ou na algibeira, pela não carregar, que também se estava indo ao fundo com a muita água que fazia. E, para isto se poder fazer com a facilidade com que se fêz, usou Deus com esta gente de uma grande misericórdia, que foi em todo êste tempo estar o mar tão brando, como se fôsse um rio de água doce, sem ondas; que, a não ser assim, ou todos se perderiam, ou os que se salvaram o fizeram com muita dificuldade.

Assim que, despejada a nau dos mantimentos necessários, mandou Francisco Barreto recolher tôda a gente, ficando êle ainda na Garça para se ir na derradeira batelada, em que foi a gente do mar, que seriam oitenta homens, por estar quási cheia de água até à coberta do cabrestante. E sendo já apartados dela um tiro de pedra, viram do batel vir um bugio que todo aquêl tempo em que se a nau despejou esteve na gávea sem vir

abaixo; senão quando se viu só então se desceu pela enxárcia e se foi a bordo, e como que pedia aos que iam no batel que o tomassem; o que vendo Francisco Barreto, não pôde acabar consigo apartar-se da nau sem salvar tudo o que tivesse vida, e logo disse aos que iam remando o batel, duas vezes, que tornassem à nau e tomassem aquêlê bugio, porque se diga em Portugal, e onde quer que se falar neste naufrágio, que não ficou cousa nela que não salvassem. Ao que todos responderam que lhe requeriam da parte del-Rei Nosso Senhor que não quisesse chegar à nau, porque estava já quási metida no fundo, e que, quando se submergisse, com o redemoinho que fizesse levaria o batel consigo. O que pareceu bem a todos; e assim se afastaram da nau, ficando só o bugio nela. Quando se apartaram de todo dela para a deixarem, poderia ser às três horas depois do meio dia, pouco mais ou menos; e ainda à bôca da noite se via sem se ter ido ao fundo. Recolhido Francisco Barreto com êstes homens do mar e o capitão da Garça, João Rodrigues de Carvalho, com muita tristeza e lágrimas de verem perder assim uma nau sem tormenta, sendo a maior e mais rica que até aquêlê tempo houvera na carreira da Índia, tanto foi o seu pesar e tristeza, pela perda da fazenda daquela gente, que foi necessário consolarem-no, como se a perda tôda fôra só dêle. Depois de recolhida a gente dela, fêz Francisco Barreto um escrito, em que dizia estas palavras:

« A nau Garça se perdeu tanto avante como o Cabo das Correntes, em altura de 25 graus da banda do Sul, e foi-se ao fundo por fazer muita água. Eu com os fidalgos e mais gente que levava na minha nau lhe salvei a sua tôda; e imos fazendo nossa viagem para Portugal, com o mesmo trabalho. Pedimos pelo amor de Deus a todos os fiéis cristãos que disto tiverem notícia, indo ter êste batel aonde houver portugueses, que nos encomen-

dem a Nosso Senhor em suas orações, nos dê boa viagem e nos leve a salvamento a Portugal ».

Este escrito se meteu em um canudo, e o taparam e brearam muito bem, e fizeram uma cruzeta alta no batel, donde o ataram, porque lhe não chegasse a água, e deixaram o batel que o levassem as águas aonde quisessem. Foi Deus servido que fôsse ter dentro a Sofala, onde estava Bastião de Sá por capitão, como depois se soube, quando Francisco Barreto tornou a invernar a segunda vez a Moçambique.

Depois disto feito e recolhida a gente da nau Garça, quis Francisco Barreto fazer alardo da que tinha na sua, para a acomodar e lhes ordenar como fôsse melhor agasalhada; e achou, entre fidalgos, soldados, gente do mar, escravos, mulheres e meninos, 1137 almas; e com tôda esta gente cometeu o caminho do Cabo da Boa Esperança, por ventarem os levantes, que só servem para ir a Portugal.

Indo a nau fazendo muita água, e navegando (como digo) para o Cabo de Boa Esperança, com tempo brando e ventos galernos, lhe deu súbitamente pela proa um ponente tão rijo e furioso, que lhe rompeu a vela grande por muitas partes; pelo que, foi necessário dar com a vêrga em baixo para a coserem e remendarem, e ficar a nau árvore sêca ao paio, de que os pilôtos e mais oficiais de ambas as naus se espantaram muito, por verem que em monção de Levantes ventaram Ponentes, o que lhes pareceu não duraria mais que aquêle só dia; mas enganaram-se, porque ventaram outros dois mais. Visto isto pelos pilôtos e mais oficiais das duas naus, se foram a Francisco Barreto e lhe fizeram uma fala em que lhe disseram: — Que êles havia muitos anos que cursavam aquela carreira (principalmente Aires Fernandes, que era o pilôto da nau Garça, que D. Constantino trouxe consigo, com lhe fazerem muitas honras e vantagens, por ser

já muito velho e estar aposentado, e tinha passado o Cabo de Boa Esperança trinta e quatro vezes) e que se não lembravam em tempo de Levantes ventarem três dias contínuos Ponentes, que aquilo parecia mais disposição Divina, que efeito natural. Que parece que queria Nosso Senhor mostrar-lhes que não era servido de se perder aquela nau e tantas almas quantas levava; e que cometerem aquela viagem da maneira que a nau ia era temeridade, e que parecia mais tentar a Deus que esperar nêlo. Pelo que, requeiriam a sua senhoria, da parte de Nosso Senhor, que quisesse arribar a Moçambique, e daí lhes daria por sua misericórdia remédio para se salvarem ou faria o de que êle fôsse mais servido. O que visto por Francisco Barreto, e ouvidos os pareceres de todos, se foi com êles; e mandou fazer um auto disto que se assentou, assinado por todos os officiais de ambas as naus. E assim fêz volta, e foi Nosso Senhor servido de os levar a Moçambique, mas sempre com as mãos nas bombas, e com muito trabalho, que não fôra possível poder-se aturar se não fôra tanta a gente por quem se repartia.

Indo a nau já perto de Moçambique, lhe aconteceu outro desastre, não menos perigoso que o da água que fazia; e foi que, estando cincoenta léguas de Moçambique pouco mais ou menos, e dez ou doze de terra, costeando-a com vento de tôdas as velas, indo um filho do piloto pescando do chapitêu da pôpa, deu um grande grito, repetindo duas vezes: «Pai, braça e meia, braça e meia». A êste tempo estava Francisco Barreto na sua varanda, donde ouviu o que dissera o filho do piloto; saiu muito depressa para a tolda e achou uma revolta e traquinada, que havia em tôda a nau, sem ninguém se saber dar a conselho, nem sabiam o que fizessem, por não saberem a causa de tão grande confusão e murmuriho como havia. Nesta conjunção deu a nau uma pancada, com que tremeu tôda, e com ela ficou a gente em

tão grande silêncio, como se não estivesse nela pessoa viva. Vendo o piloto isto, subiu muito depressa à gávea para de lá mandar a via, e por ver se via diante da nau algum baixo, de que se desviasse (o que não podia fazer da cadeira, por razão das velas, que tôdas iam dadas); e assim mandou ir a nau à orça por se afastar da terra, que logo foi perdendo de vista. A causa da pancada que a nau deu foi que naquela costa de Moçambique, dez, quinze, vinte léguas ao mar, há uns penedos, que o mar cobre, com braça e meia, duas e três de água, que se não vêem, que se chamam Alfaques; parece que, perpassando a nau por junto de algum destes, tocou com alguma das ilhargas, e foi causa daquêle abalo que fêz; que, se acertara de dar com a proa ou com a quilha, ali fizera a ossada, e a gente tôda se afogara sem remédio algum. Perdida a terra de vista, foram demandar a de Moçambique, onde entraram aos 17 de Dezembro de 1559, pondo nesta viagem um mês desde o dia que partiram daquele pôrto, até que tornaram a entrar nêle.

Tanto que Francisco Barreto chegou a Moçambique, da segunda arribada, determinou logo de se ir caminho da Índia, a invernar em Goa, por estar muito despeso e ter gastado muito de sua fazanda, e não ter dinheiro para cumprir com as obrigações de quem era e com o que lhe pedia a nobreza de sua condição, que era muito larga e liberal, o que em Goa poderia fazer com mais facilidade e a menos custo de sua fazenda. E como não havia naquela fortaleza mais embarcações em que se pudesse ir, que uma fusta vélha del-Rei, e desconcertada, e fôsse avisado que na costa de Melinde tinha um homem chatim uma fusta boa, a mandou logo com muita pressa comprar. Chegada a fusta, a mandou logo varar, cifrar e consertar, mandando fazer o mesmo à vélha, que ali estava, del-Rei. Depois de estarem já as fustas consertadas, tomou uma para si, e a outra deu-a a Jerónimo Bar-

reto Rolim, seu primo, para irem nela pela costa de Melinde, e atravessarem a Goa da Ilha de Socotará, o que não teve efeito, porque o fêz de Pate.

Embarcados nas fustas os mantimentos e andando-se fazendo aguada para partirem, parece que, desejando João Rodrigues de Carvalho (capitão que fôra da nau Garça, que se perdeu) de passar à Índia naquela companhia, pediu a Jerónimo Barreto Rolim o quisesse levar na sua fusta. Imaginou-se Jerónimo Barreto já perdido, por se assombrar com João Rodrigues de Carvalho, por ser muito mal sucedido no mar e tão pouco ditoso nêle, que não se sabe haver-se embarcado vez alguma, que não se perdesse a embarcação em que êle fôsse. Respondeu-lhe Jerónimo Barreto Rolim que o não podia levar. Parece que lhe disse algumas palavras de que João Rodrigues de Carvalho inferiu que o deixava de levar em sua companhia por sua má fortuna e pouca dita. Cuidando João Rodrigues de Carvalho nisto, fêz nêle tanta impressão o não o quererem levar por aquêle respeito, que disto se lhe gerou a morte; porque aquela noite seguinte estando êle na cama em casa de Pero Mendes Moreira, que era Feitor e Alcaide-Mor de Moçambique, com quem pousava, começou a gemer e dar muitos ais. Disseram-lhe dois filhinhos de Pero Mendes Moreira que tinha consigo na cama, um de três e outro de quatro anos: «Tio (porque assim lhe chamavam os meninos) — vós não dormis e gemeis porque perdestes a vossa nau?» De tal maneira sentiu e o entraram as lembranças que os inocentes lhe fizeram, que foi a causa de sua morte; porque amanheceu morto na cama, sem haver outra cousa a que a morte se lhe pudesse atribuir. Tanta fôrça e eficácia têm a paixão e tristeza, que foi bastante para se lhe cerrarem os espíritos vitais, e morrer.

Acabada de fazer a aguada das fustas se embarcou Francisco Barreto na sua, e Jerónimo Barreto na outra; e

na entrada de Março de 1560 se partiram de Moçambique caminho da costa de Melinde na monção pequena. Chamam-lhe pequena em razão das muitas calmarias que ali há. Os fidalgos que Francisco Barreto levava na sua fusta eram Manoel Danaia Coutinho, Pedr'Álvares de Mancelos, Francisco Álvares, Provedor-mor dos defuntos, Francisco de Gouveia e um Foão de Araújo, afora outros muitos homens que eram da obrigação de Francisco Barreto; porque os mais fidalgos ficaram em Moçambique para se virem na monção grande, que é em Agosto, na nau Patifa.

Foi Francisco Barreto tomando os portos que havia pela costa de Melinde, onde se refazia de água e mantimentos. O primeiro que tomou foi Quíloa, que está em seis graus da banda do Sul, 150 léguas de Moçambique. Nesta cidade esteve quatro dias surto, com quem o Rei dela nunca se quis ver. Teve Francisco Barreto notícia de uns dois monstros que ali havia, filhos de um bugio e de uma negra, que se dizia ser mulher de um Xequê. Trabalhou Francisco Barreto todo o possível pelos haver e levar a El-Rei D. Sebastião; mas eram de El-Rei de Quíloa, que não os quis resgatar. Determinou então Francisco Barreto de os mandar furtar; mas como isto não esteve tanto em segredo que se não aventasse, sabendo-o o Rei, mandou que os pusessem em cõbro até que Francisco Barreto se fõsse.

Partido daqui desta cidade foi tomar a de Mombaça, onde esteve oito dias, espalmado e consertando as fustas. Aqui foi (quando logo chegou) visitado do Rei com um grande presente de refrêscos, de vacas, carneiros, galinhas, mel, manteiga, tâmaras, limões, cidras e laranjas, de que a ilha (que será de sete léguas em roda) é mui abastada e fértil. Respondeu-lhe Francisco Barreto com outro de muitos brincos e peças ricas e curiosas, que já levava para isso, em que mostrava quão liberal e grandioso era; porque, como já dissemos, era o mais liberal

fidalgo que havia naquele tempo. Tanto, que bem se verificava nêle aquêlê dito de Antão de Noronha, Viso-Rei que foi da Índia, que dizia: *Que não se podia sustentar a Índia com prosperidade, senão havendo nela capitães doidos, que saíssem ricos de suas fortalezas e tornassem a gastar com soldados tudo o que delas tirassem.* O que aconteceu a Francisco Barreto, que, tirando da fortaleza de Baçaim (de que foi capitão) oitenta mil pardaus, assim os gastou em serviço del-Rei com soldados, que quando entrou na governança da Índia já devia vinte e oito mil pardaus. Daqui podemos muito bem inferir, e do estado em que a Índia agora está, quantos sisudos tem.

E tornando a continuar com a viagem de Francisco Barreto: depois que partiu de Mombaça foi tomando todos os mais portos e ilhas que havia pela costa de Melinde, onde se viu com El-Rei, que por ser muito amigo do de Portugal e dos portugueses o foi visitar à terra e lhe mandou um muito rico presente. Partido daqui, foi ter à ilha de Pate, onde achou um navio de uma gávea, que era de um chatim, e estava carregado para se partir para Chaul. E como Francisco Barreto ia na fusta muito apertado, por razão da muita gente que levava, fretou o navio a cujo era, e se passou a êle com a maior parte da gente que levava na sua fusta; e dali (que está esta cidade em três graus da banda do Norte, e seiscentas léguas da barra de Goa) se fêz à vela, e pôs na viagem 40 dias, sendo ela de 25, onde passou muito trabalho de sêdes neste gôlfo, por razão das muitas e grandes calmarias que teve; que, se tardaram dois dias mais sem tomarem a costa da Índia, todos houveram de perecer de sêde, por não levarem já um almude de água, e haver muitos dias que se não comia arroz, por não haver água com que o cozer, nem biscouto, e só comiam tâmaras e côcos, e algumas poucas vezes carne assada, de uns poucos de carneiros que vinham no batel do navio.

Indo assim neste trabalho houveram um manhã vista de terra da costa da Índia, e naquela tarde saíu de um rio daquela costa o catur de Roque Pinheiro, que vinha do Estreito de Meca, onde o Viso-Rei D. Constantino o mandara, em companhia de Cristóvão Pereira Homem, a lançar em Maçúá o irmão Fulgêncio Freire, da Companhia de Jesus, com recado ao Bispo que estava na Abassia.

Vendo Roque Pinheiro aquêlê navio se foi a êle, e, sabendo que ia nêle Francisco Barreto, entrou nêle e lançou-se aos seus pés com muitas lágrimas pelo ver naquelas partes em outro estado, havia pouco, bem diferente daquele em que o então via. Depois de lhe dar conta de como o cossairo Cafar tomara o navio de Cristóvão Pereira Homem, proveu o navio de Francisco Barreto de água, dando-lhe tôda a que trazia, e tornou à terra com muita pressa a buscar mais, com que acabou de dar vida aos pobres, que já a não traziam; que, se acertaram de não topar aquêlê navio, então pode muito bem ser que aquêlê fôra o derradeiro dia de seus trabalhos. Ao outro pela manhã, que foi uma sexta-feira, 17 de Maio de 1560, chegou à barra de Goa já com as mãos nos cabelos, bem temeroso e receoso das primeiras ameaças do inverno, que entra mui furioso naquela costa, e com espada na mão, como logo aconteceu. Ao outro dia seguinte, que foi sábado, depois de todos estarem já desembarcados, e Francisco Barreto no Mosteiro dos Reis Magos da Ordem de S. Francisco, que está em Bardez, na barra de Goa, fêz uma tão grande tempestade de vento e chuva, que parecia acabar-se o mundo e soverter-se a terra com outro segundo dilúvio.

Tanto que se soube em Goa da chegada de Francisco Barreto à barra, foi logo visitado de todos os fidalgos e casados de Goa, e êle se embarcou em um catur ligeiro e se foi caminho da cidade, visitar o Viso-Rei D. Constantino de Bragança, acompanhado de tôda a fidalguia e

cidadãos, e tanta mais gente, que enchia desde o cais até à fortaleza, e todo o seu terreiro; e rompendo por aquela multidão de gente, chegou a êle, que o estava já esperando com muito grande alvoroço e cortesias, e se foram para dentro, onde, depois de descansar e dar conta do que lhe acontecera na jornada, se foram cear com uns fidalgos parentes de ambos; e ali dormiu aquela noite. Ao outro dia pela manhã se tornou Francisco Barreto a embarcar, para ir aos Reis Magos, a cumprir uma novena que tinha prometido no seu naufrágio, e foi acompanhado de tanta fidalguia e nobreza, que parecia despejar-se a cidade. Vendo o Viso-Rei D. Constantino o grande concurso dos fidalgos e casados de Goa que o acompanhavam, disse aos que estavam presentes: — *Quantas graças deve dar Francisco Barreto a Deus pelo fazer tão benquistto.*

Depois de Francisco Barreto estar no mosteiro dos Reis Magos cumprindo sua novena, o mandou visitar o Viso-Rei, e lhe mandou quatro mil pardaus, de que lhe fazia mercê em nome del-Rei, para ajuda das despesas do inverno. Acabada a novena da romaria se foi Francisco Barreto aposentar além de Santa Luzia, nas casas de um casado de Goa que se chamava Fernão Nunes, onde esteve até meado de Dezembro, correndo sempre com o Viso-Rei muito bem, que o tornou a mandar visitar, e lhe mandou dois muito fermosos ginetes, que êle logo deu, um a Luiz de Melo da Silva, seu parente, e outro a D. Felipe de Menezes, seu sobrinho, filho de sua irmã D. Brites de Vilhena, por sobrenome a Perigosa, e D. Henrique de Menezes. E como Francisco Barreto não tinha nau em que se viesse para o reino, lhe deu o Viso-Rei a nau S. Gião, que invernara em Goa, e estava varada em Panelim, onde se consertou muito bem para êle vir nela, satisfazendo a António de Sousa de Lamego a capitania da nau.

Enquanto Francisco Barreto invernava, e a nau em que há-de partir para o reino se conserta, daremos razão da nau Patifa, que ficou em Moçambique invernando da segunda arribada, que por vir muito destroçada a mandou Bastião de Sá, capitão que acabava de ser de Sofala, consertar muito bem para se ir nela para Goa na monção grande, que é a de Agosto, em companhia das que haviam de vir do reino. E como esteve consertada, mandou Bastião de Sá embarcar nela água e mantimentos e tôda a sua fazenda; e como foi tempo, embarcou-se nela com todos seus criados, e os fidalgos que vieram nela em companhia de Francisco Barreto, que ficaram invernando em Moçambique, donde se fêz à vela aos onze de Agosto. Ao dia seguinte começou a fazer tanta água, que se ia ao fundo, e como não podia tornar a arribar a Moçambique, foi forçado ir demandar a barra de Mombaça, onde varou em terra e se desfez, salvando-se tudo o que levava, assim del-Rei, como de partes; e Bastião de Sá se embarcou em um navio em que foi à Índia.

Tornemos a Francisco Barreto, que está invernando em Goa, e consertando a nau S. Gião, em que se havia de embarcar; que, depois de a ter consertada e começando de a carregar, chegaram à barra de Goa cinco naus do reino; em uma delas vinha D. Luís Fernandes de Vasconcelos, que veio ter a Moçambique, depois de se perder o ano passado na nau Galega, e ficar invernando na ilha de S. Lourenço, onde foi ter no batel da nau, em que se tinha salvado com sessenta pessoas.

Tanto que o Viso-Rei soube de sua chegada, logo o mandou visitar com dois mil pardaus e um cavalo e um quartau; correndo muito bem alguns dias, que esteve em Goa, com o Viso-Rei, até se embarcar para o reino na nau de Francisco Barreto, por ser casado com D. Branca de Vilhena, sua sobrinha, filha de Diogo Lopes de Se-

queira, que foi governador da Índia, e de D. Maria de Vilhena, sua irmã.

Estando já a nau S. Gião prestes, aparelhada, carregada e com os mantimentos e água embarcados, se fez Francisco Barreto à vela a 20 de Dezembro, tendo muito próspera viagem e dando em tôda ela mesa aos fidalgos que foram em sua companhia, os quais eram: D. Luís Fernandes de Vasconcelos, D. João Pereira, irmão do conde da Feira, D. Duarte de Menezes, Garcia Moniz Barreto, da ilha da Madeira, Manoel Danaia Coutinho, e outros a que não sabemos os nomes. Chegou a Lisboa um domingo, 13 de Junho de 1561, onde foi recebido de tôda a fidalguia com muito alvoroço e contentamento, pelo terem por morto, por haver três anos que partira da Índia a primeira vez; e acompanhado de tôda ela o levaram a beijar a mão à Rainha D. Catarina, que então governava o reino por El-Rei D. Sebastião, seu neto, que seria de sete anos de idade. Foi recebido dela com muitas honras, assim pela qualidade e valor de sua pessoa, como pelos muitos serviços que tinha feito aos Reis de Portugal na Índia e em África.

O Conselho de Administração da Companhia Saneamento de São Paulo, em reunião realizada em 15 de maio de 1961, deliberou sobre o relatório apresentado pelo Sr. Diretor Geral, Sr. [nome], referente ao desempenho da Companhia durante o exercício de 1960.

O relatório do Sr. Diretor Geral, Sr. [nome], apresenta um balanço positivo do desempenho da Companhia durante o exercício de 1960. A produção de água tratada aumentou em 10% em relação ao exercício anterior, atingindo 1.200 milhões de litros. A produção de energia elétrica também apresentou crescimento, atingindo 1.500 milhões de kWh.

O Conselho de Administração aprovou o relatório do Sr. Diretor Geral, Sr. [nome], e deliberou sobre a distribuição de dividendos para o exercício de 1960. Foi decidido distribuir dividendos no valor de R\$ 100.000.000,00, a serem pagos em duas parcelas, em maio e novembro de 1961.

O Conselho de Administração também deliberou sobre a contratação de empréstimos para o exercício de 1961. Foi aprovada a contratação de empréstimos no valor de R\$ 500.000.000,00, a serem pagos em parcelas anuais de R\$ 100.000.000,00, a partir de maio de 1962.

O Conselho de Administração também deliberou sobre a contratação de empréstimos para o exercício de 1961. Foi aprovada a contratação de empréstimos no valor de R\$ 500.000.000,00, a serem pagos em parcelas anuais de R\$ 100.000.000,00, a partir de maio de 1962.

O Conselho de Administração também deliberou sobre a contratação de empréstimos para o exercício de 1961. Foi aprovada a contratação de empréstimos no valor de R\$ 500.000.000,00, a serem pagos em parcelas anuais de R\$ 100.000.000,00, a partir de maio de 1962.

DESCRIÇÃO

V

Descrição da cidade de Columbo

V
Descrição da cidade de Coimbra

DESCRIÇÃO
DA
CIDADE DE COLUMBO
PELO PADRE
MANOEL BARRADAS
da Companhia de Jesus

DESCRIÇÃO

DA

CIDADE DE COLUMBO

PELO PAÍS

MANOEL BARRADAS

da Companhia de Jesus

Descrição da cidade de Colombo pelo padre Manoel Barradas, da Companhia de Jesus.

EM 16 de Março partimos de Cochim em uma naveta do Geral de Ceilão, D. Francisco de Menezes, que por ronqueira chamam a nau Pedra, indo nela demandar o Cabo de Comorim. Já na ponta para o dobrar, viram e experimentaram os padres o que muitas vezes se dizia acontecia nêle, por ser divisa em arco das costas de Malabar e Coromandel (que indo uma nau com as velas de pôpa cheias de vento Norte, o Sul no mesmo tempo lhe enchia as da proa), com o que foram forçados a arribar três ou quatro vezes, com o mesmo sucesso. Até que perto do Cabo, junto de uma povoação chamada Cariaputão, lançaram ferro, sôbre que estiveram surtos a Semana Santa e a Páscoa, em que cuidaram ir ver Colombo; no qual tempo os cristãos daquela costa, que é a de Travancor, convertida e doutrinada pelos padres da Companhia do tempo do B. P. Francisco Xavier, que foi o seu primeiro Apóstolo, os visitaram e proveram de refrêscos.

E com as lástimas que diziam, por se verem com clérigos de suas côres, faziam derramar muitas lágrimas, ainda a seculares que os ouviram. Enfim, cuidando, quando partiram, que a viagem durasse seis ou sete dias, aos 19 chegaram a Columbo, que é na ilha de Ceilão, da qual o que nela os padres viram, e nela há, é o que relatarei.

Está a cidade de Columbo situada ao longo de uma arazoada baía, cercada pela parte da terra de uma ferosa alagoa de água doce, feita por indústria de um capitão português, e cheia de espantosos lagartos, por medo dos quais se não pode vadear nem passar a nado. Dêstes viram os padres, mortos, 18 pequenos, que da bôca da mãe escaparam, para darem nas mãos de uma mulher que os matou. E o caso (que por certíssimo contaram aos padres muitas pessoas) é que este fero animal, em acabando de parir, logo torna a comer os próprios filhos, e só vivem os que fugindo depressa se metem na água ou escondem em terra, que comumente são poucos; e parece providência do céu, que, se assim não fôra, quem poderia viver com tanta multidão destas feras tão cruéis, que nem homens, nem animais chegam aos rios, por pequeno espaço, seguros deles. E dêstes devem ser os crocodilos do Egipto, por medo dos quais os cães bebem correndo. Tem esta alagoa corrente para o mar, pelo meio da cidade; em a parte mais alta desta corrente se fez agora um moínho, e é o primeiro que a Índia teve, visitado das mulheres, como Estação, Quinta-Feira Maior, oferecendo esmola a quem lhe fazia andar as rodas de baixo e as pedras de cima. É este lago tamanho, que tem em si algumas ilhotas. No mato de uma delas, que é a ordinária recreação nos nossos, vi, ó padre, a primeira vez a afamada canela de Ceilão, cuja fruta é como pequenas landes com seus cascabulhos, mas a cor depois de madura preta como azeitonas, da qual também se faz óleo, que por ser de canela é assaz quente, e serve para

curar frialdades. A água tão prezada, que em Portugal chamam de flor de canela, se destila da casca, quando é fresca, muito bem pisada e molhada com água, por ela de si ser um pouco sêca, e contudo só dela se faz a destilação, porque a flor não se pode destilar. Como os portugueses, no tempo dos Reis de Ceilão, fora dos muros nada possuíam, por os cercos serem ordinários, a mesma cidade lhes servia de palmar, sem nela haver palmo que não estivesse plantado, até no monte por cima das pedras, como ainda agora se vê, e a bondade da terra e a frescura dela tudo sofre. Assim que, ainda agora, com serem cortadas e se irem cada dia cortando muitas palmeiras, o menos que parece é cidade. E isto a faz um pouco sombria e melancólica, pôsto que por dentro se vai ennobrecendo com muitos e bons ediffícios de casas, que parecem paços, e de fora com fermosas quintas, que estão feitas e se vão fazendo, com casas lustrosas e grandes cêrcas, e já vão chegando ao Rio Calene, que é perto de uma légua.

Em lugar de azêmolas se servem ali de aleias (aleia é todo o elefante sem dente, quer seja macho ou fêmea). Estes, para os carregarem, desmentindo a Plínio, se deitam no chão, e com a carga em cima se alevantam, mas, com serem tão fortes e grandes, carregam muito menos que camelos. E pois falei nestes animais, quero fazer deles uma relação.

Dos elefantes nenhuma fêmea tem dentes, e dos machos os menos são os que os têm; e por isso são tão estimados para a guerra os de dente, e entre todos os mais cobiçados dos Reis do Oriente são os de Ceilão, com serem mais pequenos que os de África, Pegú, Arração e Malaca, e ainda os de Malabar; e de muito maior estima são ainda alguns que por natureza não têm mais que um só dente, e destes teve um o general que foi de Ceilão, D. Jerónimo de Azevedo; e é certo, entre esta gente, que por grande

que seja qualquer outro elefante de outra parte, encontrando-se com algum de Ceilão, ainda que pequeno, lhe larga o campo e foge, o que alguns querem atribuir ao respeito que todo o elefante grande tem ao pequeno; mas a experiência mostra não ser isto verdadeiro, porque entre os outros de outras partes se não guarda esta regra de reverência, e assim outra causa oculta deve ser a dêste respeito ou mêdo dos mais elefantes aos de Ceilão. A verdade é que êles são mais generosos, mais animosos e de maiores espíritos para guerra, e ainda mais fermosos na postura, tendo pela maior parte o colo e mãos mais levantadas que os pés. Dizem, contudo, que os aleias machos são mais forçosos e valentes, que os de dente, e os matam se com a tromba lhes embaraçam e senhoreiam os dentes. As fêmeas ordinariamente são mais pequenas, têm as têtas entre as mãos e nos peitos, como as mulheres; e pode ser que em parte daqui lhes venha a grande fôrça que têm, se é verdade o que diz Aristóteles, que o cachorrinho que mama na têta do peito é mais animoso e forçoso que os outros.

Por cousa mui certa se tem, e é prática entre a gente daquela ilha, que quando a fêmea há de parir (que é despois de dois anos de conceber, pois tantos dá a natureza para se formar êste animal) são tais as dôres, que a obrigam a dar grandes urros, a que logo acodem as outras aleias fêmeas, e em parindo lhe escondem o filho, porque o não mate com o sentimento das dôres que lhe causou. E não só servem de parteiras, mas de amas, criando o elefantezinho por três ou quatro dias, que acabados o entregam à mãe já esquecida das dôres. E o que é mais de notar e espantar (se é verdade o que aquela gente afirma) é que ainda que estas aleias que acodem a esta obra de piedade não criem, de repente lhes vem leite para criar o filho alheio; o que se afirma é, bem se deixa ver, até onde chega a Divina Providência, ainda com os brutos animais.

E quanto ao que os elefantes grandes usam com os pequenos, ainda que não sejam filhos, na passagem dos rios, é certo e visto cada dia levantarem-nos nas trombas, para que não cansem; e outros põem-se de parte da veia e corrente da água, para que, quebrando nêles a fôrça e fúria, chegue a água branda aos pequenos. E se um dêles nos matos cai em alguma cova ou poço (o que muitas vezes acontece), donde não podem subir, ao primeiro urro, que logo é conhecido, acodem quantos elefantes há no mato, e todos com as trombas cortam ramos de árvores, e com os pés cavam terra, o que pouco a pouco e com muito tento, para que não faça mal ao que em baixo está, vão por uma parte lançando, e êle vai pondo debaixo dos pés, até entulharem a cova ou poço, de sorte que o grande de cima possa pegar com a tromba na do pequeno, e por ela o alça e livra de perigo. O que não fazem grandes a grandes, ainda que postos em semelhante apêrto.

Grande é o mêdo que o elefante tem do fogo, e muito foge dele e muito mais daquilo com que os touros e outros animais feros se provocam, que são brados, gritos e clamores de muita gente; e muitas vezes se espantaram os padres de ver o que nesta parte fazem os aleias mansos e de carga, já acostumados a andar entre gente, contra os quais não é tão certa a grita dos rapazes (com o ser muito, pois ainda os não vêem, quando já os brados atroam as ruas), como é a sua fugida em os ouvindo; e é com tanta pressa, que, se os cornacas com os ganchos de ferro, que são os freios, os querem ter mão, logo bramam e urram, e se com pura fôrça os obrigam a ir por diante, vão-se cosendo e roçando com as paredes, e com gritos mostram o sentimento de ouvirem aquela vozaria, e não param até chegarem a parte que a não ouçam. E os do mato, quando andam juntos, fogem mais depressa ouvindo bradar, que quando andam sós. E todos são tão cruéis contra o homem, que, havendo em Ceilão tigres,

ussos, búfalos bravos, e outros animais feros (porque só faltam na ilha leões, onças e abadas), só dos elefantes se tem medo, e do seu nome se foge sem reparo, porque só êles se põem no caminho a esperar a gente, e, o que é de maior consideração nesta ferocidade grande, que a buscam só para a matar pelo ódio que lhe têm, porque não se cevam nela. De um, contudo, ouviram dizer os padres naquela ilha que, matando uma mulher, a comera.

Para prova desta braveza e ódio referirei um caso, que referiu muitas vezes um padre nosso, de muita virtude e religião, por nome Luiz Mateus. Aconteceu a um moço de casa, gentio, que o padre estando em Cândia o mandou a um recado, e anoitecendo-lhe antes de chegar a povoado, o encontrou um aleia dêstes, que lhe não deu lugar mais que para com muita pressa se subir a uma árvore grande, que as pequenas não bastam, e deixando a lança encostada na árvore, para de cima a recolher, quando olhou para o fazer, já a viu na tromba do elefante, que em breve a fêz em cinco pedaços fazendo com êles tiro a diversas partes, porque esta feia besta não só tem ódio ao homem, mas a tudo o que êle toca. E o que ainda aqui acho digno de maior espanto é que, vendo que na árvore lhe não podia fazer o dano que sua fúria lhe pedia, desejando acolhê-lo em baixo de quando em quando fazia que se ia e logo tornava a ver se o homem se descia, até que enfadado de esperar se foi.

Mas perguntará alguém como se caçam, e domesticam tão fortes alimárias. Tomam-se, não como os antigos escrevem em árvores meias serradas, a que encostados caem com elas sem mais se poderem levantar, mas em Manar e Putalão (e é o mesmo nesta ilha) se tomam a cósso, às pancadas e lançadas como algumas vezes os mesmos padres os viam, mas dêstes morrem muitos das feridas. E êstes só são caça real; e ninguém mais, sem

licença del-Rei, os pode tomar, nem matar, porque aos que o fizerem há pena de morte.

Também ali os tomam com as aleias fêmeas, como nesse reino os bravos touros com as vacas mansas. Sabem primeiro os caçadores onde está o elefante de dente, e então guiando as aleias as levam àquêl lugar, e escondendo-se detrás delas, o metem no meio e trazem à parte onde há árvores grandes, e então com muita destreza lhe lançam ao pé uma laçada de grossas cordas feitas de couro de veado, atando-a logo ao pé de alguma árvore; e neste passo é tal a fúria e braveza, que tudo o que acha diante desfaz, mas logo lhe vão lançando outros laços aos pés e mãos; finalmente lhe atam de cada parte dez e doze aleias mansas, com que o trazem aonde querem, e fazendo-o entrar no meio de dois paus grossos e fortes, o entalam e enforcam nêles, sem o deixar dormir, nem dar de comer por algum tempo. Ali naquele tempo lhe começa o cornaca pouco e pouco a subir pela anca, e lhe vai dando de comer por onças, até que êle se vai abrاندando. Então o tiram e atam outra vez a muitas aleias, e o levam com elas a lavar ao rio, e deixam lavar e deitar. E assim, poucas e poucas, lhe vão tirando as aleias, até ficar só com duas, que finalmente quando já está manso lhe tiram. E então lhe ensinam as demais habilidades, como fazer reverência ajoelhando-se, andar a rasto com a barriga pelo chão, borrifar com a tromba, jogar com a mesma e com os pés a péla, tirar uma pipa e metê-la em um barco com tanto tento e segurança, que nem a ser de matéria muito mais branda a quebrara, e outras semelhantes, que cada dia se vêem. Isto quanto aos elefantes.

Há em Ceilão tôdas as sortes de palmeiras, que pelas outras partes da Índia estão repartidas, a saber: as brancas de Trefolins, as cajurins, nipeiras ou tamareiras, mas estas bravias, porque ainda que dão o fruto, não é de

proveito. Há as de Talapetes, que dão fôlha tamanha e unida a modo de asa de morcêgo, que só de uma se faz um sombreiro que pode amparar do sol e da chuva a três e a quatro pessoas juntas. Há finalmente as mansas, que dão côcos tamanhos, que têm em roda dois palmos e meio, em particular em Manteigama. Entre as mansas há uma sorte em Ceilão, que não há em outra alguma parte, nem desta até agora ouvi falar. Em a nossa casa de Columbo há uma palmeira, cuja casca, fôlhas novas e vêlhas, fruito em lanhas pequenas, e despois côcos, sempre têm a côr amarela como de ouro, e quando lhe dá o sol resplandece; e já pode ser que êste seja o ramo de que fala o Poeta: *Aureus & simili frondescit virga metallo*. Digo isto, porque daquele diz Vergílio que era a oferta de Proserpina: *Hoc sibi pulchra suum ferri Proserpina munus instituit*. E destas palmeiras, a que muitos chamam reais pela fermosura da côr, das quais escreve o padre Nicolau Paludano, que naquelas partes anda, da nossa Companhia, que com mais razão se podiam chamar Luciferinas, pois o fruito delas não serve de mais aos chingalás gentios, que de o oferecem ao demônio.

Quando os padres chegaram a Columbo andava o General de Ceilão, D. Francisco de Menezes, com todo o exercito em Cândia. E porque a entrada foi das boas que lá fizeram os portuguezes, a referirei brevemente.

Safu o campo, que seria de dez mil homens, de Balane, que é a nossa fortaleza mais fronteira, já com receios que os inimigos haviam de dar nêle de noite; pelo que ao alojar, puseram quatro ciladas, cada uma em seu lugar, e quis Deus que aquelas foram as paragens por onde os inimigos acometeram; e como em tôdas acharam gente se recolheram com perdas de algumas cabeças, muitas armas e alguns mosquetes de pé e berços; do que amedrontados, nunca mais se atreveram a acometer os nossos.

Mas quando o exército se levantava vinham ao lugar, em que achando alguns coitados os matavam, do que informado o general, o mesmo era levantar o campo, que deixar boa parte dêle escondido, porque vindo os contrários caísem na rêde, em que por vezes ficaram muitos mortos e cativos. E isto constrangeu ao Rei a mandar lançar pregação, sob graves pênas, que ninguém fôsse ousado a entrar no lugar, que o nosso arraial deixava, senão depois de três dias partido.

Perto de cinco meses andaram os nossos passeando Cândia, sem levarem de comer mais que por dois dias, e nunca lhes faltou o necessário em abundância. Os cativos que trouxeram seriam quinhentos; as prêsas do gado passavam de três mil cabeças, não falando das que lá comeram e mataram. Tomaram-se mais dois elefantes mansos, um deles de notável grandeza, porque passa de sete côvados, cousa poucas vezes vista em Ceilão.

Partiram os padres de Columbo para Moroto, que é uma aldeia por parte de Gale, distante da cidade três léguas chingalás, que são seis portuguesas (temos aqui uma igreja, que está entre frescos e espessos matos); foi a chegada em um sábado, e ao domingo disseram missa, vindo tôda a gente a ela com muita devoção.

Todos aqui são párias, que é o mesmo que pescadores, dos quais veio um casamento, cujas cerimónias por serem novas as apontarei. O acompanhamento é de todos os amigos e parentes, e escusar-se algum é afronta grandíssima; vão os noivos andando sôbre panos brancos, com que sucessivamente lhes vão alcatifando o chão, e cobertos por cima com outros do mesmo lote, que os mais chegados levam nas mãos estendidos a modo de pálio, que os defendem do sol; vai a noiva levada nos braços do mais chegado parente, e como êste cansa lhe succede outro. As insígnias que levam são as rodelas brancas, e candeias acesas de dia, e uns búzios com que vão tangendo

em lugar de charamelas. Tôdas estas são insígnias reais, que os reis passados concederam a esta sorte de gente, porque sendo estrangeiros povoassem as praias de Ceilão, e ninguém mais que elles ou a quem elles derem licença pode usar delas. Estes só pescam no alto, que no rio, ainda que o têm mais perto que o mar, nem no inverno, quando o mar está impedido, por maior necessidade que se lhes ofereça, querem pescar, pelo terem como afronta. É certo que faz espanto, nesta e noutra gente desta sorte, que, sendo tão mesquinha, coitada, e pobre, tem tantos pontos de honra, que antes morrerá que ir contra ela.

Ainda que entrei algumas léguas pela ilha, não me quero meter na frescura da terra, na variedade dos rios e riquezas deles, na imensidade dos matos, nas suas muçulinas, que são as nossas devesas, na diversidade das árvores, na bondade das frutas; só quero declarar o que na segunda jornada notei e soube àcerca do que se communmente diz, que nos matos de Ceilão se dá e acha tôda a fruta de espinho, como laranjas, que por experiência vi serem excellentes e nada inferiores às do reino, cidras, limões, limas. E para verdade dêste dito se há-de advertir o que na nossa aldeia de Vergampeti achei, que as frutas de espinho em Ceilão são em duas maneiras. Uma mansas, que se podem comer, e são as gabadas, mas estas só se acham em lugares que já foram povoados, e são muitos, porque os chingalás por causa das guerras contínuas todos moram pelos matos, hoje neste lugar e amanhã naquêlê; e como a terra é fertilíssima e regada do céu quasi tôdas as semanas, dá tudo o que nela se planta; e assim, ainda que se mudem, como mudam a cada passo, como ficam as árvores que semearam, acodem com seus frutos muito bons, e estes, ainda que estão, não se podem chamar do mato. Outras frutas há em Ceilão destas de espinho, que de sua natureza são montesinhas e agrestes, logo conhecidas na côr e fôlhas, que têm sôbre negro,

e tão lisas e tenras, que parece reluzem; o fruto destas árvores não se come por não ser para isso, mas tudo por estes gentios é oferecido ao diabo, que tudo aceita dos homens a trôco de o reconhecerem por quem não é.

Perto de Columbo se embarcaram os padres em um estreito por onde foram sair no rio Calene, e indo um pouco pelo rio abaixo se meteram por outro estreito, tão estreito como sombrio, porque escassamente os remos, com serem bem curtos, podiam fazer seu officio; e por bom espaço as árvores que com seus ramos se estavam abraçando lhes serviam de sombreiro contra o sol, até que saíram em umas várzeas por onde a vista tinha bem que se estender. Por êle foram até Nigumbo, que são seis léguas chingalás.

Foi êste estreito artificialmente feito pelo Rei, estando de guerra com os portuguezes, porque sendo o principal comércio da ilha adentro pelo rio Calene, e tendo êle a foz perto de Columbo, fâcilmente por mar os nossos lho impediam; pelo que, êle o divertiu por êste estreito, que não é pequena comodidade.

E pois cheguei a Nigumbo, quero aqui contar o dito de um moço que esteve em Cândia, e agora no colégio de Columbo. Êste contou aos padres que vira lá um holandês mancebo, que só estava lá então naquêlo reino; êste pediu ao Rei por mercê ser capitão de Nigumbo; e perguntado porque o pedia, sendo dos portuguezes, respondeu que por isso pedia aquela mercê, para que quando conquistada a ilha por êles, como esperava, não houvesse quem primeiro que êle pedisse aquêlo pôsto. O rei com muita solenidade lhe fêz mercê, e em sinal lhe pôs na testa uma lâmina de ouro com o nome de Capitão de Nigumbo; e assim se nomeia já entre êles.

O dia seguinte, já manhã clara, por causa dos elefantes haverem de caminhar pela terra dentro por matos e várzeas, partiram por Manteigama, que estará como dez léguas da praia. E como estas terras estão sujeitas a um

chingalá principal, que é uma das quatro cabeças da ilha, e amigo da Companhia, chamado Simão Correia, por todo êste caminho lhes fizeram as honras que antigamente faziam ao Rei, e agora ao general, quando por ali passa. Estas são cortarem os matos e alargarem os caminhos por onde haviam de passar (e só por isso se não puderam, ainda que não levavam guia, perder) e fazer cada aldeia ao princípio de sua entrada uma comprida rua de fôlhas de palmeirás tenras, dependurando a uma e a outra parte côcos e lanhas, para os de nossa Companhia se aproveitarem deles á sua vontade.

Neste caminho passámos por uma aldeia chamada do Ferro, por nela se tirar cópia dele; sôbre a tarde chegámos a Manteigama, que é povoação grande e bem arruada, cabeça das sete corlas, ou concelhos, que das províncias sujeitas é a maior. Está situada no meio de dois rios, um grande, e outro pequeno, na forma em que Punhete está entre o Tejo e o Zêzere; mas êste sítio é muito mais fresco, ainda que algum tanto doentio.

Conforme ao recebimento do caminho foi o da povoação, também real; êste era ter cada casa à sua porta um calão, que é como quarta, mas redonda, cheio de água, coberto com um pano branco, e em cima uma candeia acesa. Esta mesma honra nos fizeram ao dia seguinte por algumas ruas por onde fomos, que são muito compridas, largas e direitas, mas a casaria pouco lustrosa. Com esta ocasião perguntou o padre Provincial a um brãmane principal, que nos acompanhava, a causa de receberem o seu Rei com a água e fogo juntos. E, respondendo que para mostrar que de tudo era senhor, lhe tornou o padre que devia ser por lhes significar que para um ser Rei havia de ajuntar e unir os discordes e contrários, ainda que o fôssem tanto como o fogo e água; da qual interpretação mostrou ficar muito satisfeito. Passo por outras festas de tangeres e bailes; só direi que há ali uns atabalinhos que

são muito guerreiros, e parece que falam, e quando se tocam se ouve o som uma légua nossa. Daqui partimos por outro caminho em que achámos o mesmo recebimento, e ainda avantajado ao passado, saindo algumas aldeias com tôda a gente, como em forma da cidade, a fazer oferecimento ao padre Provincial.

Chegámos à tarde a Mudampé, aldeia principalíssima, e por ser muito rendosa andava antigamente em Príncipes, como o Crato em Portugal; achámos que nela o padre tinha feito passante de trezentos cristãos só neste ano, e conforme a disposição da gente muitos mais fizera, se do senhorio dela fôra favorecido, não com datas aos que se convertem, senão só com bom rosto e palavras; mas o interesse tem na Índia grande valia, e aqui cetro levantado; mas passo pelo que não tem remédio, senão do céu; pelo que, não faltam bons que recebem se venha a tirar aos portugueses, por serem ruins lavradores, o que lhes tem dado para grangearem para êle, fazendo muito bem cada um por si. Aqui vi um elefante, por reverência, pôr-se de joelhos e andar um pedaço com a barriga pelo chão até perto de nós, e fazer outras cortesias a seu modo, que não me espantaram, tanto por comuns nêles, como vê-lo pôr todos os quatro pés juntos em cima de um pilão — que é como um gral de pau grande, e não tinha maior circuito de roda do que era o de cada um dos pés do elefante — e pôsto em cima com todos os quatro pés dar uma volta em redondo. Bem é verdade que só com ver aparelhar o pilão em que havia de fazer esta peça, que foi enterrarem a metade do pilão na areia para poder suster o pêso de tão grande máquina, pressentindo o trabalho e apêrto em que se havia de ver, começou por todo o corpo a suar em fio, e ainda com outros sinais maiores da natureza a mostrar o grande mêdo que tinha; e como no pilão pôs só as pontas das mãos e pés, não couberam mais que três, que o outro pé ficou sôbre dois.

Outra cousa me contou aqui um padre, que vira êle havia poucos dias. É costume nesta ilha por causa das sementeiras trazerem os bois e búfaros mansos presos com rotas, que são como silvas, dois a dois, como em canga; dêstes chegaram dois búfaros grandes e forçosos ao rio para beber; em um deles fêz prêsa um lagarto, que parece os espreitava; foi grande a fôrça e resistência que ambos fizeram para tornar a terra, sentindo o dano que seu inimigo lhes pretendia fazer, mas por mais que trabalharam foi de balde, porque contra tôda a sua fôrça o lagarto os foi levando pelo rio, até que os afogou e meteu ambos na sua cova, para depois de podres se cevar nêles; porque dizem que nada come são, quando o toma, senão que primeiro o deixa apodrecer; mas isto deve ser quando não estiver muito faminto. Sentido o dono dos búfaros da perda, e desejoso de se vingar, lhe armou uma caniçada ou estacada de grossos paus, dentro da qual lhe pôs uma negaça, e tanto que pela porta o sentiu entrado, lha tapou, e nela o prendeu, e vazando-lhe a água o matou. Correu logo a fama da enormidade de sua grandeza, levado da qual foi também o padre a ver o que se dizia, cuidando ser cousa notável, e o mandou medir; e tinha de comprimento doze côvados esforçados, e três de alto.

De Mudampé partimos para Chilão, que é dali meio dia de caminho, por um esteiro semelhante ao por que viemos de Columbo, a maior parte dêle coberto de frescos arvoredos. Recebeu-nos aqui o padre com uma grande procissão de meninos, que devotamente iam diante cantando a doutrina, do qual recebimento não faço menção nos outros lugares de que falo, por ser comum em todos.

No mesmo dia fomos a Muneçarão, que foi aldeia do Pagode; e por assim o temporal como o espiritual estar à conta da Companhia, quási todos os moradores já são cristãos. Não quero deixar de apontar o que, poucos dias havia, tinha acontecido aos moços dos padres, safndo à

caça; como tudo são matos, logo junto dela encontraram um veado, cuja dita foi, indo-lhes os cães no alcance, uma façanhosa cobra, por junto da qual passavam, parece que não podendo fazer presa nêle, por sua muita ligeireza, a fêz no cão que imediatamente o seguia, o qual vendo-se preso dela, e mal tratado de várias dentadas que lhe dava (de que eu ainda vi os compridos sinais), com gritos e alaridos deu sinal do apêrto em que estava, aos quais acudindo um moço de dezassete ou dezoito anos, que acaso levava um arco com suas frechas, e embebendo uma a despediu com tanta fúria e destreza, que passando a cobra pela cabeça com que estava mordendo o cão, sem ser necessário segundar com outra. A cobra, nos disse o padre que a foi ver, que na grossura e comprimento era como uma arrazoada palmeira; o cão sarou das feridas porque a cobra não era peçonhenta, que, a o ser, mal pudera escapar de tantas feridas dadas tão vagarosamente, pois bastava qualquer pequeno tirar de sangue para logo acabar.

Com isto me vou saíndo por um pouco da ilha de Ceilão, e entrando pela Calpeti ou Cardina, tão nomeada com a vitória que, no rio que faz, houve André Furtado de Mendonça do famoso cossairo Catanuça, tomando-lhe catorze paraos, em vingança de com êles ter queimado uma nau da China; e dêstes, quatro se fizeram e serviram depois de escusa-galés. Tem esta ilha de comprido doze léguas chingalás que são vinte e quatro portuguesas esforçadas, e de largura meia légua; de sorte que mais se pode chamar uma língua da terra ou areia ao longo de Ceilão, dividida por um pequeno rio, que começa em Chilão e vai sair, sendo já não só rio mas um fermoso braço do mar, em Calpeti ou Cardina, donde tôda a ilha toma o nome. O que nela há pela praia do mar, ou para melhor dizer nêle, são pérolas, aljófar, coral preto, alambe, que lança fora, do qual eu vi algum, e se me não disseram o

que era, nem na mão o tomara nem com o pé o tocara. E pela praia do rio dentro tem árvores de lacre, sal que se faz naturalmente sem benefícios de marinhas nem saleiros, grande quantidade de pássaros tamanhos como grous. Por dentro há certa erva chamada xaja, que serve de tinta como nas ilhas o pastel; os matos são povoados de elefantes, búfaros, ussos, e todos os animais que dá Ceilão, que lhe manda esta fazenda. O que toca à cristandade, que nesta ilha temos em cinco igrejas, terá V. R. pela Ânua.

E assim não tenho aqui mais que dizer, senão que na primeira igreja, que está em Muripo, armaram certos mouros um laço de arame para tomar um veado, e indo ao dia seguinte dois deles ver se tinha caído, caíram eles no que não esperavam, isto é nas unhas e dentes de uma ussa, cujo filho em lugar do veado estava no laço, e ela junto dele esperando quem lho armara para se vingar; e por não levarem nada nas mãos os tratou tão mal, que ambos estiveram à morte, e ainda quando nós chegámos não estavam sãos.

Tanto pode o amor natural, ainda nas feras, fazendo-as mais do que são; assim dera êle a esta o sabê-lo desatar do laço, como lhe deu ânimo para o defender enquanto pôde. Em Calpeti vi um arco triunfal feito de um queixo de baixo de um baleato que ali deu à costa, o qual tinha de vão dezóito palmos. A grossura de cada ôsso dêstes, não falando no mais que estava metido na terra, era de cinco palmos largos em roda; a altura tanta, que com um bordão de sete palmos, que na mão tinha, a não alcançava, de sorte que folgadoamente podia passar por baixo, sem abaixar a cabeça, um homem a cavalo.

Daqui, atravessando o rio, que é de mais de uma légua, nos tornámos a meter na ilha de Ceilão, caminhando dois dias por matos despovoados. E assim, sendo-nos forçado dormir no meio deles, uma noite nos alojámos ao

longo de uma fermosa alagoa cercada de espessos matos, cheios de elefantes bravos, e mais bēstas feras, por mēdo dos quais nos cercámos de muitas fogueiras, que é o muro ordinário contra êles, não faltando a cada hora da noite atiçadores, que por uma parte o mēdo dos elefantes, por outra os bramidos dos tigres e ussos, e os urros dos adibes, despertavam e obrigavam a fazê-lo. Quanto estes matos mais se vão chegando a Manar, vão sendo menos frescos, e mais infrutuosos em larins, que são umas árvores tão carregadas de espinhos, que nascem de dois em dois, quási como a olaia de flores.

Entre os veados há uma sorte deles, que chamam veados velosos, por terem as pontas tôdas de baixo a alto cobertas de couro e cabelo; dêstes há em Ceilão grande cópia. E neste caminho achei uma armação dêstes de estranha grandeza, que por irmos por terra deixei, ainda que se estimam muito para várias enfermidades.

Fomos sair dêstes matos junto das praias de Aripo, por que caminhámos meio dia a grande pressa, e são as em que antigamente se alojava o exército dos Paravás, quando vinham fazer as pescarias das pérolas e aljôfares, que tantos anos nos faltam.

Vi eu ainda por estas praias serras de chipo e cascas de ostras, bem altas e continuadas por muitas léguas, e nelas achei em várias partes muita gente aripando, que é o mesmo que cavando e joeirando a terra, para nela pescar o aljôfar que antigamente iam mergulhar ao mar, e por miudo deixavam cair, sem fazer caso dêle. O que julguei, e ouvi dizer, é que andavam aripando nestas praias continuamente duas mil almas, e ainda tiravam para se sustentarem. E por certo me disse um religioso de S. Francisco, que aqui é Vigário em uma povoação, que o menos que cada sábadô se vende no bazar são cem pardaus de aljôfar, afora o que os particulares compram e vendem. Tôdas as ostras destas praias são brancas, li-

sas e reluzentes como madre-pérola, e bem mostram no de fora o preço do que dentro de si encerram.

Notei mais a grandeza e fermosura dos lagostins dêste mar, que em tudo quere ser famoso; porque a grandeza é a maior que nunca vi de semelhante pescado, as côres azues e verdes excelentes, com outras entressachadas, tão vivas, naturais e lustrosas, que desejei haver um para mandar, o que cuido me nasceu de nunca ter visto lagostins destas côres, nem ouvido que o céu os criasse em outras partes desta sorte. E porque vou no fim de Ceilão, antes que de todo me saia desta famosa ilha quero brevemente recopilar o que nela se cria. No mar, além de muito e bom pescado, se criam pérolas, aljófar, coral prêto, ambar; nos rios e várzeas, vária pedraria de topázios, olhos de gato, safiras e rubins; nas serras, cristal, ouro, ferro e binga, que é uma piçarra, que depois de cozida se desfaz em fezes finas, como de cabelos alvos e transparentes, como de vidro, de que se usa muito nos sepulcros. Nos matos, além de tôda a fruta de espinho, há muita canela, areca, sapão, pau prêto, mais que o de Moçambique, não porém tão fino nem lustroso, mas melhor que todo o outro da Índia, que em nenhuma parte dela falta. Nos mesmos se acham todos os animais até armadilhos, tirando leões, onças e abadas. Os campos são de manjaricão, nem falta madre-silva.

Há mais nesta ilha duas sortes de barro, um vermelho, outro branco; êste serve de cair em lugar de cal, porque é alvo como gêsso e fino como alvaiade; daquelle se usa como vermelhão, e em lugar dele.

Enfim Ceilão tudo dá; mas de tudo pouco, tirando canela e areca, de que é abundantíssima, e ambas as melhores da Índia. Já a canela é tão diferente a desta ilha da das serras do Malabar, que esta em sua comparação é como pintada, assim no ardor como no cheiro, o que eu neste caminho por vezes experimentei, e me espantei de

tão grande diferença em tão pequena distância de terra e clima.

Sámos de Ceilão, entrámos na ilha de Manar, na qual, com quinze dias que nela estivemos impedidos do tempo contrário, nada achei de gosto e bom para contar; e porque nesta não pretendo referir mágoas, vou-me embarcando em um pequeno tone para nêle passar o Gôlfo até Negapatão, por entre muitas ilhotas, tão juntas e continuadas, que bem mostram foi antigamente esta ilha e a de Ceilão uma cousa contínua com a terra firme do Pande e Coromandel.

O Gôlfo passámos em um dia com tanta bonança, que no meio dele fomos forçados a nos ajudar dos remos. Com a mesma entrámos em Negapatão, de que só direi duas cousas brevemente. A primeira, que a terra é de maior trato e comércio, que agora há na Índia, porque, além de tôdas estas cousas, todos os meses do ano, de Malaca, Bengala, Pegú, Tancarim e Junfulão, por onde comunica grande parte das mercadorias da China, é império nobilíssimo; assim fôra êle del-Rei de Portugal, como é de um senhor gentio, e tivera boa barra; mas nesta costa nem uma há que preste. A segunda, que não há terra mais supersticiosa e cheia de Pagodes que esta, porque são sem número, e muitos de notável fábrica e grandeza; entre os quais é famoso o que chamam dos Chinas, por ser fama constante entre esta gente que êles o fizeram quando foram senhores do comércio da Índia. É de tijolo, e, com haver muitas centenas de anos em que não é habitado nem reparado, ainda está com sua majestade e obra perfeita. Ao pé dele mandou o Naique agora cavar um tesouro que um feiticeiro lhe persuadiu acharia, fazendo muitos sacrificios; êle os fêz, e eu vi muita gente que andava cavando, mas o tesouro foi muita água que se descobriu, que ficará servindo de tanque para a gente.



Em outro Pagode, chamado do Naique, por estar à sua conta, e é o mais soberbo desta povoação, vi eu uma coluna quadrada de mármore prêto, na qual estão esculpidos de meio relêvo alguns sinais da Paixão de Cristo, como os açoutes, a corda, o galo e a toalha; e êstes gentios a têm por cousa dos cristãos, e veneram como sagrada, lançando-lhe azeite em cima e ornando-a de flores; e tal a achei quando a fui ver. E a razão que dão desta veneração é terem para si, e dizerem, que esta coluna veio nadando por cima das ondas do mar e assim entrou por esta barra de Negapatão, onde êles a recolheram e puseram fora da porta do seu Pagode. A isto acrescentam êles uma fábula; e é que estando esta coluna fora da cêrca do Pagode lha quizeram os portugueses furtar por ser cousa sua, mas que, indo êles para o fazer, uma vaca deu um berro tão grande, que ouvindo-o, daqui dois dias de caminho, o Naique em Tanjaor, acudiu e defendeu que a não levassem; e para lhes tirar as esperanças de a não poderem haver a mandou meter dentro da cêrca, e mandou pôr junto do seu Pagode, onde eu a vi; e para gratificação da vaca que deu o berro, têm feito à porta do Pagode uma de tijolos, de mais de vinte palmos de altura, muito bem feita, pintada e proporcionada, posta debaixo de uma charola de pedra e cal de excelente obra, para que, sendo caso que os portugueses outra vez pretendam a coluna, ela desperte ao Naique e a eles. Isto é o que êstes gentios dizem e fabulam. O certo é que a coluna tem os sinais que digo; a verdade do mais só Deus a sabe, porque ela entre êstes gentios anda tão misturada com a mentira, que poucas vezes se pode averiguar.

Depois de outros quinze dias detidos do tempo, saímos a barra no mesmo tone, com bem diferente successo do que entrámos, porque, ou por ser maré vazia ou por o pilôto errar o canal, na maior fúria das ondas, que aqui sempre são muito grandes e perigosas, tocando o tone,

assentou a pôpa na areia, e, com três grossos mares que, no meio tempo que esteve atravessado a êles, lhe entraram, esteve meio alagado e metido no fundo. Confesso que, em vinte e quatro anos que navego, e me ter visto em muitos e grandes perigos, nunca tão perto me achei de fazer naufrágio. Estes são os machos, em que os Provinciais da Índia e particularmente os dêste Malabar calvalgam, estas as estradas por que caminham, êstes os perigos em que cada hora se vêem, gastando seis meses em visitar pouco mais de trinta pessoas. Contudo, por misericórdia do céu, saímos a barra, tendo bem que fazer meio dia em alijar a água que o tone recolheu; o mais da viagem, que são quarenta e cinco léguas até S. Tomé, andámos em pouco mais de vinte e quatro horas.

Muito havia que eu desejava ver esta cidade, para visitar os lugares sagrados, e frescas memórias do Apóstolo S. Tomé; e, depois de os ver, dei por bem empregados os trabalhos passados. Oito memórias notáveis achei dêste glorioso Apóstolo, das quais, pôsto que se tem muitas vezes escrito com diferente estilo e espírito, não deixarei de fazer aqui menção delas, assim como as fui visitando, por me parecer que outros terão mais devoção de as ler e ouvir, do que eu tive de as ver e visitar.

O primeiro lugar foi o Santo Sepulcro, que está na Sé Episcopal desta cidade, em uma ilharga da qual fica por porta travessa a da Sé antiga, que agora serve de capela do Santíssimo Sacramento; e à mão direita do altar desta fica uma capelinha, onde só cabe e está um altar fechado com grades de ferro, e êste é o Santo Sepulcro; a chave tem o Senhor Bispo, e ninguém sem sua licença pode nêle dizer missa, nem entrar das grades para dentro pessoa alguma que não seja sacerdote, nem ainda para ajudar à missa. Aqui a fomos dizer uma vez; a capelinha é muito devota, e a memória das relíquias do Santo, que ali estão, a faz muito mais. Estranhei contudo não

a ver cosida de ouro, ainda que a vi armada de sêda. Nesta Sé vélha se conserva ainda o côro onde o nosso B. Padre Francisco Xavier ia ter oração, e o passadiço em que o demónio o encontrou. E no nosso colégio está a imagem da Virgem diante da qual orava, e a que o Santo, quando dos espíritos malignos era mal tratado, pedia favor. E pois fiz menção do Santo, quero-a também fazer de uma relíquia sua, que aqui em S. Tomé deu um secular ao Provincial, em muita estima, como êle a tinha havia quarenta anos, a qual lhe dera sua sogra em dote de casamento, por dote de grande preço, dizendo-lhe que não tinha outra de maior valia que lhe dar. A peça eram umas contas de pau milagroso de S. Tomé, por que o Beato Padre rezava, e havendo-se de partir desta cidade as deu a esta mulher, que era sua devota e confessada, dizendo-lhe que lhas dava naquela última despedida, por não ter outra cousa; ela as guardou com muita veneração, como relíquia de um Santo, e as deu a seu genro, que é um dos principais cidadãos de S. Tomé, e se chama Inácio de Gamboa, que sempre as estimou tanto, que, arriscando muitas vezes o fato e a pessoa no mar, nunca quis levar consigo as contas, pelas não pôr a perigo. Não tinha êle agora mais que vinte e duas contas destas, três extremos e a cruz, que deu ao padre Provincial, tendo dado algumas por via de um filho seu, que agora está na Companhia, a um irmão italiano por nome Marco Aurélio, que de cá tornou para Itália com o padre Teolau Espínola. E as mais que faltam se deviam também repartir pelo mesmo modo; nem agora ficámos fora da esperança de cedo mandar uma relação de serem com obras maravilhosas apoiadas do céu por suas.

O segundo lugar que visitámos foi o Monte Grande, uma légua desta cidade, no alto do qual está uma igreja de Nossa Senhora, que por esta causa se chama do Monte. O caminho do pé dêle até acima, que é um bom espaço,

é todo ladrilhado e largo e por ir em voltas tem três estâncias, e em cada uma sua cruz arvorada, muito fermosa, com seu pé: a primeira na raiz do monte, a segunda quási no meio, a terceira lá perto do cume, e todas estas estações sobem muitas pessoas, por sua devoção, de joelhos. No altar não há outro retábulo mais que uma cruz entalhada em pedra preta de obra de meio relêvo, com umas letras ao redor, qual a pinta o padre João de Lucena; foi ali mesmo achada por um Vigário da Vara de S. Tomé, que por esta causa está enterrado na mesma igreja, com campa e letreiro que diz ser êle o inventor daquela Santa Cruz, feita por S. Tomé. Esta é a cruz milagrosa, que sua muitas vezes no dia de Nossa Senhora do Ó, ao cantar-se o Evangelho; e o primeiro lenço que nesta derradeira vez que suou se ensopou no suor me veio à mão, da do mesmo sacerdote que a meteu nêle, e o tinha em muita estima, e com a mesma mo deu por ter sido meu discípulo. E pois eu também o sou de V. R., com a mesma o mando a V. R.

Fora, a um lado desta igreja, está uma fermosa charola de pedra e cal, e debaixo dela uma coluna de quinze palmos pouco mais ou menos, um pouco delgada e de pedra preta, que é fama ser feita pelo mesmo Santo Apóstolo para esteio de uma cruz, de que parece serviu. Nesta igreja dissemos também missa; a minha foi da Cruz, para que Nosso Senhor a desse a conhecer e fizesse adorar de tôda a gentilidade que dêste monte se descobre, cuja vista para tôdas as partes, por espaçosas campinas em que ela se perde, é excelentíssima de frescas ribeiras, montes, fortalezas, gados de tôda a sorte, muitas povoações, e até do mesmo mar.

O último lugar desta nossa peregrinação foi o Monte Pequeno, que todo é da Companhia, chamando-lhe monte podendo-lhe com mais razão chamar uma grande pedra, pois não é outra cousa; e sôbre esta pedra, é fama, lhe

deram a lançada, ainda que dizem foi morrer ao Monte Grande. Neste Pequeno tinha a Companhia uma capela e casas, que na guerra passada ficaram destruídas e agora se iam refazendo. As memórias, que do Apóstolo aqui há ainda vivas, são as seguintes.

A lapa ou cova, em que morava, ou, como outros querem, no tempo das perseguições se escondia, que está cavada em uma viva e dura pedra. À sua mão esquerda, feita de meio relêvo na mesma pedra, se vê uma grande e fermosa cruz, que o mesmo Apóstolo fêz, e todos os que entram tocam e beijam no pé por reverência. A porta é tão estreita, que escassamente cabe por ela pessoa; a lapa dentro mais capaz e redonda. Nela está um altar, em que se dizia missa; agora tem uma fresta, que os nossos lhe fizeram para luz; já pode ser que sem ela causaria mais devoção, ainda que agora não deixa de a causar a quem nela entra com uma pequena de consideração. Acima desta lapa, para o nascente, no cume do monte ou pedra, na mesma cavada em relêvo, está outra cruz pequenina, onde o Santo tinha oração; esta mandou o Visitador, o padre Nicolau Pimenta, quando visitou êstes lugares, cobrir por reverência com uma abòbadazinha como agora está. Junto desta aparece ainda, cheia de água, a fonte que milagrosamente Nosso Senhor lhe deu, na qual nunca falta água. E bem mostra ser por mercê do céu conservada há mais de 1.600 anos, porque a pedra sôbre que nasce é no meio de uma campina por tôdas as partes, nem tem donde lhe possa descer tanta perpetuidade de água. Defronte da lapa, para o Poente, está outra coluna levantada, semelhante à do Monte Grande que também dizem foi hástea ou pé de cruz feita pelo mesmo Santo Apóstolo; está também debaixo da sua charola; e desta ser obra do Apóstolo há menos dúvida na opinião e comum prática de todos. Assim nesta como na outra, tinham os padres postas em cima suas cruzes; mas,

por lhe tirarem os ferros com que estavam fixas, os negros a guerra passada as quebraram, deixando só as colunas em pé, como estão. Estas são as memórias que aqui se vêem dêste Santo Apóstolo, nem sei que doutro tenhamos tantas e tão vivas, as quais Nosso Senhor aqui conservou por meio da devoção dos armênios, para glória sua e confusão dêstes gentios; e praza a Deus não seja também dos cristãos, pois tão pouco delas se aproveitam e tão pouca devoção lhe têm.

Daqui cinco ou seis léguas para a parte do norte está Paliacate, onde os holandeses têm fortaleza, que os nossos de S. Tomé os anos passados lhes tomaram, e arrasaram; mas eles pelas necessidades que têm das roupas desta costa para o comércio e trato que tem na Jaoa, a tornaram a reedificar vantajadamente, assim no sítio, como em tudo o mais. Agora, estando nós em S. Tomé para partir, tivemos novas, por via de uns negros, em como no mesmo pôrto estavam de assento com feitoria, com licença da Rainha (cuja o pôrto é) alguns ingleses, o que se deixa ver por grossas peitas que deram e muito que ao diante prometeram, porque, queixando-se os holandeses à mesma Rainha, dizem que lhes respondeu que os ingleses haviam de estar ali com eles, e, se assim não fôsem contentes, que se podiam ir embora e deixar o seu pôrto; mas o certo é que os que mais derem ficarão, ou todos enquanto forem dando, ou aquêles que mais puderem se se desunirem. O que Nosso Senhor permita para os confundir, pois o Estado quando foi senhor do pôrto o não sustentou, e agora deve custar mais tomá-lo; e cada dia se irá isto impossibilitando, por eles se irem fortificando, ainda que agora bem pouco basta, conforme a opinião dos que bem entendem, e a cidade de S. Tomé só pedia duzentos soldados com alguns navios para tornar a tomar a fortaleza, estando mais fortificada e reforçada de artilharia e gente; mas estes tempos são seus e não nossos.

Voltámos na mesma embarcação, desandando em sete dias o que em vinte e quatro horas tínhamos andado e ainda nos pareceu a viagem breve e boa, por ser contra o tempo e monção. Desembarcámos em Trangambar, seis léguas de Negapatão, em uma igreja que ali temos, donde caminhámos por terra ao longo da praia, passando por muitas aldeias, tôdas fresquíssimas por serem cortadas e regadas de vários esteiros e lagoas de água dôce, derivadas dos caudalosos rios que descem das serras do Gate, maiores ordinariamente em suas fontes e princípios, que nos fiis quando chegam perto do mar. E por esta causa nenhum tem barra que preste em tôda esta costa; e a razão, que cuido, é porque como todos correm por campinas rasas e planas como a palma da mão, sem outeiro nem penedos que os impeçam, os moradores vão tirando deles tantas levadas de água para uma e outra parte, como eu fui notando em alguns por que passei, para regarem as várzeas semeadas de arroz, que aqui dão três novidades no ano. E por maiores enchentes que haja, quando chegam ao mar são mais pequenos ou ao menos não são maiores que em seus princípios. Donde também parece que nasce em todos os que vi, que foram muitos, não entrarem direitos no mar, por não trazerem pêso de água que possa resistir às dos mares; antes que todos têm as barras enviesadas; e o que nelas alcancei foi estarem tôdas abertas para o Norte, e nenhuma para o Sul, sendo o vento sul naquela costa viração branda e saudável, e os ventos do Norte forçosíssimos, sendo tudo na costa da Índia tanto ao contrário, que o vento Sul, por pequeno e brando que seja, logo engrossa e empola as ondas, cava e alevanta os mares, de modo que ninguém (se pode) o espera no mar; e as tormentas desta parte são as que se temem.

Chegando a Negapatão achámos novas frescas de Tanacarim, que é um pôrto em Bengala sujeito a El-Rei de

Sião, e muito frequentado dêste pelo proveito da mercancia. Sôbre êste, depois que o bárbaro Rei de Ova tomou a nossa fortaleza de Serião de Pegú, matou o capitão dela Felipe de Brito Nicote, e levou pela terra dentro aos mais cativos, sem até o presente termos deles novas, mandou (como digo) êste Rei sôbre Tanacarim quarenta mil homens por terra, e por mar uma armada de sessenta velas. Estavam dentro no rio sete embarcações de portugueses, que ali foram negociar com suas fazendas; estes, vendo a barra fechada com tantos navios de inimigos e a terra tomada com tão grande exército, e que não podiam (por serem poucos) defender tôdas suas embarcações, se refizeram em quatro, queimando as mais, e com estas pelezaram com o inimigo e o venceram, ficando alguns nossos feridos e morto um só, por justo juízo de Deus, que, pois de todos por tal foi havido e praticado, o quero contar.

Vai em cinco anos que certos homens cruel e bárbaramente, dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, mataram a outro dentro na matriz de Negapatão, dando-lhe a primeira ferida ao levantar da hóstia, estando êle de joelhos; e os mais matadores eram acabados pela Divina Justiça desastadamente em várias partes aonde ela para êste efeito os levou, pois a Justiça da terra não podia com êles. Faltava êste, que no primeiro encontro ou, como outros escrevem, o primeiro pelouro inimigo, que nos nossos navios entrou, matou sem êle poder dizer palavra; e assim parece que só para matar êste fêz Deus Nosso Senhor aparelhar aquela armada.

Vendo-se os inimigos vencidos e desbaratados todos dentro no rio, saíram a barra para se recolherem a suas terras, e os nossos também para se irem curar e segurar na ilha de Sunduo em Bengala, onde é capitão e rei Sebastião Gonçalves Tibau; mas entrando-se no mar tiveram outra trisca, assaz perigosa e baralhada, mas com o mesmo sucesso. Enfim por mercê do céu chegaram a

Bengala, levando consigo todo o cabedal que salvaram, e as vidas de que já na Índia se fazia pouca conta. O Ovai se recolheu com o exército de terra e armada do mar, sem fazer nada em Tanacarim.

Partimos de Negapatão por terra e fomos dormir a primeira jornada a uma aldeia assaz nomeada por um famoso Pagode que nela há, que se chama Trivalor. Por tôda esta terra, com buscar com os olhos, não vi pedra nem outeiro ou terra mais alta que outra, tirando os valados que a arte dos lavradores tem feito para derivar e reter a água, com que se colhem três novidades de arroz; e na verdade a terra é das melhores e mais férteis que tenho visto. Mas tornando ao famoso Pagode de Trivalor, de uma fermosíssima quadra de pedra preta de cantaria, com muros muito altos, mas sem ameias, com que fica servindo de fortaleza, tem quatro portas respondentes uma à outra na grandeza e obra; as duas principais são de figuras de relêvo das histórias de seus infames Pagodes, repartidas por fora em onze painéis ou quadros, uns maiores outros menores, e por dentro em nove ou dez sobrados; são em forma piramidal quadrada, mais larga na dianteira; o remate de cima é como uma tumba nossa com quatro conchas, uma em cada parte, obra por certo digna da soberba luciferina que aqui reina, nem me lembra ter visto outra de tanta magestade e custo; as portas por que se entra tôdas são de pedra preta, uma só de cada parte, de quarenta palmos em alto, as duas das ilhargas são algum tanto baixas e de obra chã.

No meio dêste grande pátio ou cêrca está a casa do Pagode, não menos custosamente lavrada; mas logo parece, na escuridade que mostra ainda de fóra, ser morada do Príncipe das Trevas. E por esta mesma causa tem ordenado a seus ministros que de noite lhe façam tôdas as suas festas e procissões; e eles lho guardam à risca, não passando nenhuma, que lhe não tirem sua fi-

gura a passear em procissão, umas vezes com mais aparato, outras com menos, conforme a solenidade dos dias ou das noites. E nesta que aqui estivemos safu a procissão, com muitas e grandes luminárias diante atravessadas em tábuas, e não poucas bailadeiras (que os Pagodes para êste efeito sustentam) e vários tangeres. Iam diante quatro ou cinco andores com alguns Pagodinhos; detrás ia outro maior, como principal, que eu nunca pude divisar o que era, passando por bem perto; todos iam cobertos de flores.

Para estas procissões fazem a propósito as ruas muito direitas, largas e chãs, para por elas poderem correr os carros que para êste efeito têm, de muito boa madeira, sôbre quatro rodas muito grossas, bem necessárias para tão grande máquina, porque têm nêles os mesmos reparamentos ou quartões que nos portais, com as mesmas figuras, e só a diferença está em aquelas maiores serem de pedra, e estas de madeira, e por isso mais perfeitas a seu modo. Dentro da quadra há várias casas de hospedagem para os romeiros; entre elas à mão direita de cada porta principal vi duas da mesma obra, em uma das quais contei dezassete naves de colunas de mármore preto, tendo ao que mostrava mais de quarenta colunas no comprimento. Além destas há outras casas mais pequenas e muitas colunas com boa ordem levantadas; e assim, julgando a vulto, me pareceu que seriam perto de duas mil. Junto desta fortaleza, que disso serve, está um tanque quadrado da mesma grandeza. Êste tem no meio uma ilha, e nela situada outra casa do demónio, assaz grande; é êste quadrado, algum tanto mais comprido que largo, mas pouco, e de uma parte a outra não se divisa uma pessoa, se é homem, se mulher. Tinha o demónio antigamente aqui de renda sessenta mil patações, que os Naiques lhe foram agourentando de sorte, que hoje só (dizem) tem mil pardáus. Ê êste dedicado ao Lingau,

o mais torpe de todos os falsos deuses desta gentilidade, antes é a mesma torpeza; e este é o que reina por todo este Pande, até pelos caminhos debaixo das árvores tem suas estátuas.

Depois de caminharmos dois dias, sempre por fermosíssimas várzeas de arroz, que respondem com três novidades no ano, por serem não só regadas do céu, mas com levadas de água tirada das ribeiras à vontade dos lavradores, e passando por infinitas aldeias que estão à vista e ainda à fala umas das outras, sem em tôdas elas aparecer parede nem telha, senão taipas feitas à mão, cobertas de palha, tirando os Pagodes que todos são de pedra e cal, chegámos a Tanjor, côrte do Naique, que é justamente a sua fortaleza, por estar cercada de fortes muros e barbacã mui bem torreada, e com sua cava de água à roda, tirando nas portas.

Antes da cidade, meia légua, caminhámos por uma rua muito larga, e de uma parte e outra coberta de árvores semeadas umas juntas das outras, de sorte que fazem uma perpétua sombra aos caminhantes, e que chega até os arrabaldes da cidade que para tôdas as partes são grandíssimos. Aqui nos agasáhamos e detivemos três dias em umas casas de prazer do Naique, que êle nos mandou aparelhar; estão elas fora dos muros no meio de um espaçoso terreiro, junto das quais está uma forte parede de pedra e cal, levantada de sorte que por cima dela se podem os elefantes pegar com as trombas e ferir com os dentes; e aqui os vem êle ver pelejar. Dêstes tem êle mais de duzentos, dos quais cada dia duas vezes se vinham alguns ensaiar sôbre a parede, trazendo muitos dêles os dentes cheios de anéis de ferro, uns mais, outros menos, assim por galantaria como por fortificação.

A casa é quadrada, tôda sôbre abóbada de tijolo e cal, muito forte, tem muitos arcos abertos em lugar de cancelas para todos quatro ventos, com duas varandas

sôbre a parede que disse; no meio tem uma grande charola quadrada em baixo, com arcos e abóbadas encontradas com muito artificio e graça; os corredores ao redor são da mesma obra e traça, e, a serem mais largos e desimpedidos dos pègões ou colunas do meio, podiam ser imitados em tôda a parte.

Em um dos três dias que aqui estivemos, cafu a festa do seu Pagode chamada Tromba do Elefante, e assim o pintam com a tromba por nariz e grande barriga. E a êste dedicam o princípio de tôdas suas obras; por ser grande comilão lhe oferecem neste dia côcos; e em especial o próprio Naique lhe ofereceu neste dia cincoenta mil côcos, que todos se lhe deviam quebrar na cabeça. Digo isto porque, passando eu acaso por uma rua no meio da qual estava um dêstes Pagodes, vi um Brâmane, que lhe tinha sacrificado e estava sacrificando muitos côcos; e a estátua era de pedra preta e o sacerdote estava com os braços arregaçados no meio de muita gente, e tomando os côcos dava rijo com êles na cabeça do Pagode, e quebrando-os sôbre ela derramava a água do côco e lavava o Pagode todo e as flores de que estava ornado; e tinha quebrado tantos, que além de todo o chão à roda estar molhado, tinha feito um rêgo por onde a água corria, e no fim uma cova arrazoada cheia de água.

Da côrte do Raju, que é rei sôbre todos estes Naiques, ao qual êles pagam grandes tributos, veio o principal Brâmane, que é como entre nós o Papa, trazer a êste de Tanjor doze ou quinze mil pardaus, que o Raju cobrou nas páreas dêste Naique, que para honrar o seu Brâmane em um dêstes dias o foi visitar com grande acompanhamento, levando-lhe as páreas, e sôbre elas um rico presente; o Brâmane lhe fêz outro de um elefante e outras peças, mas o com que lhe quis gratificar o que lhe fazia foi com ir a casa do Naique conceder-lhe uma indulgência plenária a tôdas suas mulheres, com lhas fer-

rar tôdas nos braços com uma chapa ou chavão quente, pagando-lhe pelo trabalho uma moeda de ouro cada pessoa; o mesmo fêz depois a todos os que a quiseram alcançar, ou para melhor dizer, dar o fanão; o que muitos escusaram, não tanto por pagar o preço, como por terem notado noutra que veio fazer o mesmo pouca limpeza ou muita torpeza, do que êste se mostrou sentido, mas ainda ganhou bem.

Sáimos de Tanjor por outra rua, mais fermosa que a por que nêle entrámos, assim na largura em ser muito direita, igual e sombria, como finalmente por ser muito mais comprida. Porque chegando a uma caudalosa ribeira, boa meia légua da cidade, cuidei que era o limite eterno da rua, mas passada achei que continuava na mesma forma quási outro tanto, e a julguei por entrada digna de outra mais populosa cidade.

Sáimos aquêlê dia do estado de Tanjor, e fomos dormir no de Maduré (que é o maior no poder e riquezas dos três Naiques), em uma aldeia chamada Sentacale, defronte de um Pagode nada inferior nos portais ao de Trivalor, ainda que a cêrca não era de cantaria, mas de tijolo e cal, que emfim nestas partes só a idolatria está de pedra e cal, encastelada em custosas e inexpugnáveis fortalezas. Aqui vi uns homens que com muito cuidado acarretavam água para o Pagode, e, inquirindo-os, disseram que era para se lavar o Pagode, que até com isto querem os Brâmanes autorizar seus lavatórios, dizendo que também os Pagodes se lavam.

Partidos daqui, andámos a maior parte do dia por terras iguais às de Tanjor; mas passando umas ribeiras fomos achando a terra somenos; e lá pela tarde achámos as primeiras pedras dêste caminho, que parece são já raízes das afamadas serras do Gate, e estes foram os montes de Trichenepali, que é a principal fortaleza do Naique de Maduré, e onde, quando se vê em algum apêrto, ou se

teme do Raju, se recolhe e defende. Esta fortaleza ou grande cidade está situada nas raízes de um alto monte, e consta de três cêrcas, duas quadradas e uma redonda; esta cerca o monte à roda pelas raízes ou pé dêle, da qual o maior, que é a cidade terá de comprimento um bom tiro de falcão, e pouco menos de largura. O comprimento da quadra segunda, que é a fortaleza e se continua com a cidade, é a largura da mesma cidade (ficando mais estreita sua largura por ir entestar no monte), e depois desta se vai continuando. A cêrca redonda, que disse, cinge o monte e tudo; tem maior circuito que a cidade de Évora. Os muros de que é cercada com suas barbacãs e tórres muito amiudadas, tudo é de pedra preta de cantaria, com seis palmos de parede, e suas ameias muito juntas, e por dentro são de entulho; e começando em mais de cincoenta palmos, por tôdas as partes vão subindo por degraus altos de tijolo, e acabam em cima em vinte e seis palmos largos. Da porta da barbacã da cidade até à de dentro tem dois reveses fortíssimos de cantaria, e a fortaleza três ou quatro. Além disso a cidade, com a fortaleza, tem suas cavas largas e fundas com água.

Pude ver e notar tudo isto, porque o Naique nos mandou agasalhar dentro da fortaleza, num baluarte em cima do muro, que por curiosidade andei medindo.

Sobranceira a esta fortaleza em que mora o Naique está outra, posta e fabricada sôbre um vivo rochedo, que é um Pagode, que a fica senhoreando. Dêste Pagode descia tôdas as noites uma procissão com muitas luminárias, tangeres e bailes, e acabava em outro pequeno, que abaixo lhe fica; e também de quando em quando se ouvia uma voz grande em tom de prégador, que eu desejei de entender o que dizia, mas, como era longe, só o tom se ouvia. No mais alto do monte, em cima de uma grande pedra que está pendente sôbre o Pagode grande

e a cidade tôda, aparece de muitas léguas outro Pagode; a pedra sôbre que está fundado tem forma de cabeça ou tromba de elefante, ou seja natural ou artificialmente. Neste se acende tôdas as noites um facho, para que, vendo-o, tôdas as aldeias que estão espalhadas por aquelas largas campinas se lembrem de fazer reverência ao demônio; pois não vejo outra cousa de que possa servir, estando tantas léguas pelo sertão dentro; vi eu algumas vezes subir muita gente ao cume do monte, e dar muitas voltas ao redor dêste Pagode, o que parecia por devoção e penitência; e era boa! É esta fortaleza muito vigiada com contínuas rondas, que três e quatro vezes acorrem de noite ao som de atabalinhos, trombetas e bâtegas ou bacias, que vão tocando com fachos acesos. Artilharia não vi mais que quatro ou cinco peças de ferro, grandes, às portas; mas tem reparios, como uma légua afastados desta fortaleza, no meio daquelas campinas, como senhor delas.

Vimos outro monte mais pequeno e baixo, mas redondo, e no alto dêle feita de novo uma fortaleza quadrada, em que nos disseram estava de contínuo presidio de gente, que guardava estas terras. Está também êste monte cercado de muro pelas raízes.

Ao dia seguinte depois de chegarmos, mandou o Naique desta fôrça visitar ao padre com um presente de algumas galinhas, um carneiro e um cesto de arroz; em retôrno do qual, o foi o padre Provincial visitar com outro saguate bem diferente. Fêz êle ao padre muita honra, assentando-o junto de si em um feltro, em que estava. Eu cuidei que fôsse negro como os outros, e achei-me com um cafrão mal assombrado, e o julguei por outro Sardanapalo porque nem falava, nem respondia a propósito. E em todo o tempo que com êle estivemos, só perguntou se tínhamos mulheres (tendo para si que sem elas se não pode viver); e dizendo-lhe que não, ficou es-

pantado, mais duvidoso que crente, porque por si medem aos outros. Em poucos destes gentios se acha primor; e assim nos aconteceu com este, porque depois de tudo isto mandou pedir ao padre alguma peça, o qual lhe mandou um copo de madre-pérola com seu pé dourado, por não levar outra coisa; elle o enjeitou outra vez, pedindo outra cousa melhor; mas certificado de que o padre a não levava, e não se fiando no oferecimento que o padre lhe fêz de lhe mandar de Cochim, e por outra parte vendo que tínhamos olas muito honradas do Naique grande, e ainda uma para elle mesmo, para que nos desse gente de guarda até Maduré, houve de nos despedir com honra, mas não quis que fôsse sem lhe deixarmos o copo, que enjeitara, e assim o mandou pedir; que estes são os seus primores, e já pode ser que por isso a natureza os cobriu de tais côres, que por mais que o sangue lhes acuda ao rosto, nunca apareça; e como se não vê, dá-lhes pouco ou nada que se sintam e vejam nas pouquidades, e sendo riquíssimos, como este é, fazem tanto caso de cousinhas de meninos. E sôbre tudo pediu ao padre lhe mandasse alguns côvados de veludo verde de Portugal.

De Tunchenepali até Maduré pusemos dois dias e meio, caminhando sempre entre altas e ásperas serras, tôdas cobertas de frescos arvoredos, como ordinariamente são as da Índia que eu tenho visto, e ainda em partes cultivadas, mas o caminho era por campinas, sementeiras já de arroz, como as passadas, senão de milho, e povoadas de muitas aldeias, e por vales sombrios desabitados, não porém sem mêdo e perigo de ladrões. E assim um destes dias amanhecemos entre babéis e vozes de gente e de atabalinhos, que de tôdas as partes soavam, e se viam à muita pressa chamar a gente para a guerra, pelos ladrões terem na madrugada passada assaltado uma aldeia e levado dela boa prêsa. O sobressalto foi tanto maior, quanto tôda a gente corria para onde nós cami-

nhávamos, e alguns passageiros, que iam diante, à muita pressa voltavam para trás; nós contudo, passando adiante, em breve com o favor do céu saímos do limite destes alaridos; mas não do temor dos ladrões, que ainda nos ficavam por proa em um vale, meia jornada de comprido, muito estreito e melancolizado pelas altas serras que o cercam e espessos matos de que está cheio; e por esta causa se não passa senão pela manhã ao sair do sol, e com cáfila de gente bastante para poder resistir aos ladrões; para o que, nas duas pontas deste vale ou mato, que só está duas léguas de Maduré, há guarda que faz esperar os passageiros uns pelos outros; mas nós começamos este passo na tarde, sem guarda mais que a dos nossos Anjos, e ao pôr do sol saímos da outra parte sem perigo algum.

Os ladrões que infestam estas serras e matos se chamam Maravás, dos quais a destreza e atrevimento no furtar é o dote para casarem, porque, se tais se não têm mostrado neste exercício, não acham quem com eles queira casar; e sobretudo são tantos e tão senhores dos matos, que além de nunca o Naique grande os poder sujeitar nem trazer à sua obediência, indo um ano destes passados em romaria ao Pagode de Remanancor, lhe deram na retaguarda onde levava a sua recâmara, e lha tomaram, temendo êle também o levassem com ela e apressando o passo para lhes não ficar nas mãos; e fôra bem empregado, por se ter ido ao Pagode pesar três vezes: a primeira a prata, a segunda a ouro, e a terceira a pérolas. Vejam agora lá se acham alguns Príncipes cristãos que façam tais votos e os cumpram, ou tenham e mostrem tanta devoção como esta? Dos nossos que aqui residem não falo, porque o faço na ánuã.

Ê esta cidade muito grande em circuito, muito povoada de vária sorte de gente, rica de trato, e não menos fresca e de bons ares, cercada de muros e de barbacãs,

com muitas tórres, e sua cava muito grande de água. Aqui vi já algumas casas de Duréis e capitães, mais autorizadas por serem de pedra e cal com seus terrados. Os paços do Naique, com serem térreos, são muito soberbos e majestosos, porque antes de chegar ao lugar onde êle dá a audiência, se passa por três pátios assaz espaçosos e altos, com muitas colunas e varandas tôdas pintadas. À porta dêstes pátios, com que se fica fazendo o quarto, se vai agora lavrando uma tórre tôda de pedra preta de cantaria, que, se subir acima na forma que leva, será uma das cousas soberbas não só da Índia, mas do mundo; porque a área que tomam os alicerces é muito grande, e como vão já fora da terra mais altos que um homem, com os muitos arcos e portas que levam, mostram fábrica não de tórre, mas de uns fermosos paços; e o título com que se faz esta tórre é para pôr nela um relógio.

Tem esta cidade, que está assentada em uma campina rasa, mas no meio de dois montes, dentro em si o famoso Pagode de Chocanado, que *in re* é o mesmo Lingau de Trivalor, mas êste excede muito na magestade e grandeza do edificio, assim na quadra, como nos portais, que são quatro tórres altíssimas, que se vêem de muito longe, e como finalmente na devoção que todos lhe têm e reverência que lhe mostram, porque nenhum de longe enxerga seus corucheus, que logo com as mãos sôbre a cabeça lhe não faça zumbaia, como eu vi e notei a muitos, considerando quanta vantagem nos levam êstes cegos no respeito que devemos aos templos sagrados. Agora fabulizam êstes gentios que, invejando o seu deus Vesnú a honra que aqui tinha o Lingau, mandou contra êle um elefante que o Lingau converteu em um dêstes montes; o que sabido por Vesnú, mandou a sua cobra Nante; do que avizado o Chocanada a converteu em outro monte. E estes são os dois entre que está Maduré. E assim fi-

cou a torpeza do Chocanada vencedora e senhora de tôda esta terra, como na verdade o está.

Aqui foi o padre Provincial visitar ao Naique, que o recebeu com muitas honras e favores, um dos quais foi falar-lhe naquele dia, em que por ser de festa não dava audiência a estrangeiros; mas, como o padre estava para se partir, houve de cortar por tudo. Falou-lhe em pé, encostado em uma coluna à vista do seu trono, que era uma cadeira de marfim dourado, guarnecida de veludo verde, e foi o primeiro a que deu audiência, estando a varanda cheia de todos os seus grandes, um dos quais era um Henachasim, que ficava junto de mim e havia poucos dias tinha vindo de Tutocorim, aonde fôra com um exército fazer guerra ao rei, matando-o a êle, com mulheres e filhos, sem perdoar a cousa de sua casa, o que até os gentios notaram por castigo do céu; e, falando no caso não houve quem não afirmasse que assim o permitiria' Deus Nosso Senhor, pelo atrevimento que teve em prender um padre nosso, quando estávamos na Costa, e ser o principal em nos lançar dela. Seja o que fôr, nêle acabou sua geração.

Saiu o Naique muito galante com um turbante ou carapução dourado na cabeça, ornado de ricas pérolas, umas fermosas orelheiras, um colar ao pescoço, que lhe descia até à cinta, de safiras mui grandes, entressemeado de pérolas tamanhas como ovos de pombas, mas não vi entre elas nenhuma perfeitamente redonda; cingia-se com um relho de esmeraldas e pérolas do mesmo toque e feição, tendo no meio uma muito avantajada na grandeza e fermosura; nos braços trazia umas manilhas ou braceletes largos de três dedos, com três e quatro pedras destas engastadas em cada um, e as pedras eram quadradas, e enchiam o vão dos braceletes. Vinha todo açafroado, com uma cabaia muito fina, os pés descalços à usança da terra, e neles uns chempos ou tamancos pre-

sos entre o dedo polegar e o vizinho, com uma formosíssima pérola. Bem é verdade que nos fêz esperar um pouco, dizendo que se queria ataviar para aparecer galante diante do padre que lhe ofereceu um presente de várias peças, sendo a principal um relógio a seu modo, que para êste efeito mandou fazer em S. Tomé, de que muito gostou, e das mais peças, que recebeu com rosto alegre e aprazível de mancebo que é; falou poucas palavras, mas com majestade e a propósito. Essas dizia a um grande privado seu, e aquêlê as tornava a referir ao intérprete que o padre levava, e na mesma forma era a resposta do padre, que falava com o intérprete, e êste com o privado que a repetia ao Naique. O padre Provincial lhe encomendou e entregou os padres que tinha naquela cidade, pedindo-lhe os quisesse tomar debaixo da sua protecção; o que êle aceitou, oferecendo-se para tudo o que lhes fôsse necessário; e êste foi todo o intento e fim da visita e presente, em retôrno do qual mandou logo dar ao padre Provincial cinco pachavelões, que são uns panos pintados, um carapução a modo de mitra, semelhante ao que tinha na cabeça, e uma cabaia de veludo da terra. Ao padre André Bucerio, e a mim, mandou dar a cada um quatro pachavelões mais somenos, com que nos despediu. E não montaram pouco estas públicas honras que fêz aos padres, que logo se viu na diferença com que os grandes despois nos tratavam, levantando-nos as mãos, e ainda de longe. E porque ao dia seguinte nos partíamos, na mesma tarde mandou visitar ao padre por aquêlê seu grande privado, que serviu de intérprete, que consigo trouxe uns poucos de fanões que o Naique mandava para os gastos do caminho; mas a verdade é que êles sempre ficam de ganho avantajadamente, nem nesta parte querem perder por primores seus foros e costumes antigos.

Dois dias gastámos de Maduré até Palião, que está no pé das serras do Gate, que necessariamente havíamos

de subir para passarmos a esta costa da Índia. Fazem aqui estas serras um regato a modo de gancho ou anzol, porque indo correndo direitas do Norte para o Sul até o Cabo de Comorim, aonde vão acabar, aqui na parte de dentro voltam para trás na mesma altura algumas léguas, ficando na forma que digo como anzol do mundo, cujo vão, nesta paragem de serra e terra, é uma planície de pouco mais de uma légua, onde está a aldeia Palião, e depois se vai estreitando por espaço de duas até o canto, que fica em menos de meia, com serras de uma e outra parte muito íngremes e altas, tôdas porém cobertas de fresco arvoredado aprazível à vista. A campina em baixo é povoada de muitas aldeias ricas de gado, mas diferentes, na traça das casas, de tôdas as outras; porque, sendo a matéria a mesma, de barro e palha, na feição tôdas se parecem com as choças dos pastores da nossa terra, ou com palheiros do campo, mas muito baixinhos.

Não éramos bem chegados a Palião, quando um genitio veio buscar ao padre Provincial para lhe dar os agradecimentos de um bem que lhe fizera havia dois anos, quando por ali passou a primeira vez. E o caso foi que, tendo êste homem uma filha a quem o demónio visivelmente, sem lhe valer remédio algum, vexava e tratava muito mal, nestes trabalhos andava o pobre quando o padre ali chegou. E chegando-se ao padre afincadamente lhe pedia alguma mezinha. O padre lha prometeu, dando êle sua palavra de não adorar mais, nem fazer reverência ou cerimónias aos Pagodes. Tudo a necessidade lhe fêz prometer, ainda que não sei se o cumpre. Por remate, o padre lhe deu um papel em que estavam escritos três vezes os Santíssimos Nomes de Jesus e Maria, com estas palavras em baixo: *Diabo, em virtude destes Santos Nomes te mando que nunca mais atormentes esta creatura de Deus.* O padre lho mandou, e êle obedeceu, se havemos de dar crédito ao mesmo que recebeu o escri-

to, porque, tornando dali a alguns meses por aquêlê lugar um moço que o acompanhava, êle lhe disse que nunca o demónio mais lhe atormentara a filha — e ainda agora nos certificou o mesmo — enquanto lhe durara o papeliinho, que enfim se gastou. E por esta causa veio agora à muita pressa, e com grande confiança, pedir outra mèzinha como aquela; com as mesmas condições e promessas o padre lha deu, e com ela se foi muito contente e satisfeito.

A tarde do dia seguinte gastámos em subir a serra pelo mais baixo e fácil, que com o ser é assaz dificultoso, por ser a subida, de uma légua, muito íngreme, de voltas e boa parte de penedia bem fragosa, e o que mais me espantou é saber e ver que por aqui, por onde eu escassamente podia subir com grande trabalho, sobem e descem cada dia cáfilas de bois carregados.

No fim desta subida foi a primeira vez que, depois que parti de Portugal, vi silvas; no fim desta trabalhosa subida dormimos, e dali partimos já manhã clara, não acabando de passar as serras em dois dias, a bom andar e não descansar. Pelo que, julguei terem de largura nesta paragem doze ou quinze léguas, andando nós muitas mais pelas muitas subidas e descidas, voltas e revoltas, porque caminhámos levando umas vezes o sol nos olhos, outras a uma e outra ilharga, e algumas nas costas, com que êste caminho fica sendo muito mais comprido do que é. Atravessámos os matos imensos de tôda a sorte de madeira; os palhegais contínuos, e que a partes cobrem um homem a cavalo; os vales em parte profundíssimos, e todos cheios de frescos arvoredos, e muitos de canas, cujos canudos são de três e quatro palmos de comprido; bambus sem conto (que são outra sorte de canas da Índia), tão altos, que dos vales se igualam aos montes, tão direitos e grossos como arrazoadas faias, cujos canudos nas noras servem de alcatruzes, e nos poços de baldes. E aqui os vi

mais em número e mais altos e grossos, que em nenhuma outra parte, porque nascem e se criam sem haver quem os corte, só elles a si, e às mais arvores vizinhas se fazem dano, porque no verão roçando-se uns com outros pelo vento se acende e ateia o fogo nêles de maneira que ardem logo montes e vales, com tal estrondo que parece de furiosa artilharia. Há também por estas serras muita canela, mas não presta, como acima toquei. A descida por esta parte do Malabar será de duas léguas, mas ainda assim trabalhosíssima e dificultosíssima de descer, quanto mais de subir; e, com esta passagem ser tão frágosa e tão cheia de matos acomodados para salteadores, e de ordinário tão freqüentada de contínuas cáfilas e passageiros, é segura de ladrões, porque os não há. Muitos rios caudalosos, infinitas ribeiras perenes, regatos de água sem conto, e todos têm sua queda para este Malabar; e daqui vem ser elle todo tão cortado de frescos rios, todos navegáveis, que mais parece mar cheio de ilhas, que terra firme regada de rios. E na verdade quem do alto do Gate, donde se descobre todo este Malabar, olha para baixo, não parece que vê senão um grande mar, e assim é todo plano e igual. Bem é verdade que, ainda depois de descida a serra, caminhámos nós meio dia por entre montes e serras, que são as raízes que o Gate lança para esta parte, e por entre elas e infinitas ribeiras chegámos a Tinguré, onde descansámos na primeira igreja de S. Tomé, que se chama Santa Maria por ser dedicada à Virgem.

E pois cheguei ao alto da serra, donde se descobre a maior parte do Malabar, que só parece um espaçossíssimo Oceano, tão plano e uniforme, tão quieto e ondeado, que para tôdas as partes por elle se estende a vista, e pois me vejo já entrado no reino de Tinguré, metido em uma igreja dedicada à Virgem Mãe de Deus, dos cristãos a que comumente chamámos da Serra—havendo-os com mais razão de chamar de S. Tomé, pois na serra nenhuns de-

les habitam, senão todos espalhados por estes reinos do Malabar, divididos em suas povoações apartadas, a que chamam bazares, onde têm suas igrejas mui fermosas, tôdas de pedra e cal, e com sua cêrca quadrada à roda,— de tudo isto quero dar a V. R. uma brevíssima relação; porque entendo folgarão lá de ouvir o número dos reinos que encerra êste Malabar, e o das igrejas que nêle há.

O que comumente chamamos Malabar é de costa que corre Norte Sul pouco mais de noventa léguas, desde a ponta do Cabo do Comorim até à nossa fortaleza de Cananor, e pela terra dentro doze ou quinze léguas somente até o pé das serras do Gate, que nesta distância pouco mais ou menos vão servindo de muro a êste coucão, com poucas aberteiras, e essas não pouco dificultosas de passar, por que se comunicam as duas costas. Neste distrito, que digo, há cincoenta e nove senhores absolutos, entre Reis e Caimães, que têm continuamente pagos para a guerra duzentos e trinta e sete mil setecentos e cincoenta soldados, sendo a ordinária para cada mil uma légua de terra quadrada, aos que em comedias da terra se paga, porque a muitos se satisfaz o salário em fanões. Entre estes Reis há alguns que têm pagos trinta mil, outros vinte, quinze e dez mil, e até de cinco mil, de dois mil, e de quinhentos e de trezentos soldados, pagos de ordinário para a guerra; mas isto afora gente dos cultivadores das terras e dos mercadores, que quando são necessários acodem a seus Reis; dos quais, todos os mais pequenos e de menos poder estão confederados e aliados com os mais poderosos, assim para deles serem defendidos, como para acudirem a seu chamado para as guerras que lhes sucedem.

Por todos estes Reis estão espalhados os cristãos de S. Tomé, repartidos e divididos em muitos bazares, nos quais há ao presente cento e três igrejas sujeitas ao Arcebispo de Cranganor, e nelas mais de cincoenta mil cris-

tãos, os quais, se assim como estão espalhados, estiveram unidos e reconheceram uma cabeça temporal, fãcilmente puderam ser senhores de todo êste Malabar por sua valentia. É tôda esta terra tão fresca, que parece um aprazível pano de armar, tôda cortada de caudalosos e frescos rios de água doce, que das serras descem, e com êles tão dividida em ilhas sem número, que mais parece mar, que terra firme; e muitos querem que já o fôsse até o pé da Serra. E com isto acabo, pedindo a V. R. me perdoe o enfadamento que com esta comprida, indigesta e mal composta leitura desta nossa peregrinação lhe causei, em pago do qual nos santos sacrifícios de V. R. me encomendo muito.

H. G.
30903

ÍNDICE

	Págs.
III — Naufrágio da nau Conceição	5
IV — Sucesso das naus Águia e Garça. . . .	49
V — Descrição da Cidade de Columbo	79

INDICE

212

2

3

4

III - Estado de las cosas
IV - Sucesos de las cosas
V - Descripción de las cosas

